BRASILIANA

5. SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 -- OLIVEIRA VIANA: Raça e Assimilação -- 3.º edição aumentada. 8 -- OLIVEIRA VIANA: Populações Meridionais do Brasil -- 4.º edição.
- 9 Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado > 2 * edição. 22 E. Roduette-Pisto: Ensaios de
- 22 E. Roquette-Pinto; Ensaios de Antropologia Brasillana.
- 27 Ai predo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 59 ALFREDO ELLIS JUNIOR: OS Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 ANGIONE COSTA: Introdução à Arqueologia Brasileira Ed. ilustrada 2.º edição.
- 137 Anfibal Matos: Prehistória Brasileira Vários Estudos Edição ilustrada.
- 148 ANIBAL MATOS: Peter Wilhelm Lund no Brasii — Problemas de Palcontologia Brasileira. Edição ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 Pandiá Calógeras: O Marques de Barbacena 2.º edição.
- 11 Luis da Câmara Cascudo: O Conde d'Ev Vol. ilustrado.
- 107 Luic da Câmara Cascuno: O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870) Ed. ilustrada.
- 18 VISCONDE DE TAUNAY: Pedro II 2.ª edição.
- 20 ALBERTO DE FARIA: Mauá (com tres ilustrações fóra do texto).
- 54 Antônio Gontijo de Carvalho: Calóieras.

- 65 João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 73 Lúcia Miguel Pereira: Machado de Assis (Estudo Crítico-Biográfico) Ed. ilustrada.
- 79 Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbú Sua vida e sua atuação na política nacional 1840-1889.
- 81 Lemos Brito: A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império — Frei Caneca — Ed. ilustrada,
- 85 Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo Ed. ilustrada.
- 88 Helio Loso: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 114 Carlos Süssekind de Menronça: Silvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada,
- 119 Sub Menucci: O Precursor do Abolicionismo: Luiz Gama Ed. ilustrada.
- 120 Pedro Calmon: O Rei Filósofo Vida de D. Pedro II Ed. ilustrada 2.ª edição.
- 133 Heitor Lira: **História de Dom** Pedro II — 1825-1891. 1.º Vol.: "Ascenção" — 1825-1870 — Ed. ilustrada.
- 133-A Heitor Lyra; História de Dom Pedro II — 1825-1891, 2.º Volume: "Fastigio"; 1870-1880 — Ed. ilustrada. 135 — Alberto Pizarro, Jacobina:
- Dias Carneiro (O Conservador) Ed. il. 136 Carlos Pontes: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839 1875.
- 140 HERMES LIMA: Tobias Barreto
 A Epoca e o Homem Ed. ilustrada.
- 143 Bruno de Almeida Macalhães:
 O Visconde de Abaeté Ed. ilustrada.
 144 V. Corrêa Filho: Alexandre
- Rodrigues Ferreira Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro Ed. II.
- 153 Mário Matos: Machado de Assis. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor) Ed, llustrada.

157 — OTAVIO TARQUINO DE SOUZA: Evaristo da Veiga — 1.º vol. da serie "Homens da Regencia".

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

- 71 F. C. Hoehne: Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI (Pesquisas e contribuições).
- 77 C. DE MELO-LEITÃO: Zoologia do Brasil Ed. ilustrada.
- 99 C. DE MELO-LEITÃO: A Biologia no Brasil.

CARTAS

- 12 Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Ed. ilustrada.
- 38 Rui Barbosa : Mocidade e Exilio (Cartas ineditas, Pretaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) Ed ilustrado.
- 61 CONDE D'EU: Viagem Militar ao Rio Grande do Sui (prefácio e 19 cartas do Principe d'Orléans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada
- 109 Georges Raeders: **D. Pedro II** e o Conde de Gobineau (Correspondência inedita).
- 142 Francisco Venâncio Fillio: Euclides da Cunha e seus Amigos Ed. ilustrada

DIREITO

110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

- 90 Alpreco Ellis Junior: Evolução da Economia Paulista e suas causas — Ed, ilustrada.
- 100 e 100-A Roberto Simonsen: História Econômica do Brasil — Ed. ilustrada — em 2 tomos.
- 152 J. F. Normano: **Evolução Econômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
- 155 Lemos Brito: Pontos de partida para a História Econômica do Brasil.
- 160 Luiz Amaral: Historia Geral da Agricultura Brasiletra Na triplice aspecto Politico-Social e Economico: 1.º volume.

162 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA: O Pau-Brasil na Historia Nacional— Ed. Hustrada— com um Capitulo de Artur Neiva e Parecer de Olivelia Viana

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 Primetivo Moacir: A instrução e o Império (Subsidios para a história da educação no Brasil) 1.º volume 1823-1853
- 87 Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 2.º volume Reformas do ensino 1854-1888.
- 121 -- Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) -- 3.º volume -- 1854 1889.
- 147 Primerivo Moacir: A Instrução e as Provincias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1835-1889 — Le volume: Das Amazonas ás Alagõas.
- 147-A -- PRIMITIVO MOACÍR: A Instrução e as Provincias (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) 1835-1889. 2.º Volume: Sergipe, Baía, Rio de Janeiro e São Paulo.
- 98 FERNANDO DE AZEVEDO: A Educação Pública em São Paulo — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 BATISTA PEREIRA: Figuras do Império e outros ensalos — 2.º cdição, 6 — BATISTA PEREIRA: Vultos e episôdios do Brasil — 2.º edição.
- 26 -- ALBERTO RANGEL: Rumos (
 Perspectivas.
 - 41 José-Maria Belo: A inteligencia do Brasil — 3,ª edição,
 - 43 A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.
 - 56 CHARLES EXPILLY: Mulheres e Costumes do Brasil Tradução, prefácio e notas de Gastão Penaiva,
 - 70 Aponso Arinos de Melo Franco; Concelto de Civilização Brasileira.
 - 82 C. DE MELO-LEITÃO: O Brasil visto pelos Ingleses.
 - 105 A. C. Tavares Bastos: A Província 2.ª edição.
 - 151 A. C. TAVARES BASTOS: Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.

116 — ACENOR AUGUSTO DE MIRANDA: Estudos Pinuienses — Ed. ilustrada. 150 — Roy Nasu: A Conquista do Brasil — Tradução de Moncur N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

KTNOLOGIA

- 39 E. ROQUETTE-PINTO: Rondônia 3.º edição (aumentada e ilustrada).
- 44 Pstevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.
- 112 ESTEVÃO PINTO: OS Indígenas do Nordeste 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro) Ed ilustrada.
- 52 General Couto de Magalhães: O Selvagem 3.º edição completa, com parte original Tupf-guarant.
- 60 FMILIO RIVASSEAU: A vida dos Indios Gualcurús Ed. ilustrada.
- 75 Aponso A. de Freitas: Vocabulário Nheensatú (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Lingua Tupi guarani (com 3 ilustrações fora do texto).
- 92 Atmirante Antônio Alves Câ-Mara: Ensulo Sobre as Construções Navals Indígenas do Brasil — 2.º edição flustrada.
- 101 HERBERT BALDUS: Knsalos de Etnología Brasileira — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Ed. ilustrada.
- 139 Angione Costa: Migrações e Gultura Indígena — Ensaios de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.
- 154 Carlos Fr. Pinti von Martius: Natureza, Doengas, Medicina e Remédios dos Indios Brasileiros (1844). Trall Prefácio e notas de Pirajá da Silva — Ed. ilustrada.
- 163 MAJOR LIMA FIGUEIREDO: Indios do Brasil Prefácio do General Rondon, Ed. Ilustrada.

FILOLOGIA

- 25 Mário Marroquim: A língua do Nordeste.
- 46 RENATO MENDONÇA: A Intiuência Africana no Português do Brasil Ed. ilustrada.

FOLCLORE

57 — FLAUSINO RODRIGUES VALE: Elementos do Folciore Musical Brasileiro. 103 — Sousa Carneiro: Mitos Africanos no Brasil— Ed. ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 CAP. FREDERICO A. RONDON: **Pelo Brasil Central** Ed. ilustrada, **2.º** edição.
- 33 J. DE SAMPAIO FERRAZ: Meteorologia Brasileira.
- 35 A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil — Ed. ilustrada — 2.ª edição, 53 — A. J. de Sampaio: Biogeografia dinâmica — Ed. ilustrada.
- 45 Basítio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
- 63 RAIMUNDO MORAIS: Na Planície Amazônica 4.ª edição.
- 80 -- OSVALDO R. CABRAL: Santa Catarina Ed. ilustrada,
- 86 Aurélio Pinheiro: A Margem do Amazonas Ed. Hustrada.
- 104 Araujo Lima: Amazônia A Terra e o Homem (Introdução à Antropogeografia).
- 106 A. C. TAVARES BASTOS: O Vale do Amazonas 2.º edição.
- 91 ORIANDO M. CARVALHO: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco Ed. ilustrada.
- 97 LIMA FIGUEIREDO: Oéste Paranaense Ed. ilustrada.
- 138 Gustavo Dont: Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi Prefácio e notas de Gustavo Barroso. Ed. il.

GEOLOGIA

- 102 S. Fróus Abreu: A riqueza mineral do Brasil Ed. ilustrada.
- 134 Pandiá Calógeras: Geologia Econômica do Brasil (As minas do Brasil e sua Legislação) Tômo 3.º, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 OLIVEIRA VIANA: Evolução do Povo Brasileiro 3.º edição (ilustrada).
- 13 VICENTE LICÍNIO CARDOSO: A margem da História do Brasil 2.º edição.
- 14 PEDRO CALMON: História da Civilização Brasileira 3,ª edição.
- 40 PEDRO CALMON: História Social do Brasil — 1.º Tomo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.º edição, ilustrada com 13 gravuras.

83 — Prdro Calmon: História Social do Brasil - 2.º Tomo - Espírito da Sociedade Imperial - Ed. ilustrada. 15 - PANDIÁ CALÓGERAS: Da Regencia à queda de Rozas - 3,º volume (da

série "Relações Exteriores do Brasil"). 42 — PANDIÁ CALÓGERAS: Formação Histórica do Brasil - 3.ª edição (com

3 mapas fóra do texto).

23 - FVARISTO DE MORAIS : A escravidão africana no Brasil.

36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano -- 2.º edição.

37 - J. F. DE ALMEIDA PRADO: Primeiros Povoadores do Brasil - 2. Ed. l'ustrada.

47 - Manori Bompim: O Brasil --Com uma nota explicativa de Carlos Maul. 48 - Urbino Viana: Bandeiras e sertanistas bajanos.

49 -- Gustavo Barroso: História Militar do Brasil - 2.ª Edição ilustrada com 50 gravuras e mapas.

76 - Gustavo Barroso: História Secreta do Brasil - 1.8 parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" -Edição Hustrada — 3.º edição.

64 - GHBERTO FREIRE: Sobrados e Mucambos - Decadências patriarcal e rural no Brasil - Edição ilustrada.

69 -- PRADO MAIA: Através da História Naval Brasileira.

CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA! As Fôrças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.

93 — Seratim Little: Páginas da História do Brasil.

94 — SALOMÃO DE VASCONCULOS: 0 Fico - Minas e os Mineiros da Independência - Edição ilustrada.

108 - - Padre Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões comentados por Pedro Calmon.

III -- Washington Luiz: Capitania de São Paulo -- Govêrno de Rodrigo Cesar de Menezes -- 2,ª edição,

117 - GABRIEL SOARES DE SOUSA Tratado descritivo do Brasil em 1587 -- Comentários de Princisco Adolfo de Varnhagen - 3,* edição,

123 - HERMANN WATTEN: O Dominio Colonial Holandes no Brasil - Um Capítulo da História Colonial do Século XVII - Tradução de Pedro Celso Uchoa Cavolcanti.

124 — LUIZ NORTON: A Côrte de Portugai no Brasil - Notas, documentos

diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina - Edição ilustrada.

125 - JOÃO DORNAS FILHO: O Padroado e a Igreja Brasileira.

127 - ERNESTO ENNES: As Guerras nos Palmares (Subsídios para sua história) Lo Vol. Domingos Jorge Velho e a "Trôia Negra" - Pretácio de Atonso de E. Taunay.

128 e 128-A — Almirante Custônio José de Melo: O Govêrno Provisôrio e a Revolução de 1893 1.º Volume. em 2 tomos.

132 - Sebastião Pagano: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 -Edição ilustrada.

146 -- AURPLIO PIRES: Homens e fatos do meu tempo.

149 -- ALEREDO VALLADÃO: Da Aclamação à Maioridade, 1822-1840 - 2,1 edição.

158 WALTER SPALDING: A Revolução Farroupliha (História popular do grande decênio) - 1835-1845 Ed a. 159 - Carlos Seidler: Historia das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1835 - Trad, de Alfredo de Carvalho - Prefacio de Silvio Cravo,

MEDICINA E HIGIENE

29 -- Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil -- Prefácio do prof. Pedro Escudero, 2.ª edição,

51 Otávio de Freitas: Doencas Africanas no Brasil.

AFRÂNIO PEIXOTO: Clima e Saúde -- Introdução bio-geográfica à Civilização Brasileira,

POLÍTICA

- Alcides Genfil: As idélas de Alberto Torres (Sintese com indice remissivo) - 2.* edição,

7 - BATISTA PEREIRA: Diretrizes de Rui Barbosa -- (Segundo textos esco-Ibidgs) -- 2, edicão,

21 - BATISTA PEREIRA Pelo Brazil Malor.

16 - Alberto Turres: O Problema Nacional Brasileiro. 2. edição,

Aliulero Torres: A Organização Nacional. 2,ª edição.

PANDIA CALOGERAS: Problemas de Administração -- 2.º edição.

Pandia Calógeras: Problemas de Govêrno -- 2.ª edição.

- 74 PANDIA CALÓGERAS: Estudos Históricos e Políticos (Res Nostra...) 2.º edição.
- 31 AZEVEDO AMARAL: O Brasil na crise atual.
- 50 Mário Travassos: Projeção Contino tal do Brasil - Prefácio de Pandiá alógeras - 3.º edição ampliada.
- 55 HILDEBRANDO ACCIOLY: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.
- 131 HILDEBRANDO ACCIOLY: Limites do Brasil -- A fronteira com o Paraguai -- E 1470 ilustrada com 8 mapas fora do texto.
- 84 ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Município Ed. ilustrada.
- 96 Osorio da Rocha Diniz: A Política que convém ao Brasil.
- 115 A. C. TAVARES BASTOS: Cartas do Solitário 3.º edição.
- 122 FERNANDO SABOIA DE MEDEIROS: A Liberdade de Navegação do Amazonas Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
- 141 OLIVEIRA VIANA: O Idealismo da Constituição 2.º edição aumentada.

VIAGENS

- 5 Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay 2.º edição.
- 58 AIGUSTO DE SAINT-HILAIRE : Viagem à Provincia de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira
- 68 -- Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz --1.º tomo -- Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 78 Augusto de Saint-Hilaire : Viagem às nascentes do Rio São Fran-

- cisco e pela Provincia de Golaz 2,º tomo Tradução e notas de Ciado Ribeiro de Lessa.
- 72 Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem ao Interior do Brasil "Espírito Santo" Trad, de Carlos Madeira,
- 126 e 126-A Augusto de Saint-Hilaire Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais Em dois tomos Edição ilustrada Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 19 APONSO OU E. TAUNAY: Visitantes do Brasil Colonial (Séc.XVI-XVIII), 2.4 edição.
- 28 -- Genfral Couto de Magalhães: Viagem ao Araguala -- 4.ª edição.
- 32 C. DE MELO-LEITÃO: Visitantes do Primeiro Império Ed. ilustrada (com 19 figuras).
- 62 --- AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco -- Edição ilustrada.
- 95 Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Süssekind de Mendonga — Ed. ilustrada.
- 113 GASTÃO CRULS: A Amazônia que Eu VI Obidos Tumuc-Humac Prefácio de Roquette Pinto Ilustrado 2.º edição.
- 118 Von Spix e Von Martius: Através da Baía — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 130 Mayor Frederico Rondon: Na Rondônia Ocidental — Ed. ilustrada.
- 145 Silveira Neto: Do Guairá aos Saltos do Iguassú Ed. ilustrada.
- 156 ALPRED RUSSEL WALLACE: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basilio de Magalhães.
- 16! Rezende Rubim: Reservas de Brasilidade Ed. Ilustrada.

ADVERTENCIA: Os numeros referem-se sos volumes por ordem cronologica de publicação.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo



INDIOS DO BRASIL

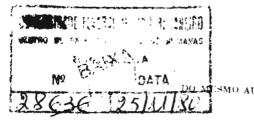
Major LIMA FIGUÊIREDO

INDIOS DO Brasil

Prefacio do
GENERAL RONDON



COMPANHIA EDITORA NACIONAL SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIPE — PORTO-ALEGRE 1939



NESTA SERIE:

OESTE PARANAENSE. Vol. 97

EM OUTRAS EDITORAS:

LIMITES DO BRASIL
TERRAS DE MATTO GROSSO E
DA AMAZONIA
NOSSOS SOLDADOS

EM PREPARO:

O ACRE

Nº SISTEMA 17012/ Nº REG AD

Nº COD BARRAS 204755-50 6 John 12 3/2 - 19

Adição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo

INEP: 3636

07/1/1/201

Aos meus amigos

FERNANDO DE AZEVEDO
HENRIQUE VELHO
TRISTÃO ALENCAR ARARIPE

dedico este livro.

O Autor.

INDICE

	resentação Aacio .													17 39	
	Primeira Parte														
TRIBUS AMERINDIAS															
Os	mundura	cús.												73	
	parecis .													82	
Os	maués													88	
Os.	guayeurús	s .												94	
	poianauas													99	
Os	tembés .													104	
Os	carajás .	٠.												112	
Os	nhambiqu	iáras	s .			,								117	
	tupynaml													122	
Os	lamoyos													129	
	pariquis.													134	
	jauaperys												,	140	
	uananas													146	
	tupiniqui													151	
	ticunas e														
	I — tic													155	
	II — on													158	
In	lios do A			•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	100	
														13.4.4	
	mashcos											-			
US	cachinauá	ts .	•					•	•				٠	165	

14 Lima F	Figueirêdo
-----------	------------

Habitantes primévos da America .

	curinas .												171
()s	carijós	. ,											176
Os	kepi-kiri-uats	S .											180
Os	aymorés e o	s boti	ucu	dos	:								
	I Os ay	morés	ŝ.							,			184
	II Os bo	tucud	os										186
Os	guanás .												190
Os	cariris .												193
Os	goyanazes										,		197
Os	miranhas e	os re	mo:	s:									
	I Os mi												200
	II Os rei	nios											203
Os	guatós										_		206
Os	barbados e o												
-50	I — Os ba												210
	II — Os ar		-				•	•	•	•			213
Λe	tapuias .			-			•	,			•	•	215
	•						•	•	•	•	•		219
	lios do litora						•	•		•	•	•	222
	lios de Matto	_						•				. ,,	
	stumes origin.								٠.			ν.	230
	tre os caiabi											•	233
	pacificação d											•	237
	lios do Amaz								•	,			241
1110	nos do Amaz	,()1146.3	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	241
		:	Segi	UND	a P	'AR1	Έ						
	(CHRO	NIC	AS	IJ	NDI	GE	NA	S				

Indios do	•	Bra	asi	1				15
O indio e a musica								265
Lingua brasileira								269
Deuses dos selvagens								273
O prazer das indias velhas .								277
Damiana - A india missiona	ri	a.						280
Hans Staden						. '		283
Indios itinerantes								287
Cerámica indigena								291
O casamento entre os indios.								2.95
O cerco de Iguarassú								299
Um cacique general								302
Nas cabecciras do Xingú .								306
Embarcações indigenas								311
Alimentação dos nossos indio	s							315
Festas e dansas dos tupys .								319
Ajuricaba								325
Os mais bellos e os mais feio	s	ind	ios	do	Br	a s il		330
A victoria régia e sua lenda								334
O matte e suas lendas								340
Bibliographia								347



La Victoria,
7 de Aristoteles de 84/150
4 de Março de 1938.

Meu caro Lima Figueirêdo Rio.

Venho me desobrigar, hoje, depois de tão prolongado praso, da incumbência que me cometeste de proemiar o ten novo livro, inspirado como o primeiro, nas tuas excursões pelas nossas fronteiras. Te remeti as nótulas que me foi possivel reúnir nêste êrmo das Tres Fronteiras em que me encontro, sôbre os Incolas do Brasil, biológica e socialmente aparentados com os outros da América do Sul, Centro América e Antilhas. A maioria dêles é fruto de emigrações precolombianas, quiçá prehistóricas.

Penso com Pablo Mantegazza, que: "Clasificar en un ordem natural los indigenas de la America Meridional es uno de los más arduos problemas de la etnografia, y de tantos que lo abordaron, el más afortunado es el que ha cometido menor numero de errores".

Ofereces assim á critica do público ledor, a curiosa e elucidativa relação etnográfica dos Indios do Brasil.

Certo será ela apreciada pelos teus multiplos leitores com a devida e merecida simpatia a quem empenha esforços intelectuais para publicar o que sabe e o que apreendeu em observações perquiridoras pelos escaninhos dos lindes da Pátria, com o nobre intuito de colaboração na difusão dos conhecimentos da nossa terra e da nossa gente.

Inicias a enumeração dos elementos que constituem o conjunto dos aborigenes que povoam e povoaram a extensão do território brasileiro pelos intrépidos guerreiros Mundurucú, Sub-grupo guarani, senhores do vale do alto Tapajós e sub-vales dos rios Pitunzi, Crepuri, Cadereri, Cabetutum e Cururú, na região que Ayres de Cazal denominou Tapajônia, mesopotámia encravada entre o Tapajós e o Xingú, que tanto seduziu o infortunado Coronel Fawcett.

E' sabido que o Engenheiro Manoel Antônio Gonçalves Tocantins, descobridor da bôca dos campos do Cuminá, que se estendem á falda do Tumucumaque, entre o rio das Trombetas e o Parú — de Leste, visitara em Julho de 1875 as aldeias dessa nação de Indios e apresentou ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro uma copiosa Memória sôbre os estudos que fizera daqueles indios, formidaveis inimigos que foram dos Maué e Apiacá, e aínda o são dos Parintintin, Tapanhuna, Nhambiquara e outros desconhecidos.

Nêsse tempo podia-se contar ainda una população de cerca de 20 mil almas, entre as diversas aldeias, dentre as quais sobresaía no Cadereri a de "Nicodemos", considerada pelas tradições dêsse lendario povo como berço do genero humano, segundo a lenda "Carú-Sacaebê".

As crônicas brasileiras mencionam a primeira missão católica entre êsses indios instituida em 1797 por missionarios italianos. Franciscanos Capuchinhos, instalada em Curi, 50 Kms. acima de Santarém. Outros Franciscanos fundaram em 1799 a missão de Santa Cruz e mais outra em Uxituba em 1803.

Decorrido mais de meio século, em 1871, fundara-se acima das Cachoeiras, a missão de Bacabal, que funcionou até 1881, sob renhidas lutas e acusações da população do Municipio de Itaituba e negociantes regatões do Tapajós contra os Frades missionários e dêstes contra aquelles.

Ao restaurar em 1910 a Missão do cristalino contravertente do Paraguai confiou a Prelatura de Santarém aos Padres Frei Chrisostomo Adams, Frei Luiz Wand e Frei Hugo Mence a evangelica incumbência.

Estes sacerdotes subiram aquelle magestoso rio, por onde os cuiabanos navegavam para negociar guaraná com os indios Maué no Amazonas, e procuraram em fim de 1910 o rio Cururú, que aflue no Tapajós pela margem direita, pouco abaixo da confluência do rio Teles Pires, antigo São Manoel ou rio das Tres Barras.

Subiram-no até a entrada dos campos gerais, onde depararam com a aldeia "Capepi-uat". Ai lançaram as bases da missão franciscana, sucessora das que com o mesmo intuito cristão se fundaram no mesmo Tapajós no fim do século 18.º e começo do 19.º

Quando em Fevereiro de 1911 a Expedição do Juruena, chefiada pelo saudoso, então Capitão de artilharia, Manoel da Costa Pinheiro, acompanhado dos naturalistas brasileiros Frederico C. Hoehne e J. Geraldo Kuhmann e 1.º médico Dr. Murilo de Campos, atingira o Tapajós na barra do Teles Pires, pouco tempo havia que aquelles frades acabavam de explorar a Mundurucânia para a escolha de novo local em que se reinstalaria no vale a nova missão franciscana.

O botânico Hoehne acompanhado do médico Dr. Murilo visitara no rio São Tomé a aldeia "Santo Antonio Assentou o Pé" e no Cururú muitas outras, entre as quais a do Tuhicháua "Apompeu", que foi o vaqueano da sub-turma até a maloca Capepi-uat, onde aqueles cientistas da Expedição do Juruena, encontraram o inicio da fundação da Missão dirigida na ocasião por Frei Hugo Mence e Frei Luiz Wand, que viajavam para Santarém. O Estabelecimento que se compunha de alguns ranchos e uma Capela provisória coberta de folhas de palmeira, estava guardado apenas por um camarada.

O Tuhicháua da Malóca, João Huacú, acolhera com hospitalidades os missionarios que nêle encontraram o apoio necessário para levantar os créditos da nova Missão franciscana do Tapajós, que parece próspera hoje.

Em 1920 ella mudou sua séde para o lugar "Terra Preta" no próprio río Cururú. Presentemente domina 25 malócas dêsses indios da vertente oriental do Cururú para os campos gerais, imensa clareira existente nas nascentes dêsse río, formada na densidade da floresta amazónica.

Cada malóca é constituida de oito grandes ranchos, quatro (ec-ha) residência exclusiva de mulheres e os outros quatro (rec-sha), em que só vivem homens.

Os ec-ha estão situados á margem do Cururů; os rec-sha (quartel dos homens) nos campos gerais, para o interior a certa distancia dêste.

* * *

Conheces as Missões salesianas, que operam no alto Araguaia e no rio Negro; as Dominicanas, que funcionam no baixo Araguaia e no médio Tocantins com séde em "Conceição do Araguaia".

São essas missões, e as franciscanas, as que mais atividade vêm desenvolvendo pela civilização cristã entre os incolas brasileiros.

Os Jesuitas, recentemente se estabeleceram em Diamantino, ao norte de Cuiabá, com o projeto de penetrar o vale do Xingú e nêle estender a tradicional atividade catequista que a Companhia de Santo Ignacio de Loyola produziu nos séculos das Descobertas e das Conquistas por toda a America do Sul e Centro America.

Cada uma dessas Missões opera em reduzido centro de populações indigenas.

O grupo salesiano do Araguaia, organisára as Reduções do vale do rio das Garças com uma parcela dos Borôro, do alto vale araguaiano, pacificada pela Comissão Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia nos anos de 1890 a 1893.

Retomou a Missão de Mato Grosso a iniciativa da pacificação dos indios Chavante, do rio das Mortes, inaugurada pelo então Padre Malan, quando ainda Inspetor da Missão, naquele Estado, e continuada por alguns anos mais, infelizmente sem êxito possível.

Os Padres Fuchs e Sacilotti se incumbiram da empreza iniciada por aquele sacerdote, sendo infaustamente vitimados por aqueles indios em 1.º de Novembro de 1934.

O Padre Hipolito Chorelon substituiu na chefia os devotados catequistas, com intenção de resolver o problema do rio das Mortes.

Mais avisado que seus predecessores, lançou mão do metodo da Comissão Telegráfica, sistematizado pelo S. P. I., de tentar a atração dos selvicolas mediante deixa de presentes adequados nos lugares de seu transito diário, como demonstração da simpatiz aos mesmos oferecida pelos seus visitantes.

E parece, pelas noticias publicadas na Revista "O Cruzeiro" de 8 de Janeiro passado que a tentativa vai surtindo efeito á margem do rio das Mortes, onde o Missionário já duas vezes conseguiu transmitir áqueles indigenas a demonstração objetivada.

Oxalá possa atingir a meta colimada! E si tal acontecer será a primeira pacificação sistemática realizada contemporaneamente por missionários religiosos.

Com o grande concurso de numerário anualmente fornecido á Missão Salesiana pelo Governo Federal, como subvenção; com os óbulos do povo católico brasileiro e do povo italiano, e possível auxilio da própria Congregação, tem ela elementos para a realização do propósito cristão com que pretende engrandecer os vales do Araguaia e do rio Negro, conquista moral que exaltará a Cidade Santa, que manda e orienta as Missões nos Continentes em que operam as Congregações religiosas missionárias.

As Missões dominicanas são as que menos têm conseguido das simpatias governamentais. Assim mesmo, foram as herdeiras do precioso material do Pôsto "Redenção Indigena" do Araguaia, extinto após a Revolução por supressão de crédito.

Com séde em Conceição do Araguaia, seu Chefe, o Bispo Don Sebastião, se esforça por ministrar o batismo aos Carajá e Javahé do baixo Araguaia, e aos Caraó, Apinagé e Cherente do médio Tocantins, oficio a que se entregam em desobriga os Padres congregados para a catequese naqueles afastados vales.

O próprio Bispo se interna em obediência á sua evangélica missão, apostolando pela selva a dentro como tive ocasião de saber pessoalmente em Conceição do Araguaia quando por aquela Cidade passei em 1929 demandando as fronteiras do Norte que então inspecionava.

O Bispo se encontrava has cabeceiras do rio Fresco, afluente do Xingú, em tentativas de atração dos Indios Caiapó, da horda que vagueia por aquela região.

O Grupo mais próspero da Missão salesiana é o que funciona no Rio Negro com séde em São Gabriel, centro coordenador dos orgãos catequistas localizados no seu grande afluente o rio Waupés, com as denominações: Missão Indigena de Taracuá e Missão Indigena de Jauaretê-Cachocira, além das Missões civis propriamente de São Gabriel e Barcelos.

Acredito no empenho de todas as Missões religiosas, em colaborar diretamente na administração da República com a sua proclamada boa vontade desinteressada, visando a vinculação do espirito cristão nos seus catecúmenos.

Esse desejo me fizera transparecer em um discurso com que me recepcionou em Cuiabá, o ilustrado e digno Arcebispo D. Aquino, quando em 1911 visitava eu em inspeção regulamentar a Missão do rio das Garças.

Mas, o nosso regimen republicano não permite o regalismo; veda a intevenção de colaboração direta de missionários religiosos na proteção oficial do Indio, especificadamente em não:

"Estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos; e, em não firmar relações de aliança ou de dependência com qualquer culto ou Igreja".

Nossas leis, baseadas no mais sagrado interesse da nacionalidade, a manutenção da Liberdade e da Independência, declaram perentoriamente, que: "E' de competência privativa da União legislar sôbre a incorporação do selvicola á comunhão nacional":

e que:

"os atos, decisões e serviços federais serão exercidos em todo o Pais por funcionários da União, ou, em casos especiais, pelos Estados, mediante acôrdo com os respectivos governos".

E' óbvio pensar, que a pretesto de religião, fosse de boa politica entregar a educação dos incolas brasileiros, e zonas de nossas fronteiras a catequistas extrangeiros, como são quasi todos os padres católicos ou pastores protestantes, que missionam no Brasil.

E hoje, mais do que nunca, devemos estar em guarda contra o espirito imperialista das grandes Potencias que dominam o Mundo pela Força dos seus colossais Exércitos, poderosas Esquadras e formidavel Aviação Militar e Civil.

A Historia nos ensina que os Conquistadores, de todos os tempos, lançaram, como batedores dos terrenos a conquistar, legiões de bravos, abnegados e devotados Mssionários.

Com o espirito nacionalista que domina hoje o Mundo podemos confiar nos catequistas extrangeiros?

Sirvam-nos de lição as afirmações do Padre Carletti, Inspetor da Missão Salesiana, na conferência oferecida ao povo paulista no Circulo Italiano de São Paulo, publicada na integra no "Fanfulla" de 5 de Maio de 1935:

•			,	•				٠	٠	•	•		•	•	•	•	٠	٠	٠	٠	٠	٠	٠	•	•	•	٠	•	•	•	•	•	•	•	٠	•	٠	٠	٠	٠	•	٠	•	•	•	•
٠	• •		•	•	٠	٠	•	٠	٠	•	•	,		•	•	٠	,	٠	٠	•	٠	٠	٠	٠	•	٠	•	•	•	•	•	٠	٠	٠	•	٠	٠	٠	٠	•	٠	٠	٠	•	٠	,
1.	٥	-		-	(Įı	1	e	()	•	1	15	si	11	O	•	a	0	S		iì	1	d	i),	į	n	h	t) \$		é		f	ei	it	o		t	a 1	m	ı	è	1	13
					e	n	n		i	į	ıl	i	a	n	o				•														•	•	•		٠					,		٠	•	٠
٠	•			•	٠	•	٠	•	•	٠	•	•	٠	٠	•	•	•	٠	٠	٠	٠	•	•	٠	٠	٠	•	•	•	•		٠	•	٠	٠	٠	٠	•	٠	٠		,	٠	٠	٠	,

- 2.º Que os indios das colonias salesianas entram em forma, habitualmente, nas Aldeias para assistir o hasteamento da bandeira italiana ao som da "Giovineza";
- 3.º Que o Padre Sacilotti enuncia, em telegrama ao seu superior, a sua divisa de penetração no sertão do Brasil:

"Spedizione in marcia verso ignoto — morale elevatisimo — pensiero genitori, superiori, Italia — Viva D. Bosco".

Tenhamos bem de memória o lema politico do Marcehal de Ferro:

"Confiar desconfiando" ---,

para não nos iludirmos com o canto da sereia, tão bem entoado por todas as Missões religiosas.

A mais importante das que funcionam no Brasil, a Salesiana, no substancioso opusculo recentemente publicado sob o titulo: "Pelo Rio Mar" — embala o espirito nacional com pomposas declarações:

"A actuação lenta mas constante e decisiva dessas medidas fundamentais, integradas paulatinamente por outras iniciativas do mais elevado alcance social, poderão introduzir num proximo futuro elementos estaveis e eficazes para o rerguimento dessa imensa região". (Fronteira da Venezuela e Colombia) — "Aos intuitos humanitarios, que presidem a essa obra, cumpre acrescentar as finalidades de ordem nacional e estratégica (dito por um italiano), considerando as condições de completo abandono desse

imenso hinterland brasileiro — outrora contestado

Nesse intuito a Missão tem creado escolas, asylos e officinas, divulgando a alphabetização no seio dos indios com pequenas escolas ruraes e proporcionando-lhes instrumentos de lavoura, officinas de carpintaria, modestas serrarias para a construção de casas e moveis, e o culto da Bandeira Nacional (consagrado por extrangeiros: italianos e alemães), elementos todos fartamente distribuidos em quasi todas as aldeias fundadas"

Parece, a nós que nos interessamos pela Solução do Problema Indigena brasileiro, conveniente reavivar a historia da expansão, ou imperialismo religioso, em toda Terra, mas especialmente na América do Sul.

A teocracia jesuitica estabelecida no Paraguai na época das Conquistas e da Colonização é bem caraterística, para não nos deixar duvida que "as organizações extrangeiras trabalham com fito de beneficio próprio, visando a formação da riqueza da Congregação e a consecução do seu predominio político e social".

Geralmente as congregações catóticas, que dizem não ter Pátria, trabalham sob a influência moral e política de duas nacionalidades e duas bandeiras, como Monsenhor Carletti (Faufulla de 5 de Maio de 1935) tacitamente fez sentir em sua já referida conferência de São Paulo perante o Circulo Italiano daquela Capital.

No momento oportuno um dos sentimentos nacionalistas decidirá da resolução a adotar quando preciso.

Por isso, cumpre-nos o dever de precaução, não comungando na boa fé absoluta, muito exagerada, do nosso povo e quiçá do Governo, de simpatia cega pelos Missionários religiosos, aconselhando a prudência, política nêstes tempos, o afastamento das Missões extrangeiras de nossas fronteiras e mesmo — dos nossos sertões, onde vão firmando o patriomónio da Congregação em terras que conseguem por doação dos Estados, para a comunhão do Vaticano, a pretesto de religião e civilização dos nossos Indios. Não sabemos si êsses extrangeiros são ou não agentes espontâneos ou sistemáticos de seus Paises de origem.

A concordata do Quirinal com o Vaticano é uma realidade.

Garantindo-lhes a liberdade de acôrdo com as nossas leis, será permitida a sua propaganda religiosa por conta própria e do modo como mais lhes convier, uma vez que não perturbem a ordem pública.

Nunca com auxilio oficial, sinão com patriótica fiscalização dêsse apostolado que não deve jamais infringir a Carta Magna da República.

No Serviço de Proteção aos Indios a opinião corrente é que:

"Seria um incalculavel bem para o Brasil se, por todos os sertões e fronteiras, houvesse ao lado dos ludios, em cooperação leal com o S. P. I e agindo no seu domínio espiritual próprio, um sacerdote brasileiro, virtuoso e desinteressado, e patriota, como o padre nordestino Alfredo Pinto Damaso, — o amigo, defensor e catequizador dos indios de Aguas Bellas".

Do seu opusculo: "Pelos Indios" me permito transcrever trechos da peroração relativa á sua missão evangélica de Catequista nacional.

"Sacerdote cathólico, gasta a mocidade nos adustos sertões deste pobre Nordeste, tanto mais querido

quanto mais vergastado por toda sorte de infortunios — menos a inclemencia das seccas, que injustiças que revoltam, e o impatriotismo deploravel dos que têm o dever de conduzir a Pátria pela estrada larga do progresso e da paz, fui sempre um revoltado contra toda sorte de injustiças, quer se trate de pequenos e humildes, quer firam a dignidade e a honra de pessoas de responsabilidade definida, maximé em se tratando de homens conhecidos como distinctos e feaes servidores da mesma Pátria.

"E' este sentimento de revolta quem dita estas linhas: Filhas da gratidão, de uma pobre gente que represento, possam clas, embora tardiamente, servir de lenitivo e conforto aos bondosos patricios dedicados ao "Serviço de Protecção aos Indios"...

Admito que haja defeitos e faltas a se corrigirem no "Serviço de Protecção aos Indios" como creio que no systema actual de catechese haja muita coisa a desejar-se.

Porque, infelizmente, muito longe vac já o tempo dos Anchieta e Manoel da Nobrega.

Corrijam-se pois os defeitos e, de mãos dadas — Protecção e Catechese - cumpram a missão belisima que se impuzeram, de amparar e salvar o Indio, material e espiritualmente.

Que importa ser positivista parte da gente da "Protecção" quando lhe é vedado catechizar e quando a obra da catechese é inteiramente livre? Tanto melhor ainda! Porque então, divididos os trabalhos, definido melhor o campo de acção, emquanto uns se encarregam de proteger e amparar o Indio, encaminhá-lo pela vida, cercando-o de conforto até incorporá-lo á sociedade, outros — os catechistas — lhes ministram os ensinamentos do Evangelho, inoculando-lhes no coração os principios salutares da Fé que salva e que redime.

No Posto dos Carijós sempre me deixaram livre esse campo de acção, e tinham eles os indios a maxima liberdade de pensar e se lhes respeitavam as crenças, quer quando se entregavam á pratica do "Queixaticá-lhá" nas florestas, debaixo de suas arvores sagradas, quer quando se agrupavam em festas em torno de sua Capelinha dedicada á "Inayá-sá-lhá" - - A "VIRGEM MAE".

* * *

Ao Governo da União cumpre o dever de proteger os indios, amparando-os na sua infância social, no primeiro degrau da Evolução em que se encontram. Garantir-lhes a vida, sua liberdade, a propriedade de suas terras e o patrimônio moral da Tribu, a organização da Familia, é dever imperioso do Governo Brasileiro.

Educando-os sob o metodo de respeito á sua liberdade espiritual, o ensino oficial conserva e amplia o acérrimo amor que guardam á Terra de seus antepassados,
fazendo-lhes compreender que o pedaço de terra que êles
amam deveras, é parte integrante da grande terra denominada Pátria, a que êles e todos nós, seus irmãos mais velhos, em civilização, pertencemos, podendo apelidar de
Pátria pequena aquele trato de terra em que a Tribu tem
ação imediata e abrange concretamente pelo espirito e
pelo coração — com mais segurança.

Incutindo-lhes bem vivamente êsse sentimento de pátria, que é essencial, para que possam melhor apreender o interesse que o Governo tem de ampará-los por uma proteção eficiente com visu de ministrar-lhes ampliação da civilização em que vivem, os agentes do governo devem ensinar-lhes, sem violencia, os processos modernos de trabalho com o intuito de sua incorporação á sociedade brasileira, para melhor servir a sua Familia e a sua grande Pátria.

Claro é que emancipado pela incorporação do seu espirito e do seu coração a novas concepçoes sociais, estará o Incola civilizado habilitado a pensar para adotar e escolher a nova Religião mais condizente com o avanço da sua mentalidade no meio em que vai agir e do qual receberá reações modificadoras do seu ser.

A proteção oficial do Indio visa essa meta liberal. A catequese opera atuando preliminarmente na mentalidade do Incola com o intuito de substituir bruscamente a concepção fetichista de sua organização cerebral por outra que êle não pode desde logo compreender, dando lugar a coactar o espirito do catecúmeno á aceitação de ideologias que a sua mentalidade não assimila e os seus sentimentos repelem.

Seja como fôr, no terreno da pratica social sou de opinião que a solução do Problema Indigena não pode e não deve ser encarada como um Problema Econômico que comporta solução imediata.

A evolução humana e lenta, de ritmo secular, mesmo quando ela é conduzida, como nos casos de catequese forçada, violando a liberdade natural da especie humana.

A civilização do Incola pela proteção oficial segundo o metodo republicano adotado - pelo S. P. I. não poderá fugir dessa fatalidade social.

O Estado tem o dever de suportar o pêso dessa fatalidade, quando mais não fosse por gratidão ao sacrificio a que se submeteram os povos americanos para dar lugar á formação de novas nacionalidades ocidentais com engrandecimento da civilização medieval que lutava com a Renascença do seculo 15.°, alviçareiro da Era moderna.

Não podemos, por isso, desejar que se transforme o Indio da noite para o dia em católico, protestante, positivista, ou em qualquer outro crente, e tão pouco fazê-lo trabalhador sistematico, violentando a sua organização mental.

Seria a escravização oficial posta em pratica com a preocupação de libertar o Brasil de despezas que lhe cabe aguentar para se redimir do pecado social que cometeu apoderando-se das terras dos seus primitivos e legitimos donos, — abandonando-os, por cumulo, á sua desgraça assim espoliados, e ainda por cima, perseguidos e escravizados.

O Indio no Brasil parecerá aos espiritos utilitaristas um elemento oneroso á Nação, si se encarar a questão simplesmente pelo lado econômico.

Moralmente o Indio é um elemento primitivo que a Nação abandonou no meio da selva, onde vai vegetando, perseguido em todos os recantos do hinterland pelos que em ansias de aventuras procuram explorar as riquezas dos nossos sertões brutos, onde a civilização teológica o encurralou depois de apoderar-se das suas terras do litoral e destruir a organização social e politica da sua civilização e cultura fetichistas em que feliz vivia na evolução geral da Humanidade.

Cumpre-lhe, por isso, auxilia-lo, erguê-lo á Civilização moderna, reparando o mal da conquista.

Para isso foi que a República retomou o Problema Indigena com o intuito de solucioná-lo republicamente, fundando o Serviço de Proteção aos Indios, sem nenhuma preocupação econômica imediata, nem dependencia ou aliança com as Missões religiosas que secularmente se preocupam com a catequese dos Indigenas na Africa, na Asia e na América.

O metodo que o S. P. I. empregou ao fundar o Serviço e iniciar a sua aplicação deu o resultado mais útil possivel, si atentarmos á instabilidade e deficiencia de

creditos postos á sua disposição diante da extensão territorial em que teve de agir para abranger não a totalidade da população indigena espalhada pela vastidão dos sertões, o que era impossivel, mas, pelo menos, para acudir os casos mais urgentes nos Estados em que a luta entre o Indio e o Civilizado reclamava imediata providencia.

Confessamos que melhores resultados podiamos ter alcançado, mesmo com aqueles recursos, si o S. P. I. desde o inicio de seus labores nos sertões longinquos dispuzesse de pessoal idôneo.

Em 1930, quando da transformação da administração nacional pela Revolução Brasileira, que passou a dirigir o Pais, o saudoso Diretor interino do S. P. I., Dr. José Bezerra Cavalcanti, expoz, perante o novo Ministro, sumariamente, a situação do Serviço a seu cargo, para que o novo Governo se orientasse a respeito dêsse Departamento administrativo. — Dizia:

"O Serviço de Proteção aos Indios foi creado em 1910 no Governo do Presidente Nilo Peçanha, sendo Ministro da Agricultura Rodolpho Miranda.

"Tem por fim amparar os indigenas brasileiros onde quer que êles se encontrem, defendendo suas vidas e sua propriedade, frequentemente atacadas pelos civilizados, e incorporá-los á naciolidade brasileira como membros prestantes, civica e moralmente capazes".

"Para conseguir isto dividiu o territorio nacional em um numero adequado de zonas e colocou em pontos principais uma Repartição coordenadora dos seus diversos encargos e trabalhos. Essas são as Inspetorias. Cada Inspetoria, cuja circunscrição abrange um vasto territorio no interior dos Estados, liga-se a êsses centros por uma rêde de pequenos núcleos administrativos e de ação direta sóbre os selvicolas. Esses são os Postos Indigenas, que variam de aspecto e de função, conforme se destinam a agremiar e fixar ao sólo indios semi-civilizados ou a trazer á sua jurísdição os que são ainda inteiramente selvagens".

"A tarefa do Serviço de Proteção aos Indios é vasta e múltipla. Vasta pela extensão do territorio nacional e pela quantidade de tribus existentes: multipla pela diversidade de civilizações e de necessidade dessas tribus. Seus trabalhos são, portanto, dificeis e requerem pessoal idôneo, em patriotismo, em coragem, em dedicação e pelo tacto especial, indispensavel no convivio dos aborigenes e variavel de acôrdo com as indoles e hábitos diversos dessas gentes primitivas. Esse tacto diplomático não é menos necessario junto aos civilizados que têm relações com os indios. As sédes dêsses trabalhos são, em regra, regiões longinquas, de acesso penoso e as mais das vezes perigoso, o que também requer capacidade especial de abnegação e condições morais e fisicas determinadas".

"Apezar disto o Serviço de Proteção aos Indios já pacificou quasi todas as nossas tribus amontoadas — habitual e injustamente chamadas de ferozes, — inclusive as que eram consideradas absolutamente indomaveis, tais como os Caingangues paulistas, os Botocudos catarinenses, os famosos Parintintius do Amazonas e os Urubús do Maranhão e Pará; formou diversas grandes Fazendas de gado e numerosas roças em que se cultivam todos os cereais; construiu centenas de casas nessas propriedades; abriu mais de um milhar de quilometros de estradas carroçaveis e algumas para

automoveis; fez açudes, poços tubulares e grande quantidade de cercados de pastagens; montou engenhos, moinhos e maquinas para o beneficiamento dos produtos de suas tavouras e algumas serrarias para o aparelhamento de madeiras".

"Para chegar a êsses resultados o Servico, além das Repartições coordenadoras, onde se estabelecem os planos de trabalhos e se estudam e resolvem os problemas peculiares a cada zona indigena, teve que fundar 67 estabelecimentos no interior dos Estados e que vão desde simples e remotos albergues nas florestas da Amazonia, de Mato-Grosso, de Goiaz, do Maranhão, da Baía, etc., até verdadeiras "Povoações Indigenas", com escolas e oficinas, dotadas dos principais recursos de comodidade, inclusive luz elétrica, como sucede na Araribá, em São Paulo e no Ligeiro, Municipio de Passo Fundo, no Rio Grande do Snl. A principio o Serviço de Proteção aos Indios teve como orgãos de direção geral e nos Estados oficiais do Exercito, o que foi de grande vantagem para o desempenho de tão espinhosas funções. por si a coragem, o desprendimento, a sistematica do civismo e até o natural prestigio da farda, êles fundaram na Instituição nascente uma prestimosa Escola de patriotismo que ainda hoic dá os sens frutos".

"Ao encerrar esta rapida noticia convem salientar que antes da creação dêste Serviço não somente os indios nada tinham de seu, como eram perseguidos e trucidados em diversos pontos do territorio nacional, espoliados das suas miserrimas propriedades e cruelmente ofendidos na honra de suas familias. Seus algozes eram sobretudo extrangeiros, filhos das repúblicas limitrofes, os quais encontravam apoio ou proteção nas justiças locais".

"O Serviço de Proteção aos Indios, cuidando de amparar judicialmente os seus tutelados, organizou um longo memorial descritivo da sua situação juridica, desde os tempos coloniais até aos nossos dias, e daí extraiu uma lei que ligeiramente modificada posteriormente, pelo Congresso Nacional, foi convertida no Decreto n.º 5.484 de 27 de Junho de 1928, que regula a situação do selvicola nascido no territorio nacional, lei que assegura plenamente a proteção propriamente legal das nossas tribus e que com algumas ligeiras modificações aconselhadas pela experiência tem todos os requisitos para assegurar a evolução de nossa população aborigene até sua definitiva e completa incorporação á Nacionalidade".

Meu caro Lima Figueiredo:

Vou encerrar a prolixidade desta Carta Complementar, de cujo abuso te peço perdão, com o depoimento de Roquete Pinto, na Mensagem que dirigiu ao "Serviço de Proteção aos Indios", quando Humberto de Oliveira, 1.º oficial dessa Repartição Federal, procurou defender a Instituição das acusações que os seus rancorosos inimigos lhe assacaram, logo após a vitória da Revolução de 1930:

"Recebo o convite para depor neste inquerito como verdadeira intimação formulada em nome dos mais sagrados interesses collectivos. E' a hora

das definições. Todos quantos assumiram, em consciencia, compromissos com os seus pares ou com os seus discipulos não podem mais engrossar o bando das "almas fluctuantes" de que fala Augusto Comte.

"Vivendo á margem das agitações de toda especie, engolfado com vivo enthusiasmo na obra de educar ao meu povo, por todos os meios ao meu alcance, até hoje, não falei, para não augmentar o Côro dos Inquietos.

Si me interrogam, porem, calar seria extinguir, por mim mesmo, os poucos e tenues raios de luz que o destino consentiu surgissem na minha existencia.

"Creio que o homem e a natureza são exclusivamente governados por leis inutaveis, superiores a quaisquer vontades;

"Creio que a sciencia, integrando o homem no universo, creou em sua mentalidade ao mesmo tempo uma infinita modestia e uma sublime simpathia para com todos os seres;

"Creio que a sciencia, mostrando ao homem como o odio e o amor são condicionados pelas reações do seu cerebro, deu-lhe a posse de si mesmo, permittindo que elle se transforme e se aperfeiçõe á custa de suas proprias forças;

"Creio que a sciencia, a arte e a industria hão de transformar a terra no Paraiso que os nossos avós colocavam... no outro Mundo;

"Creio que, ao lado das grandes forças que vivem no coração dos homens, jazem ali thesouros immensos de altruismo e fraternidade que a vida em sociedade ha de fazer desabrochar cada vez mais;

"Creio nas leis da sociologia positiva e, por isso, creio no advento do proletariado, conforme foi definido por Augusto Comte, que nele via uma sementeira dos melhores typos, "realmente dignos da elevação politica";

"Creio, por isso, que a nobre missão dos intellectuaes — mórmente dos professores — é o ensino e a cultura dos proletarios, preparando-os para quando chegar a sua hora;

"Creio que, sendo muito difficil conciliar os interesses da ordem com os do progresso, muitas vezes antagonicos, só existe um meio de evitar perturbação e desgraças: resolver tudo á luz do altruismo e, principalmente, da fraternidade;

"Creio que a ordem material deve ser mantida, mórmente no interesse das mulheres, que são a melhor parte de todas as patrias, e das crianças, que são a patria do futuro;

"Creio que, no estado de inquietação do mundo moderno, só ha um meio de manter a ordem material — é garantir a mais ampla, absoluta e definitiva liberdade espiritual;

"Creio cegamente no postulado de Fritz Müller: O pensamento deve ser livre como a respiração".

Eis, meu caro amigo e leal companheiro, o que me cumpria acrescentar ao pobre Prefácio que te enviei para o teu segundo livro, assim tão mal apadrinhado. Mas, não podia deixar de dizer algumas palavras mais em defesa do Indio e da raça, quando vejo e sinto a ingratidão com que geralmente são tratados, sempre que vem à balha discutir o Problema Indigena brasileiro.

"AMICUS FIDELIS, PROTECTOR FORTIS" Cicero — De amicitia

Com um longo e afetuoso abraço, mando-te os mais ardentes votos pelo êxito do teu novo livro.

Cansiso MS Monton

PREFACIO

"E" evidente de si mesmo quanto seria dificil dizer com segurança qual dos dois coeficientes — a terra e o homem, é de mais valor e mais decisivo nos destinos de uma civilisação".

ROCHA POMBO.

"Nella (terra) até agora não podemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, lho vimos; pero a terra em si é de muitos boos ares assi frios e temperados como os d'antre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora assi os achavamos como os de lá; aguas são muitas infindas e em tal maneira é graciosa que querendo a aproveitar dar-se-á n'ella tudo por bem das aguas que tem; pero o melhor fruito que n'ella se pode fazer me parece que será salvar esta gente: e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ella deve lancar, e que hi non houvesse mais ca ter aqui esta pousada pera esta navegação de Calecut abastaria, quanto mais disposição para se n'ella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, sc. o acrescentamento da nossa santa fé".

Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei —

1.º de Maio de 1500

Os primeiros pensamentos sôbre a terra e a gente do Brasil, ao ser descoberto em 22 de Abril de 1500, foram de uma nobreza e elevação moral que honram a raça luzitana e salvam a civilização cristã das maldições pósteras que os fatos justificaram pelo desvio que o Altruismo sofreu atropelado pela desregrada ambição da massa inculta com que o Reino descobridor tentou a colonisação das Terras reveladas pela Armada que da barra de Belem, em Portugal, partiu para Calecut em 9 de Março de 1500, sob o mando supremo do capitão-mór Pedro Alvares Cabral.

O português do século das Descobertas era, apezar de fragueiro e abstêmio, de aspereza independente, mistico, de tempera rija e coração duro. As suas prescrições penais não respeitavam os sentimentos de piedade. O sofrimento alheio não lhe comovia nem lhe causavam aversão as cenas do penar.

Cruezas que hoje envilecem um carater, naquele tempo eram sem significação.

Entretanto, "si a dôr fisica ou moral chegava a aplacar a rijeza da indole, ou si a paixão a inflamava, nêste caso, o coração irrompia em clamores, prantos e contorsões".

"A dureza da têmpera correspondia um aspecto agreste. A força muscular era tida em grande conta" — C. A.

Si efetivamente tratada com justica fosse a gente encontrada na suposta ilha, que tomou o nome de "Ilha da Cruz" ou "Vera Cruz", a semente nela atirada pela civilisação que a Idade Média codificou, tería de certo produzido o fruto previsto pelo Escrivão nomeado para a futura Feitoria de Calecut.

Infelizmente, como diz Capistrano de Abreu, no inicio do século XVI, Portugal, como as outras Nações, via-se a braços com a transição da Idade Média para a era moderna.

A Igreja não exercia mais as suas tradicionais prerogativas políticas — na direção da Sociedade. O tempo dos Carlos Magno passára...

Apezar da Concordata espontânea estabelecida pelos dois Poderes, reconhecendo e acatando o Estado as leis da Igreja, que dominava soberana pelo batismo e os outros sacramentos e pelo ensino, restringia o Estado o seu poder político com o placet para os documentos emanados do sólio pontificio, apezar de repartir sua jurisdição com o poder da Igreja em casos por isso denominados mixtifori.

Não obstante a aparente harmonia os atritos entre o Estado e a Igreja cram frequentes.

A Igreja relutando em abrir mão das suas antigas prerogativas políticas.

O Estado avocando faculdades novas para lutar com os onerosos legados do regime medieval.

Consequência inevitavel da anulação política do Papado, que constituia a suprema autoridade internacional do Ocidente, foi a creação de novos orgãos para as relações internacionaes, independentes do sacerdócio teológico.

Donde o aparecimento da Diplomacia com os diplomatas.

O Rei tornou-se, como o Papa na sociedade religiosa, a Autoridade jurídica de vontade absoluta na sociedade civil.

Contudo, ainda assim, a disciplina emanada do Rei não conseguia constranger os colonos.

Aventureiros e degradados atirados sôbre as plagas das terras longinquas não se subordinavam ás leis que guiam o homem na sociedade.

Uma vez lá, áquela infinita longitude da Metropole, em plena natureza virgem, êles se manifestavam tal como os seus instintos egoistas mais fortes e indisciplinados os impeliam.

Não podiam respeitar a gente que consideravam barbara, sem caráter humano, animal selvagem; indigna da consideração cristã, tão somente passivel de escravidão.

Dai a luta que em breve surgia entre os colonos e os indios, que só nos missionarios encontravam relativa condolência á sua condição e defesa á sua sorte.

Os Tamoios diziam ao Padre Nobrega em Iperoig: Fomos primeiramente seus amigos. Deixamos de sê-lo pela deslealdade e traição da sua própria gente para conosco.

Narrou Simão de Vasconcellos "que os indios da América não eram tratados como verdadeiros homens. Que podia toma-los para si qualquer que os houvesse e servir-se dêles, da mesma maneira que de um camelo, de um boi ou de um cevado, feri-los, maltratá-los..."

Frei Bartholomeu dá testemunho que os espanhóis chegaram a sustentar seus perros com a carne dos indios, que matavam e faziam em pedaços como a qualquer bicho do mato".

Diante de tamanha barbaridade cristã foi preciso que o Papa Paulo III se apressasse, pela bula Veritas ipsa, de 9 de Junho de 1537, em declarar que os indios da América eram homens, gente, e, como tal, senhores de seus bens, de sua vida e liberdade".

Entretanto, justiça seja feila aos sentimentos dos Governos lusitanos. Não cessaram de insistir em fazer cumprir as severas leis provindas da munificência dos Reis contra a escravisação dos indios por civis ou religiosos.

E Tal foi a sua severidade que deu lugar ao golpe contra os Jesuitas, que, também, por fim, mantinham o jugo disfarçado dos Indios com duplo intuito, material e político.

Porto Seguro, a respeito, como historiador declara:

"Não temos nenhuma sorte de prevenções contra os illustrados filhos de Santo Ignacio, que tão assignalados serviços prestaram á instrução publica e ao christianismo; mas, quando os documentos acusem delles algumas irregularidades, não trataremos de as contar com artificiosos disfarces, que antes pareceriam adulação injusta. Os povos viram, na pretendida philantropia e protecção dos indios, uma verdadeira decepção contra elles, quando os bracos começavam a escassear para as primeiras necessidades da industria. A côrte sem conhecimento do caráter dos indios, e influida pelos mesmos Jesuitas, julgou a principio dever libertar aquelles completamente. Representou o povo em contra, provando que os que pertenciam ás aldeias ou missões da Companhia eram sim absolutamente imunes, e protegidos contra toda classe de tropel extranho. mas que, bem considerado o caso, eram verdadeiros servos; pois trabalhavam como taes, não só nos Collegios, como nas terras chamadas dos Indios. que acabavam por ser fazendas e engenhos dos padres Jesuitas".

O bill do Ministro de D. Joxé I, o conde de Ociras e Marquez de Pombal, de 1759, pôs termo a toda e qualquer escravidão do Indio, proibida alias terminantemente desde 1548 pelo Regimento de 17 de Dezembro a Thomé de Souza, com pena de morte aos colonos que fossem buscar indios para os escravizar; reiterada pela Lei de 6 de Junho de 1755.

O mesmo aconteceu nas conquistas espanholas.

Os governos de Espanha, desde o inicio da Conquista em que a grande Rainha Isabel de Castela se pronunciou em defesa do Incola americano, depois que reconheceram estar sendo ludibriados pelos Governadores interessados, procuraram reparar a injustiça, reconsiderando todos os atos anteriores para assegurar, então, a proteção efetiva aos Indios e defendê-los não só contra a escravidão, mas tambem contra a servidão pessoal como pagamento de tributo aos encomenderos.

Bertoni em seu livro -- "La Civilisación Guarani v Etmologia refere: "El Emperador Carlos V y el Rey Felipe II ya habian dictado Cedulas en que "se abolia el servicio personal de los Indios (P. del Techo, Du Toit. Historia, II, 99). Como los Gobernadores no ejecutasen esas Cédulas debidamente, el Rey Felipe III em 1600. "dió una nueva Cédula en que proibia terminantemente el servicio personal" (J. C.) y tomó medidas para que tal ordenanza fuese rigurosamente respetada; con buen resultado parcial en Lima, Chile, Tucuman y Paraguai. pero no sin encontrar una oposición obstinada que parcialmente la neutralizara. Y el mismo Soberano, en ley promulgada en Lisboa a 13 de Octubre, disponia: "que ningun Indio de cualquier calidad que sea, aunque sea infiel, pueda ser cautivo, ai puesto en esclavitud de ningun modo, causa, ni razon, ni puede ser privado del dominio natural que tuviere de sus bienes, hijos y muier". (P. Jarque "Montoya en Indios").

Felipe IV aos virreyes exortava: "Sabeis muito bem que por numerosos decretos, eu e os reis meus antecessores, temos ordenado que os Indios dessas Provincias gozem de uma inteira liberdade, e não me sirvam sinão como os outros vassalos livres de meus reinos".

Bertoni, com muito espirito comenta: "Uma semelhante atitude nunca se desmentiu. Porem, um abismo, em função do espaço, maior ainda em função do tempo, separava a Metrópole das Colonias, e a Natureza é mais forte que o Poder dos Reis".

* * *

Quando Portugal descobriu as Indias e o Brasil a sua população era tão pequena, que não se poderia pensar na possibilidade de uma colonisação intensa e cabal das terras imensas de que se apossava por conquista aos indigenas. Sem se lançar ao metodo da mestiçagem, que empregou em grande escala na Africa e na América, permaneceriam por seculos incultas suas preciosas descobertas. Sobretudo no Brasil êsse processo teve larga expansão pelo contato do homem branco com a incola americana e com a negra importada intensamente da costa ocidental da Africa.

A mesticagem com o elemento africano era mal vista, contrariamente ao que se passava com o elemento americano. Com o andar dos tempos, porém, os mulatos ganharam terreno, impondo-se á sociedade.

Já no século XVIII, cita Capistrano de Abreu, um escritor célebre dizia: "O Brasil é inferno dos negros, purgatorio dos brancos e paraiso dos mulatos".

Da memoravel Armada "Belem-Calecut", o primeiro luso que desembarcou em terra dos Brasis foi um dos companheiros de Vasco da Gama.

Nicolau Coelho saltou em terra no primeiro porto em que a frota tocou, com ancoragem de 23 braças. Conseguiu observar alguns naturais, atraidos pela curiosidade; espantados por tamanha surpreza. Confiantes na nobreza da gente branca que nunca tinham visto, animavam-se a comercio novo de troca de seus produtos pelos da gente que lhes parecia poderosa e bôa.

Não sendo, entretanto, bastante abrigada a enseada do aportamento, foi procurada outra ancoragem para a frota, alcançada dez leguas ao Norte.

"Ao sabado pela manhã mandou o capitão fazer vela e fomos demandar a entrada, a qual era muito larga e alta, de 6 a 7 braças, e toda las naus dentro e ancoraram em 5 e 6 braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão fremosa e tão segura que podem jazer dentro mais de duzentos navios e naus".

Da excelência do porto resultou o nome de "Porto Seguro", com que foi batisado pelo capitão mór.

Num ilhéo da baia foi cantada a primeira missa no Brasil; a 26 de Abril, Domingo de Páscoa, por frei Henrique de Coimbra, guardião dos frades franciscanos, que acompanhavam a poderosa Expedição pacifico-belicosa, por D. Manuel enviada á India, a maior, até então desprendida de Portugal para as Descobertas: 1500 soldados, negociantes aventurosos, aventureiros, mercadorias variadas e dinheiro amocdado.

• • •

O Brasil ao ser francamente revelado pela Armada de Pedro Alvares Cabral era densamente povoado.

O Abade Durand, um dos antigos autores que escreveu sôbre o Brasil, relata que "em todo o vale do Amazonas, do seu extenso estuário até as suas mais altas cabeceiras, os incolas eram tão numerosos, que pareciam enxames de mosquitos".

Sabido é que o célebre Cabo, que acompanhou Pedro Teixeira a Quito, Pedro da Costa Favela, descobridor do rio Negro, só no pequeno rio Urubú, afluente do

Amazonas, incendiou 700 aldeias matando e aprisionando seus habitantes.

Um cálculo não exagerado, feito por Bertoni sôbre o numero de reduções existentes e aldeias independentes, das bôcas do rio Mar a Gurupá e seus arredores, dá para essa seção do Amazonas uma população de 2.500.000 almas, ou sejam aproximadamente para todo o vale 10 milhões de almas.

Quando Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Ouvidor, e Intendente Geral da Capitania de São José do Rio Negro, fez de 1774 a 1775 a visita, e correição das Povoações da Capitania registou, no vale do Amazonas e sub-vales principais. Rio Negro e Madeira, e secundarios até o do Javary, a existencia de 103 nações de indios e 23 tribus.

Daquelas Nações, a mais numerosa encontrada por Pedro Teixeira em 1639 quando subiu para o Napo e passou pela bôca do Juruá era a dos Jurimauá.

A mais nobre e mais avançada na evolução geral, reconhecida por Ribeiro Sampaio, era a dos indios Omagua, também conhecidos por Cambeba.

A séde principal do domicilio da famosa e antiga nação era o sitio em que hoje se levanta a cidade de São Paulo de Olivença, primitiva São Pedro.

No tempo em que o capitão-mór Pedro Teixeira navegou e redescobriu o Alto Amazonas até a bôca do Napo, onde Orellana penetrára o rio que tomou o seu nome, cambiando mais tarde para o das indias Amazonas, de sua ficção geográfica, os Omaguas ocupavam 200 leguas das margens e ilhas do rio Mar, da foz do rio Juruá para cima.

Ribeiro Sampaio afirmava haver tradição que esta nação de indios emigrára da Colombia para fugir da perseguição dos espanhois.

Orellana em 1541 já os encontrara abaixo da bôca do Napo, na mesma zona, em que Pedro Teixeira depois, — reconheceu-os senhores das ilhas entre a foz do Juruá e a do Javari, guerreando com os seus principais inimigos, os Tecuna.

O Intendente geral da Capitania do rio Negro julgava-os mais civilisados e racionaveis.

O Omagua daquele tempo era de côr clara e elegante.

Os seus descendentes ainda vivem no vale do alto Marañon.

Vestiam-se de roupa de algodão. As mulheres eram as tecelãs. Fabricavam cobertas e pano de fio finissimo.

Foram os Omagua os descobridores da goma elástica.

Com êles aprenderam outras nações de indios do Amazonas e do Pará a fabricar sapatos, botas, chapéus, vestidos, de goma elástica.

Eram povo guerreiro. Usavam flexas. Seus arcos muito semelhantes ás estólicas dos Ineas. Palhetas compridas de dois palmos e meio.

Seus inimigos cram os Tecuna e Mayuruna.

Tinham suas aldeias fortificadas, como praças de fronteiras, o que corrobora as afirmativas conhecidas a respeito dos Guarani do Paraguai e do Brasil.

Cabe aqui pequena digressão a respeito da origem dêstes indios. Bertoni os considera como representantes contemporâneos dos antigos Karaive, embora apresentem algumas anatogias — aruako —, certos caracteres karinâ e muitos outros nitidamente neo guarani.

O notavel etnógrafo sustenta a tése: "La identidad karai-guarani no excluye cierta evolución karaive-guarani" — "Los largos siglos que la raza ha necesitado para extenderse sobre las immensas regiones que van

desde Centroamerica y Antillas hasta la boca del Plata, suponen numerosas y notables modificaciones, respondiendo éstas a dos factores poderosos, los cambios de medio ambiente y la natural evolución. De manera que, no solamente no debe sorprendernos el encontrar modificaciones, sino que más bien es de extrañar el que no hayan sido mayores".

Beauchamp nos informa que os Omagua eram o povo mais civilisado do rio Amazonas. Melhormente organisados viviam vestidos com decência.

Respeitavam quasi religiosamente a seus Caciques. Não eram antropófagos e se cingiam a executar aos chefes inimigos mais valentes, tão somente como medida política de guerra.

Consideravam como proposta monstruosa, para êles incompreensivel, a de vendê-los para escravos.

Traficar um ser humano era por êles considerado infâmia e deshonra.

A lingua dos Omagua é considerada por Bertoni como um dialeto guarani.

. . .

Toda costa banhada pelo Atlantico, da foz do Oiapoque ao Prata, estava ocupada por diversos agrupamentos geográficos de incolas, que segundo Capistrano de Abreu "falavam linguas diversas, quanto ao léxico, mas obedecendo ao mesmo tipo".

Esse ilus rado historiador menciona as tribus indigenas encontradas no Brasil por ocasião da Descoberta, grupande ess, segundo a conexão linguistica mais ou menos est ella existente entre si, em nações que falavam a tingua geral, denominação atribuida á sua área de distribuição; e outras que falavam as linguas travadas. No primeiro caso predominavam, próximo do litoral, os incolas vindos do sertão, em tres migrações diversas: "a dos Carijós ou Guarani, desde Cananéa e Paranapanema para o Sul e Oeste; os Tupiniquin, no Tietê, no Jequitinhonha, na costa e sertão da Baia, na serra da Ibiapaba; os Tupinambá no Rio de Janeiro, nas vertentes do baixo São Francisco até o Rio Grande do Norte, e o Maranhão até o Pará".

O centro de irradiação dessas migrações, opina o erudito e estudioso historiador, deve-se buscar na mesopotamia entre os dois formidaveis formadores do rio da Prata.

Martius figura no seu mapa étnico o alto vale do Mamoré, tendo para centro Santa Cruz de la Sierra, estendendo-se até a região meridional dos Chiriguaná.

Bertoni é da opinião de Afonso de Freitas, que coloca o centro de irradiação da antiga migração dos "Tupi" melhormente denominada dos "Tupina", no altiplano boliviano, que das cabeceiras altas do Madeira se estende ao Noroeste até cerca do Lago Tilicaca e cabeceiras do Beni.

Couto Magalhães no "O Selvagem", afirma que os Anambé do Araguaia lhe informavam que o pais de onde partiram se encontrava direito aonde o sol se deita.

Migração premeditada e executada com o grito de guerra; "Em marcha para o Pindorama, com o itamarâ (tamarana?) na mão seremos donos do pais".

O etnologo Afonso de Freitas supõe que os primitivos brasis se originaram de dois troncos distintos. Um, autoctone (homo brasiliensi, Lagoa Santa) teve por terra natal a região da Divisão das aguas das bacias do Prata e do Amazonas. O outro, (tupi-guarani), baixou em tempos imemoriais do altiplano boliviano ao Sudeste do Lago Titicaca para o Oriente em direção ao Atlantico, infil-

trando-se pelo planalto meridional do Continente, ao sul do grande rio Amazonas.

Nessa nova migração, que sucedeu ás que se realizaram para as Antilhas e destas para o Noroeste e Oeste, rumo ás faldas dos Andes orientais, a invasão dos territorios dos autoctones era fatal e a fusão dos dois povos inevitavel; a adulteração dos costumes dos invasores (mais adiantados) pela barbarie dos autoctones segura.

Por conseguinte, não seria de admirar, segundo a doutrina de René Worms, que a raça invasora (de maior evolução), sofresse as consequências do fenomeno social do nostomorfismo, limitado todavia á diversificação, arrastando a responsabilidade dos atos e costumes dos paleomorfos e protomorfos, Tapuias e remanescentes do povo da era dos Sambaquis.

As nações dos incolas das linguas travadas eram representadas pelos Gês, vulgarmente Tapuias (paleomorfos).

No quasi extinto agrupamento Sambaqui incluiam-se os Botocudos (protomorfos), mais conhecidos por Aimoré.

Habitavam aquelas nações proximo do mar, mais numerosas no interior.

Os Cariri espalhados pelos vales do Paraguaçú, Itapecurú e Mearim e pelo sertão.

Os Tremembés povoadores das praias do Ceará.

Os Caraibas, encontrados no Piaui, dos quais os Pimenteira são incontestaveis representantes, foram até hoje reconhecidos no chapadão do Xingú e no vale do Amazonas.

Os Maipures ou Nu-Aruaque, que desde as Guianas penetraram até o rio Paraguai aparecem nos chapadões de Mato Grosso e cercanias de sua antiga pátria e até no alto Purús.

Os Pano, Guaicurú e muitas outras tribus depois reconhecidas pertencentes a este grande agrupamento (Tapuias, paleomorfos).

E' de opinião êsse esquadrinhador dos alfarrábios dos tempos coloniais, que aos Tupi e Cariri deve o povo brasileiro maior percentagem da mestiçagem americana com o sangue português, sem fatar no volume do sangue negro, que os Bantús e Moçambiques forneceram em grande dóse com a escravidão introduzida pelo luso para o incremento da agricultura de cana de açucar, algodão, café, cacáo e cereais, depois da Carta Régia a Mem de Sá, e principalmente pela pressão que sóbre os colonos produziam os Capitulos, acordados a 30 de Julio de 1566, pelo Governador, pelo Bispo, pelo Ouvidor gerai e alguns padres da Companhia dos Jesuitas.

Em grande parte foram os Jesuitas causa de tão lamentavel desgraça.

Os Cariri foram recalcados para o sertão pelos Tupi do litoral da Baia e Pernambuco por êles ocupado.

Resistiram aqueles tenazmente, no sertão, á invasão dos colonos curopeus no vale do São Francisco, onde os missionarios conseguiram aldear muitos.

A criação de gado a que esses indios se afeiçoaram foi um dos elementos redutores empregados pelos colonos para a sua transformação, com admiravel proveito.

Essa a situação do Brasil litoral quanto aos seus antecedentes indigenas, esplanada por um dos mais meticulosos historiadores nacionais, tido como conhecedor

das nações indigenas que povoavam o Brasil e sabedor da sua vida, dos seus costumes e da sua civilisação.

* * *

O autor dêste Bosquejo Etnográfico dos habitantes primitivos do Brasil, desde os tempos coloniais, o major de Engenharia José de Lima Figueiredo, serviu na Inspeção de Fronteiras de 1928 a 1930, como Tenente Adjunto do Inspetor. Tomou parte na campanha de 1928 a 1929, sendo incumbido de estudar parte das fronteiras do Perú e da Bolivia realisando reconhecimentos dos rios Juruá, Purús, Acre e Abunã, cujos setores lhe foram distribuidos, descendo ao Madeira por êste ultimo rio. Na campanha de 1929 a 1930, teve como missão inspecionar trechos das fronteiras Argentina e Paraguaia, limitados respectivamente pelo baixo rio Iguaçú e alto Paraná, com instruções de efetuar reconhecimento dos vales do Pequiri e Ivary em estudo de sua geografia humana, na região denominada "Paikeré".

Concluindo com feliz antecedência o serviço que lhe confiara o Inspetor, a êste viera se reunir em Campo Grande no dia 23 de Agosto de 1930 para acompanhá-lo na inspeção das fronteiras do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul com as Repúblicas Argentina e do Uruguai — Serviço que o Inspetor realisava em continuação da inspeção que acabava de praticar nas fronteiras do Amazonas e Mato Grosso com o Perú, Bolivia e Paraguai, passando-se da bacia do Amazonas para a do Prata, através das campanhas do Guaporé e da Corixa Grande.

Na inspeção do marco do Pipiri-guaçú, o joven oficial resistiu garbosamente á arrancada a cavalo do acampamento do 5.º Batalhão de Engenharia, em Conrado,

ponta da rodovia estratégica em construção, no Municipio de Clevelândia, a Dionisio Cerqueira, antigo Barracão, na Linha Brasil-Argentina.

Tal avançada foi levada a efeito em acelerado pelas picadas existentes, abertas em floresta virgem nas serranias de Santana, Caçador e Capanema. Divisão das aguas dos rios Iguaçú e Uruguai, nas antevesperas da Grande Revolução gaúcha, que iniciou a construção da política nova do Brasil novo.

Foi nessa oportunidade que o então Teneute Lima de Figueiredo revelou a fibra mestra de seu inquebrantavel carater.

A Revolução que avassalou o Pais inteiro penetrara pela conciência do povo e de grande parte do Exército com exclusão apenas de um grupo de chefes militares, que formavam corpo forte com o Governo.

O Adjunto do Inspetor de Fronteiras tinha suas simpatias voltadas para êsse grande movimento político.

Servindo, entretanto, junto de um chefe ultra legalista, não quebrou a sua lealdade militar no momento em que a Revolução estalou, colhendo o seu Chefe no instante em que atravessava o rio Uruguai e penetrava o território gaúcho, inteiramente revolucionado pelo Governo do Estado.

Não trepidou o Tenente em sotidarizar-se completamente com o seu chefe, embora sentindo a sua alma vibrar em sentido oposto.

Em dado momento, quando o Inspetor nada mais era, sinão prisioneiro do Governo revolucionario, quiz dar-lhe plena liberdade de ação patriótica e de expansão civica. Declaron-lhe que podia livremente seguir o impulso dos seus sentimentos, tendo até antes desempenhado leal e cabalmente o seu dever, agora que a responsabilidade oficial era quebrada pelos acontecimentos

que anulavam inteiramente a disciplina e as ordens anteriores; Respondeu com a nobreza que forma o seu carater: Permanecerei ao lado do meu Chefe. Preferiu a desdita deste ás aventuras dos seus impulsos civicos: com imperturbavel lealdade e incontrastavel firmeza militar.

Eis, caro leitor, o simpatico Autor, vosso muito conhecido aliás, desta interessante Relação Etnográfica, onde estão mencionadas curiosas passagens dos traços étnicos dos povoadores desta Terra que é nossa hoje, outrora dominada por um mundo de nações indigenas que a ocupavam e nela viviam felizes dentro de sua civilisação e cultura como seus primários e legitimos donos, — antes da doutrina romana da conquista penetrá-la por dominio fundado em direitos de invenção, ocupação e posse, e todos os mais que os conquistadores costumavam alegar, para prova da legitimidade da possessão das terras novamente descobertas".

O lucido escritor aprecia, com notavel critério, por observações próprias, e erudição colhida em estudos de especialistas, a existencia das tribus contemporâneas, habitantes dos vales do Amazonas e do Prata, e sub-vales, bem como do litoral, dando sucintas noticias de cada uma delas, quanto ao habitat, somatologia, lendas, costumes, caracteres físicos e sociais: habitantes, instrumentos de defesa e agricolas; ideias religiosas; organisação de familia, etc.

Sem pretenção a um trabalho de etnógrafo especializado, tão somente como Relação de viagem de um explorador inteligente, e curioso de assuntos alheios á sua Técnica militar, o estudo do Major LIMA FIGUEIREDO se enquadra perfeitamente dentro das observações que lhe

competia registar nas explorações que executou, com reconhecido esforço e competência, nas fronteiras do Norte em zonas que lhe tocou estudar e esclarecer sob o ponto de vista da geografia humana.

Acrescenta às tribus que visualmente teve oportunidade de conhecer, ainda que passageiramente, outras muitas, de informações colhidas de outros viajantes e etnógrafos, com objetivo de enriquecer a sua menção etnográfica apresentando, tanto quanto possivel, um conjunto dos primeiros habitantes do Brasil e dos que se salvaram do cataclisma colonial, como os últimos abeucerragens de uma raça forte, povoadora das terras do continente sul americano, de que se apoderaram os lusitanos sem outro trabalho que o de achá-las e ocupá-las.

Seus habitantes receberam-nos de braços abertos, hospitaleiramente, á guisa de uma visita, dispensando-lhes atenção, confiança, como si tratassem com gente honrada, nobre e leal.

Gabriel Soares, em 1587, se expressava a respeito dos Guaianás, uma das nações Guaranis, com edificante verdade e justiça:

"Não são maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados e facilimos de crer em qualquer cousa...

Não matani aos que cativam nas guerras...

São grandes flexeiros, e inimigos de carne humana...

Si se encontram com gente branca, não fazem nem um dano, antes boa companhia...

Não costumam fazer guerra a seus contrarios fóra de seus limites, nem os vão buscar em suas vivendas".

O Padre Ivo d'Evreux, que percorreu trechos da terra brasileira de 1613 a 1614, afirma:

"...les indiens sont beaucoup plus aisés à civiliser que le commum de nos paysans de France..."

Cristovão Colombo referindo-se aos indios das Antilhas Karaive-Guarani, ao estabelecer contato com esses povos, escrevia:

"...uão podia haver melhor raça..."

O Padre Dutertre, que muitos anos vivera entre êsses amerindios, assim os aprecia:

"...povo mais ditoso, mais laborioso, mais feliz, menos vicioso e mais sociavel das nações do mundo".

Humboldt via nos Caraiva-Caraiba-Caribe:

...os restos de vastas e sábias instituições...

...uma raça diferente de todos os demais indios, tanto por sua inteligência como por sua ro-

bustez, estatura e proporcionadas formas...

Em parte alguma cheguei a observar indios com tal regularidade de feições. Seus olhos revelam inteligência e o habito de raciocinar e refletir. De graves maneiras, nobres sembrantes, se dão de importância. E com seus adornos e modos desdenhosos manifestam sua superioridade".

Cuervo Marquez, escritor colombiano, nos Caribes reconhece:

"virtudes e grandes qualidades e uma organisação política solidamente constituida".

Aristides Rojas proclama:

"...o primeiro da América, e o mais absorvente, altivo e amavel de todos, confirmando a opinião magistral do etnógrafo nacional o erudito Theodoro Sampaio.

Os Karaive foram o tronco dos Guarani, de quem Demersay traçou entusiastico juizo:

"Los Paraguayos poscen todas las ventajas exteriores de la bella raza a que pertenecen sus padres, unidas a los caracteres morales de los Indios de que descenden por el lado materno" -- Bertoni.

- O Padre Simão de Vasconcellos afirmou serem os Carijó a melhor nação do Brasil.
 - O Padre Jarricus considerou-os os mais civilisados.
- H. Von Thering recentemente faz prevalecer sua frisante superioridade sôbre todas as demais nações indigenas do Brasil.

Couto Magalhães no "O Selvagem" afirma:

"Os Guarani foram um dos maiores e mais notaveis povos da Terra".

Como o mais ardoroso dos defensores e advogados dos nossos Indios, um dos mais conhecedores de sua civilização, perora:

"se atrocidades praticavam os indios, só o faziam ao depois dos maus tratos recebidos dos invasores", o que é humano e não merece condenação, nem excomunhão.

Quando uma tribu ou nação de Indios é surpreendida em seus dominios por uma invasão de penetradores do sertão, procede com cavalheirismo.

Os indios previnem aos invasores o desagrado que isso lhes causa. E com altiva nobreza avisam-lhes não ser conveniente proseguir.

Afincam no trilho de acesso ás suas aldeias e roças um grupo de flexas, ou extendem no caminho esqueletos característicos, humanos ou de animais, como aviso da ofensa que recebem com tal visita invasora.

Si não é compreendido, ou respeitado o simbólico conselho, e teimam os invasores em penetrar as suas terras, amanhecerá no dia seguinte o caminho impedido por amarrilhos dos ramos das arvores laterais ao trilho, em grande extensão do caminho.

Si apezar dessa segunda indicação decisiva, a intensão dos invasores permanece, lançam os indios mão de indicação mais positiva. Crivam, em grandes trechos, o caminho de estrepes aguçados de cerue de madeira rija, conjugadamente com armadilhas de flexas, que disparam ferindo o transeunte descuidado que roçar no cordão de embira atado ao aparelho de disparo.

Si, porém, de nada servem ao animo dos invasores todas as demonstrações de que lançaram mão para prevenir-lhes da inconveniência da penetração de suas propriedades e profanação das Instituições de sua civilisação, outro recurso então não lhes sobrará sinão o da defesa á mão armada.

Procedem semelhantemente aos civilizados sob as leis da guerra, dentro do mais nobre cavalheirismo, que a civilisação medieval traçou para o romano.

E porque não havemos de reconhecer ao amerindio o direito de existencia, amparada pela liberdade, o mais elevado sentimento político que todo ente humano cultiva em alto grau, qualquer que seja a civilisação da coletividade de que faça parte?

ANTIGUIDADE DO HOMEM AMERICANO

Habitantes primevos da America

Em torno de Lamarck, isto é, das suas duas célebres teorias: geração espontânea e transformismo, doutrinadas por Darwin em sua notavel obra: "Da origem das especies por meio de seleção natural", agitam-se as discussões a respeito da antiguidade do Homem Americano.

A Antropologia, Paleontologia e Arqueologia entram nas disputas com os seus elementos de provas, sem que contudo até hoje os americanistas hajam chegado a resultados positivos.

Tão complexo problema não saiu ainda do terreno das hipóteses, com deduções e induções de aparência mais ou menos científica.

Uma multidão de investigadores vem discutindo o fenomeno autropológico com aquele intuito histórico.

Da arena da discussão surgem duas correntes ideológicas: A primeira considera o homem americano como produto do meio ambiente, segundo a teoria lamarekcana, de um processo antropogenésico. Donde o seu autocto-A segunda corrente supõe o homem americano como provindo de migrações à América de outros continentes. E' a mais volumosa, sem entretanto, elucidar o caso brasileiro dos Gês, ou indios de linguas travadas, sendo por isso mais natural accitar o autoctonismo, como opina Afonso de Freitas, segundo a teoria poligenista, para os casos dos incolas protomorfos e paleomorfos encontrados no Macico Guiano. Brasiliano, reconhecendo as emigrações de diversos povos para o Novo Continente por diferentes meios. E admittir a heterogeneidade étnica singularizante da raca americana, que sofreu no decorrer dos séculos marcadas influências fundidas nos tipos encontrados pelos conquistadores europeus.

Diante, então, dos formidaveis agrupamentos humanos preexistentes á época colombiana com suas portentosas culturas e civilisações constatadas pelos Descobridores, desde as Antilhas e Centro América até o estuario do Prata e extremo patagônico do Continente sul americano, se é levado a reconhecer que prodigiosas evoluções sociológicas se operaram nesta parte do Novo Mundo, ignoradas das civilisações européas, que delas só vieram a se dar conta com a Descoberta de Colombo, que revolucionou o mundo cristão e alterou a concepção das civilizações até então conhecidas.

E' evidente, pois, a coexistência de um conjunto de populações heterogeneas de raças diferentes, contrariamente á ideia de unidade de raça concebida por diversos historiadores ao relatarem os acontecimentos das Descobertas americanas.

Como curiosidade me permito mencionar nesta nótula prefacial a sintese apresentada por Atilio Siviriche, da Faculdade de Filosofia, Historia y Letras de la Universidad del Cusco y Derecho de la Universidad de San Marcos de Lima, Miembro de la Academia de Ciencias de Santiago (Chile), sobre as principaes suposições formuladas pelo Padre Gregorio Garcia (1607), Henry Vigaud (1922), Eugene Pittard (1924), Professor Imbelloni (1928) e outros, a respeito das procedencias do Homem Americano.

- 1.ª Procedência, biblica vibrantemente sustentada pelo catolicismo, de que dependia o triunfo do Monogenismo, defendido inquisitorialmente durante muitos séculos.
- 2.a Procedência, egipcia, defendida pela Escola de Manchester, que afirma que Mayas e Incas procedem do Nilo.
- 3.a Procedência, fenicia, sustentada na antiguidade por Aristoteles, Herodoto, Polibio,

contemporaneamente por Onffros de Thoron e outros, baseada em diferentes inscrições petrográficas encontradas na América, principalmente nas rochas do Brasil.

4.8 -- Procedência, cartaginesa, - baseada nas navegações do intrépido povo de Cartagena, e na emigração que se realisou durante a primeira guerra Punica.

Moraes y Bocharto supuzeram ter encontrado no Brasil uma antiga colonia cartaginesa.

- 5.º -- Procedência, indostanica, -- sustentada por Le Bon e defendida por II. H. Urteaga em seus estudos do Museu Prado.
- 6.ª Procedência, Sumero Caldea Asiria Hipotese defendida pelo investigador peruano Pablo Patrón, baseada na analogia do diospez bábilonio-Oames, com Wiraccocha emergido do Titicaca, e no achado encontrado por Mena, de um cilindro caldeo em Teateleo (Mexico).

Patrón afirma que em épocas remotas os Quechua e Aymará vieram do Eufrates e do Tígre povoar o Tahuantinsuyo. Seus idiomas provindos do sumero e do asirio.

7.ª -- Procedência, grega -- Os jeroglifos encontrados em Vinaque proximo de Huamanga, e os ideogramas de Chiapa, afirma Cieza de Léon, tinham caracteres gregos.

Acosta encontra similitude entre os colégios incaicos, Yachayhuasis e os cenáculos gregos.

Admite-se a hipotese da emigração se ter realizado durante as guerras míticas com os Atlantes.

Interpretando as Eneidas de Virgilio, diversos autores, com o Padre Simon de Vasconcellos, acreditam na procedência Troyana e Espartana dos amerindios.

8.8 — Procedència, romana — assinalada por Morton Thomas (1637), particularmente do povo prófugo do Lacio, o troyano, nos primeiros tempos da República.

Childe supõe haver no Continente americano inscrições Etruscas.

O Padre Maluenda menciona o achado de moedas com a imagem de Cezar Augusto, na America.

Os grandes caminhos, Cusco-Quito, Cusco-Chile, o panteon Keoricancha, as Vestaes, Aellas incaicas ou Escolhidas, são de semelhanças romanas caracteristicas, além das lendas atribuidas aos Atlantes, na existencia de oráculos, como Rimae, etc.

9.ª — Procedência, hispana, — baseada na mitica Atlántida como meio de comunicação com o Continente americano, identificando as legendárias terras das Hesperides com as de Barlovento, Cuba e a Espanhola.

Columa afirma que os americanos são de origem Gailico.

Vicente Fidel Lopez, em sua obra "Las razas arianas del Perú", sustenta a procedencia ariana.

Hicgon Grotio refere a presença de tipos negroides em alguns pontos da América motivada por influencias etiopes.

> 10.ª — Procedência, francesa — que Jacobo Charrón, Guillermo Postelo afirmam pela emigração de celtas para a America.

- 11.ª—Procedência, ingleza Rivero e Tschudi consignam em seu livro "Antigüedades Peruanas", a curiosa narrativa do aparecimento na costa peruana do flibusteiro "Manco Ceapae", arrojado ás praias por um naufrágio. Interrogado pelo Cacíque a quem foi apresentado, respondeu: "Ingles Mand" —, palavras interpretadas pelo chefe indigena por "Ingasmán", ás quais acrescentando a palavra "Ceapae", que significa "todo poderoso", grande, se converteu em "Inca Manco Ceapae".
- 12.ª Procedência, escandinava e norueguesa, referidas e defendidas por Rodolfo Cronau, 1892, no seu livro "America".

As investigações arqueológicas realizadas em Groenlandia, Islandia e costa oriental de Norte America comprovam as remotas influências dos normandos na America.

Bastaria citar as fabulosas Expedições de descobertas executadas pelo lendário Erico, O Vermelho, e as de seus filhos Leif, Thorwaldo, Thorstein e Frocjdisa Eriksons, e muitas outras, da mesma forma interessantes e curiosas lendas sôbre os Esquimaus, como as que dizem respeito ao célebre caudilho Are Maisan de Reykjanes, contam que arrojado por forte temporal ás costas da Islandia.

Historia-se que esses primitivos descobrimentos orientaram o arrojo de Colombo na definitiva descoberta do Novo Continente.

> 13.ª — Procedência, de Occania, -- fundamentada nos achados dos mais remotos restos humanos, que na Australia existiam. Dai a considera

ção de ser aquela parte do Planeta a mais antiga, de onde partiram as emigrações para a America.

Das quatro partes em que geograficamente se pode dividir a Oceania: Malesia, Micronesia, Melanesia e Polinesia, geralmente mencionam como partindo da Melanesia e Polinesia as emigrações para a América. Os habitantes do Hawai e Nova Zelandia realizaram emigrações por mar. Julga-se que hajam arribado ás praias americanas.

Diversos investigadores americanistas pretendem encontrar vivas analogias dos incolas americanos com os polinesios:

- 1.º --- as organisações sociais;
- 2.º a escultura pétrea;
- 3.º a arquitetura, principalmente na construção de fortalezas com emprego de blocos ciclópeos;
- 4.º veneração a lugares sagrados como as Huacas incaicas;
- 5.° analogias linguisticas;
- 6.º o uso de patamares nas encostas das serranias para a cultura agricola;
- 7.º as deformações craneanas;
- 8.º o uso da flauta ou a quena;
- 9.º as cabeças cortadas e a redução das mesmas;
- 10.º as armas, utensilios e cerâmica;
- 11.º os monolitos;
- 12.º a trepanação craneana, etc.

Hicgon Grotios afirmou em 1642 que a população da zona meridional do Perú emigrou das Molucas.

Bancroft e Brandford sustentam que as culturas da Asia Meridional e da Malaya foram para Yucatan e Perú passando pelo arquipélago da Polinésia. 14.ª — Procedência, mongólica — E' sabido que os Mongóis se espalharam pelo Oriente longinquo em diferentes grupos. E é corrente, segundo opinião de varios escritores, antropólogos, arqueólogos e etnógrafos, desde Marco Polo, a influência de sua civilização por diversas partes do mundo, segundo as imigrações admitidas dêste povo através dos mares — Donde a conclusão de muitos dêles, de uma certa corrente emigratória se dirigir para a América.

As lendas sôbre Manco Ccapac, deram lugar a referências as mais curiosas, quanto inxeplicaveis, como a do flibusteiro inglês, atirado ás costas do Pacífico peruano.

Refere o escritor Juan Ranking que Manco Ccapac é filho do conquistador mongol Kublay Kham, que em 1330 comandando poderosa fróta em conquista ao Ja pão foi arrastado pelas correntes oceanicas até as costas da America do Sul, no Pacifico.

Certos autores dão Montezuma como neto de Askam, mongol. O que deu lugar ao Professor cusquenho Dr. Antonio Lorena opinar que foram os caracteres mongoloides dos incolas americanos que levaram o célebre naturalista Saint-Hilaire a incluir os povos amerindios na familia mongoloidea, na sua classificação das "Raças humanas".

Afirma o erudito Professor:

"Todos los americanos, unos más y otros menos, ofrecen los rasgos (feições) mongoloideos. Los quechuas, los aimarás y los mestizos de quechuas con españoles traen al nacer en un 80%, la mancha pigmentada llamada mongoloides, semejante a la equimosis producida por las contusiones; esta mancha ocupa la región sacro-coxigia, desde el momento del nacimiento hasta el primer o tercer año de la infancia. En los curopeos, se presenta en una proporción minima de uno o dos por ciento atribuida a las hordas asiaticas de Atila y de Gengiskan".

"En un 20 % de los quechuas y aimarás es marcado el tipo mongol; la denicigia, por el gran desarrollo de los arcos zigomaticos, la brida de la comisura interna de los ojos determinando la apariencia de la oblicuidad y de la abertura parpetral, la proyección hacia adelante del cuerpo de los malares, constituyendo los pómulos prominentes, los indices nasal (mesorrino) y auricular son iguales a los de los Tingueses, Manchues, y chinos del Norte del Celeste Imperio; los diametros horisontales de la cara, el espasamiento y divergencia de las ramas ascendentes de la mandibula, disminuyen la longitud del diametro vertical ofrio-mentorial, dando a la cara forma oval y quadrangular".

A proposito da opinião quasi geral de terem provindo da Asia as mais desenvolvidas civilizações da América precolombiana, o escritor peruano que vimos citando, Atilio Sevirichi, lembra que Humboldt consigna ascendência dos Hunos de Atila aos Toltecas. E que Garcilazo supõe que os "Uros" do Lago Titicaca descendem daqueles barbaros- asiaticos.

"Las teorias sobre el origen mongólico de los americanos se basan en la oblicuidad de los ojos, pómulos prominentes y otras analogias de ordem racial, costumbres, carencia de pilosidad, el culto fálico, etc. De todo esto, se desprende que la procedencia asiatica de los

americanos ha merecido la atención de los investigadores. Se sigue estudiando el misterioso pasado y la remota procedencia de las culturas que se desenvolvieron en el antiguo continente. Se sigue desempolvando las viejas civilisaciones olvidadas y muertas; se está resucitando un gran numero de lenguas desaparecidas en el remolino de los tiempos y de toda esta labor, el Asia milenario parece tener mayores probabilidades de ser el génisis americano".

"Principal atención han merecido los estudios de las diversas evoluciones religiosas. A Buda se le considera como el Uxmal del Yucatan. Se dice, que Queatzalcoatl. Bochica, Manco Ceapac y demás reformadores, eran sacerdotes budistas; que las devadaris del culto budista son las mismas acllas del culto incaico; que el dios Con responde a Brama; Pachacamac a Vischnu y Wiracocha (principio e fim de todas as cousas) a Siva, etc.

Tschudy y Rivero, em suas "Antigüedades Peruanas" opinam: "La mayor parte de las religiones asiaticas nos prueban de un modo evidente, que la de Fo en la China, de Budido en el Japon, de Surimona Codom en la India, el Hamaismo del Tibet, la Dschakdschiamunú entre los Mongoles y calnucos, como las de Quetzalcoatl y la de Manco Gcapac en el Perú, son otras tantas ramas de un mismo tronco".

Todavia, não deixamos de refletir nos pensamentos de Curtius, historiador, arqueólogo, geógrafo e filologista:

"O naturalista que estuda a vida das plantas pode provar como certos organismos se adaptam a zonas especiais; mas, quando se trata da vida dos povos, um mistério mais profundo nos esconde a intima relação que existe entre um pais e a sua historia".

Esetivamente, que de positivo pode haver na prehistória dos povos precolombianos, quando as documentações de julgamento são falhas, e escassos sinão imprecisos os dados arqueológicos e paleontológicos, em que se fundam as hipoteses dos pesquizadores da antiguidade do Continente de Colombo?

E é assim que nos vem á mente o verso de Boileau:

"Rien n'est beau que le vrai; le vrai seul est aimable".

Sa Victoria, 6 de Mater de 1738

PRIMEIRA PARTE

TRIBUS AMERINDIAS

Os mundurucús

Habitat — No curso superior do caudaloso Tapajós demoram os mundurucús, descendentes mesclados dos tupys e considerados os incolas mais habeis nos ornatos de pennas.

Costumes — Homens e mulheres andam completamente nús. Os incolas disfarçam o sexo utilisando um canudo de folha que prendem a um cinto e as selvicolas usando um tecido de palha.

Baspam a cabeça, deixando, no alto, um tufo de cabellos. A parte raspada é pintada com uma tinta denominada será.

Durante as festas ataviam a cabeça com o aquiri que nada mais é do que um casquete de pennas com borlas de palha que caem ao longo das faces. O ichú, que é um pequeno cesto enfeitado de pennas, onde conduzem animaezinhos vivos, é collocado a tiracollo.

Nos festejos guerreiros, o vestiario é mais pomposo.

Na cabeça é enterrado o aquiriraá, que é um aquiri com uma pequena cauda, que cobre as costas. Atam, na cintura, um saiote com quatro caudas de arara que se chama tempe-á. Como um talabarte cingem o curarape, urdido com pen-

nas mimosas. Apertando o biceps usam o bamam. Nos pulsos, uma pulseira, o ipé-á. Nas pernas, como jarreteiras, collocam o caniubiman e, nos tornozelos, umas ligas denominadas caniubicric.

Costumam fazer em cada orelha tres furos por onde introduzem enfeites nos dias festivos.

Nos festejos exhibem o *iraré*, o arco, o *putá*, sceptro e o *pariuá-á* que nada mais é do que a cabeça mumificada de um inimigo.

Familias — A tribu se compõe de tres familias: a vermelha — ipacacate, a branca — arichá e a preta — iasum paguarte. Nos ornatos da primeira familia predomina o vermelho; nos da segunda, o amarelo e, nos da terceira, o azul. Criam araras para obter a plumagem dos seus enfeites.

Cabeças munificadas (pariuá-á) — Depois de um combate, as cabeças dos inimigos são cortadas. Enfiam uma vara flexivel de arvores pela boca, passando pelo pescoço, afim de facilitar o transporte.

Chegados a uma praia os mundurucús se revelam optimos cirurgiões. Começam arrancando os dentes do infortunado vencido, depois, extraindo-lhes os olhos e os ossos — vão revirando a cabeça pelo tado do avesso. Com uma faca de taquara cortam e retiram toda a musculatura, embebendo o que sobra com oleo de andiroba (carapa guyanensis). Terminado este trabalho, recompõem a cabeça, empalhando-a, de maneira que as feições do inimigo permaneçam fiéis.

Depois da cabeça completamente prompta, collocam-na nun moquem a fogo brando para



Fig. 1 — Cabeça mumificada.

seccar. A' medida que a cabeça se contrae, o enchimento vae sendo retirado, até que a contracção seja total.

Com uma agulha de taquara cosem os beiços da victima, com tecido de algodão, deixando longos fios dependurados, os quaes são matizados com o urucum.

A cabeça é atravessada, de baixo ao alto, por um longo cordão, afim de poder ser pendurada ás costas do vencedor.

Devido á fumaça, o trophéo toma a côr negra e fica reduzida ao tamanho da cabeça de um macaco commum.

O pariuá-á é guardado em fumeiro.

Os indios peruanos mumificam as cabeças dos inimigos, enchendo-as, depois de desossadas, com areia quente, pela abertura do pescoço. Com pedras lisas e aquecidas "passam a ferro" a cabeça do infeliz. Afim de não queimarem as mãos, seguram os seus "ferros de engommar" com auxilio de folhas de palmeiras. Esta engommação dura cerca de 48 horas e só é dada como terminada quando a pelle ficar completamente lisa e dura como couro; neste momento a cabeça está reduzida ao tamanho de uma cidra.

Durante a operação da mumificação realizam-se dansas características ao acto.

A festa da "pariuate-ran" — A pariuate-ran é uma cinta de algodão preparada pelo tuchaua e enfeitada com dentes extraidos das cabeças do inimigo.

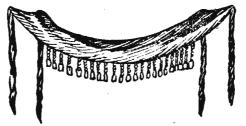


Fig. 2 - A partaute-ran.

E' esta cinta uma verdadeira condecoração com que o chefe da tribu distingue os guerreiros feridos ou as familias dos mortos representadas pelas viuvas respectivas. Os agraciados com as cintas deixam de trabalhar para serem sustentados pela tribu.

Todos os guerreiros que possuem a pariuá-á são tambem pensionista da tribu, porém, só por cinco annos, tempo que medeia entre a batalha em que o guerreiro adquiriu a cabeça e a festa da pariuate-ran.

Antes da festa da cinta, o tuchaua ordena uma grande caçada, na qual adquirem a comezaina para o dia marcado. Nesse dia toda a tribu se reune para assistir ao tuchaua confeccionar a cinta e enfeital-a com dentes do inimigo, os quaes são limpos e furados, de modo que possam ser dependurados. Durante este trabalho, todos os presentes permanecem nús e assentados, entoando hymnos guerreiros.

Terminada a cinta, todos se dirigem ao quartel, exça, afim de se vestirem com seus trajes de festa e de se armarem.

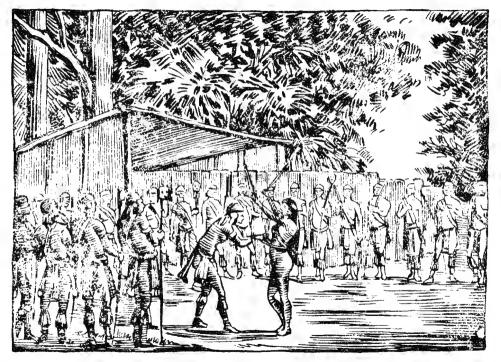


Fig. 3 - Condecorando uma viuva.

Junto ao exça, formam em alas os guerreiros, ficando numa das extremidades o tuchaua com as cintas. Os que vão ser agraciados deixam o cabello crescer e se apresentam, em frente ao chefe, completamente nús.

Emquanto o tuchaua cinge a cinta no guerreiro, trôa o oufuá, especie de clarim de guerra.

Os premiados se dirigem garbosamente para o quartel.

Depois que todos os inem-nates (feridos) forem condecorados, apresentam-se tres viuvas como representantes das familias enlutadas. Trazem como adorno um collar de dentes do inimigo; a tiracolo, o curuape de seu marido, e, em cada mão, um putá.

Quando troa o som medonho do curucu, a festa termina.

Forma-se uma grande procissão, indo na frente as viuvas agraciadas, que choram, de porta em porta, a perda dos guerreiros da tribu. Emquanto isso toda a tribu canta canções tristes e bate fortemente com os pés, produzindo um ruido que ao longe se ouve.

Os festejos se iniciam ao cair da tarde e se prolongam até ao alvorecer.

No dia seguinte, o tuchaua, no quartel, corta o cabello de todos os feridos.

A festa continúa por tantas noites quantos forem os feridos a recompensar.

Tatuagens — A tatuagem usada pelos mundurucús é quasi barbara.



- Indio guerreiro.

Diz Barbosa Rodrigues que as mulheres traçam um risco, no angulo superior das orelhas, o qual termina no angulo extremo dos olhos. Do

canto interno parte outro risco sobre o nariz, tomando o aspecto de uns oculos.

"Do angulo inferior, de uma a outra orelha, passando sob os beiços e o queixo, pintam uma larga listra, de onde partem por cima do maxillar inferior linhas em angulos. Em fórma de collar traçam tres linhas parallelas que passam sobre as claviculas e o abdomen até ás virilhas; traçam outras perpendicularmente.

Os parecís

Habitat — Além das cabeceiras do Paraguay que brotam nos celebres pantanaes matto-grossenses, o terreno se ergue como uma muralha natural, sustentando os campos dos parecís.

Conquista --- A estes campos chegou o bandeirante Antonio Pires de Campos em 1723 o qual designou a nação que visitava pelo nome pomposo de "Reino dos Parecís".

O chucro Pires de Campos, tendo vindo empós a Fortuna, resolveu levar a guerra á nação que maravilhada o acolhera.

Os indios foram aprisionados e taugidos para as minas, onde morreram mais de saudades do campo agreste do que pela dureza do trabalho.

Nas pégadas do primeiro bandeirante outros surgiram, levando a desgraça, a luta e a escravidão ás lindas paragens dos parecís.

Grupos — Hodiernamente os parecis estão divididos em quatro grupos: Uaimarés, Kaxinitis, Karazinis e Iranches. Vivem ainda sob o jugo cúpido dos concessionarios de terra, que os exploram na luta diuturna do pão de cada dia.

Crenças — Os incolas chamavam a grande nação que foi batisada de Parecis pelo nome de

Arity. Crêem num Deus todo poderoso, formador do mundo, chamado *Enorê*, e adoram um gavião, que consideram sagrado, denominado *Utiarity*.

Lendas da Genesis do Homem — O Sucuruiná, afluente do rio do Sangue, é um dos tributarios do Juruena que com o Teles Pires formam o caudaloso e majestoso Tapajós de aguas azuladas. O ponto onde o picadão da linha telegrafica corta o rio citado é conhecido por Ponte de Pedras. De fáto ha ali uma obra d'arte construida pela Sublime Artista. O rio exercendo o trabalho erosivo cavou na rocha artistica arcada que, á guisa de ponte, abarca as duas margens do curso dagua.

Em Ponte de Pedras os autocthones localisaram o scenario onde Enorê creou o homem. Pela sua bélla lenga se depreende que Enorê cortou um tronco, deu-lhe a feição humana e plantou-o no sombrio solo da floresta, metamorphoseando-o em homem com o auxilio de uma varinha com a qual êlle batia no lenho. Para que o homem não vivesse triste, pelo mesmo processo Enorê fez o sublime ser que todos adoram seja qual fôr a raça: a mulher.

Deste casal inicial nasceram dois casaes gemeos: Zaloiá, homem, Hohôlailê, mulher; Kamaiharê e Uhainariaú.

Um dia Enorê chamou o primogenito Zaloiá, e, num feixe luminoso projetado do céo, êlle fez exhibir uma casa de pedra, uma espingarda, um boi e um cavallo. Mudou o *Écran* para outra direção e mostrou-lhe: um vastissimo campo onde o veado e a ema experimentavam a velocidade de suas pernas; uma casinha de palha, o arco e as flexas.

Dirigindo-se ao filho do Adão indigena indagou:

— Qual preferes? a casa de pedra ou a de palha? Zaloiá preferiu viver no prado, morando na sua choça de palha, onde descansaria das fadigas adquiridas na caça da onça e do veado. Achou a espingarda muito pesada e não accitou o boi e o cavallo, por sujarem muito o terreiro.

O que Zaloiá rejeitou, Enoré deu a Kamaihoré, seu irmão, dizendo-lhe:

- "Tu serás branco".

E levou-o para as nascentes do Jaurú.

Assim explicam os indigenas parecis a formação das raças.

Aspecto — Os aritis têm a cor cambiante entre o avermelhado e o bronzeado, vivem quasi completamente nús, defendendo somente as partes pudentes. Os que se acham em contacto com os civilisados já se vestem como taes.

Entre as parecis ha algumas muito mimosas com seus olhinhos amendoados e suas elegantissimas mãos. Conta Pires de Campos que as mulheres eram tão habilidosas que, tudo que viam, imitavam com absoluta perfeição.

"Matianá-Ariti" — Da agilidade dos homens se póde fazer um juizo assistindo a um jogo de "matianá-ariti", no qual os pelejadores só podem fazer uso da cabeça, arremessando a bola para a frente ou para o lado, fazendo-a correr pelo chão ou alçando-a para o ar.

Lingua — O ariti é um idioma euphonico e onomatopaico.

Aprenderam a falar o portuguez e o castelhano. As mulheres, porém, são obrigadas a falar o ariti, afim de que não sejam seduzidas pela labia do branco.

Malócas — Os parecis constroem suas malócas da seguinte maneira. Plantam quatro varas flexiveis no chão; alguns homens sobem nas mesmas, fazendo com que suas extremidades convirjam para um ponto onde são fortemente amarradas. Parallelamente ao solo são fixadas umas travessas onde os indios colocam molhos de capim ou de folhas de palmeiras munidos de uma forquilha. No final, o faceis é o de uma choça de zulú.

No interior da taba são armadas as rêdes, umas por cima das outras; na mais alta fica a do dono da casa: o Amure.

Ha, espalhados pela casa, varios tócos que servem de bancos. Na falta destes as pessoas ficam de cocoras, sendo interessante a posição tomada pelas mulheres, em que nada offende a decencia.

Casamento — O chefe espiritual da tribu é o "utiarity". E' elle quem faz os casamentos.

Rondon, descreve de um modo attraente essa cerimonia que prende para todo o sempre duas creaturas:

Deante de todos e sentado ao lado do amure, o utiarity dirige-se primeiramente á noiva:

- -- Viró icaianênê aukitaá? (Quer você ca-sar-se?)
 - O uitiarity levanta e a noiva responde:
 - Suanian? (Como não?)
 - O uitiarity accrescenta;

— Uaiê enatá. Icaiani etatiê ena môcôcê. (Muito bem. Tenha um filho. Que o primeiro seja homem).

Este voto o padre o faz, para que o menino possa servir de arrimo ás irmãs que vicrem depois.

Em seguida dirige-se ao noivo:

— Vitiali, içô icaianetiô avá halalá kisitinê láne anáecaená. (Venha cá. Você está casado. Você não póde deixar a sua mulher. Você vae leval-a).

E accrescenta esta pergunta:

— Suana môcôcê itiani aukitá? (Quantos filhos quer você?)

Responde o noivo.

- Iolacaená naukitá. (Quero quatro).

O padre diz:

- Valêenatá. (Está bem).

Em seguida abraça os noivos dizendo:

Zotocaquá-haná (Façam vocês o mesmo).
 Depois dos noivos se abraçarem, o padre despede-os com estas palavras:

- Zicáno-hie. (Dêem o braço).

A cerimonia termina em casa do noivo, onde se realisa a grande festa — a caulonená.

A monogamia existe entre os aritís; os chefes, todavia, podem viver com duas mulheres, geralmente irmãs.

Morte — Quando morre um guerreiro, toda a tribu lamenta seu fallecimento, chorando em altas vozes. Uma cova circular é aberta onde o cadaver é introduzido, ficando na posição de cocuras. O seu arco e suas flechas são quebrados e com elle enterrados. Por cima da sepultura collocam

um monte de terra que servirá de testemunha na procura do tumulo.

Alimentação — O principal alimento é a caça. O caçador sóbe numa arvore e perscruta pelos arredores a presença do animal que deseja abater. Localisa-o; desce do mangrulho e sorrateiramente vae derrubal-o a pequena distancia.

Em cada maloca é organizado um moquem

que é dirigido pelo amure.

Além da caça, os parecis plantam a mandioca e o milho, e fabricam com o ananás um vinho — o ôlôniti — com o qual, ás vezes, se embriagam.

Festas — Possuiam os aritis suas festas commemorativas de victorias alcançadas sobre os mundurucús que demoram para as bandas do Tapajóz e sobre os nhambiquaras que elles appellidaram de uaikokorês — gente que dorme no chão.

Entre os cantos de alegria, entoam o nalalú

abaixo:

Nozani naôrêkuá Kazá etê Nozáni naôrekuá Nozáni noterahá ôlôniti Notuahã kozetoza Noterá kenakiá Nê-e ená ualalô giráhalô.

Traducção de RONDON: "Vou dansar, vou vestir trajos novos, vou beber vinho e xixa e comer mingão de milho e de mandioca".

Os maués

Habitat — Em ligeira ubás, esses cultivadores do guaraná sulcam as aguas do Tapajós e do Madeira.

São vizinhos dos mundurucus, de quem craminimigos figadaes.

Conta Barbosa Rodrigues que, viajando pelo Tapajós, numa canôa tripulada por mundurucús, teve necessidade de substituir um remador que adoecera, por um maué. Foi a custo que elle conseguiu fazer essa substituição; apesar da camaradagem durante o trabalho, para comer e dormir. o maué se afastava.

A tocandyra — Os tapuyos chamam de tocandyra a uma formiga negra avermelhada, do tamanho de um maribondo.

A picada da tocandyra produz inflammação da parte tocada, calefrios, dôres intensas, febres, ás vezes, a morte.

As tocandyras comprehenderam o mundo melhor do que o homem. Possuem um espirito de cooperativismo apuradissimo, reunindo-se para construir, subterraneamente, enormes palacios, onde accumulam, em varios depositos, o alimento necessario para a estação hibernal.

Os maués conhecem esse inseto pelo nome de veaperiá e adoram-no, como a uma divindade.

Festa - Annualmente, em um dia determinado, da maloca do chefe — a maloca assú parte o primeiro signal de festa.

A este aviso, todos começam a caçar, preparar o cacheri e a collocar num colmo de taguarucú, que chamam de tuntum, as formigas vênenosas.

Dias depois, resôa na matta outro signal, que chama á maloca-assú toda a tribu. Para lá se dirigem as familias com tudo aquilo que puderam guardar.

Durante os festejos se realisavam as sete provas de valentia. Todo aquelle que se negasse ao supplicio, seria considerado um pária.

A prova de valentia consistia no neophyto

metter as mãos numa luva com tocandyras.

Dissemos acima que as provas eram em numero de sete. Pois bem, as tres primeiras eram realisadas com a sary — luva de palha urdida, de modo que sómente os ferrões das formigas ficassem para o lado interno da mesma.

Para collocarem as tocandyras na luva, lançavani-nas primeiramente dentro dagua, afim de que

ficassem semi-entorpecidas.

Nas tres primeiras provas, as formigas ficavam em contacto com as palmas e as costas das mãos do paciente. As tres provas seguintes eram feitas com o sarapin, que era aplicado nos bracos. porém, ainda, com as formigas presas. A ultima prova era a mais sensacional. As veaperiás ficavam soltas dentro do ya-pêrépê, que envolvia as mãos do candidato a valente.

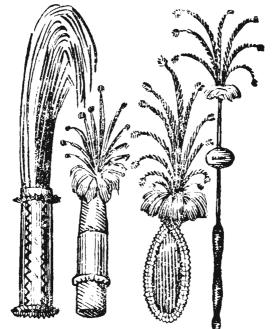


Fig. 5. 1 - Sarypin, 2 - Yapérépé, 3 - Sary, 4 - Cotécá.

Logo que tudo estivesse preparado, começavam os festejos.

Na frente da casa do tuchaua, os homens formavam uma grande circunferencia; no circulo ficavam as mulheres e, no centro, o chefe com as luvas.

Para iniciarem os canticos, ao som dos tambores e das mimés — assobios de taquara, — o tuchaua gesticulava com o cotecá, como se fosse um regente de orchestra com sua hatuta.

Todos os jovens neophytos se apresentavam no interior do circulo para dansar. O mais afoito comparecia á presença do tuchaua, estendendo-lhe os braços.

O chefe puxava do seu cigarro de tauary uma baforada e soprava-a dentro da luva para desesperar as tocandyras. Após isto, introduzia as luvas nas mãos do candidato.

O paciente começava uma dansa diabolica, dando saltos e urros. Esta dansa só findava quando uma das jovens presentes, gostando do guerreiro, se offerecesse para retirar-lhe as luvas. Em caso contrario, o supplicio só terminava quando o tuchaua ordenasse.

Se o martyrisado fosse casado, sua esposa podia descalçar-lhe as manoplas de dôres.

Deixavam o guerreiro com sua salvadora, ou sósinho, derreado numa rêde, se nenhuma Eva delle se agradasse e iam fazer novo circulo na porta de outra casa, onde a scena se repetia.

Dizem que a mordedura da tocandyra produz effeitos aphrodisiacos e que as dores cessam incontinenti se houver união dos sexos.

Ao findar as provas suppliciantes, todos, á noite, se reuniam na ramada do tuchaua, onde os folguedos continuavam.

Illuminando o ambiente, ardiam com luz vermelha, enormes bolas de estopa impregnadas com breu.

As festas se realizavam á tardinha e se repetiam por tantos dias quantos os necessarios para passarem pelas provas todos os candidatos.

O guaraná — O elixir da longevidade, o guaraná, é cultivado com carinho pelos maués e pelos mundurucús.

A sapindacea que Kunth classificou em 1821 com o nome de "paulinia cupana" e Martius, mais tarde, denominou de "paulinia sorbilis", floresce em agosto e em setembro, exhibindo, de fins de outubro e dezembro, bellos fructos vermelhinhos como a pitanga.

Da segunda metade do mez de outubro até meados de janeiro, a colheita é feita diariamente, afim de evitar que os fructos caiam no chão.

Depois de colhidos, os fructos são levados para a cupana, casa de palha, onde, em lugar arejado, são collocados em camadas de 25 centimetros no maximo. Durante alguns dias — de um a cinco — os fructos são revolvidos, para que não fermentem.

Para facilitar a extracção do arilo, substancia branca que as sementes contêm, o guaraná é lavado e collocado de molho num vasilhame de madeira ou de barro, onde permanece durante um dia ou dia e meio, tendo-se o cuidado de renovar a agua de espaço a espaço.

Em seguida faz-se a extracção da semente, que é levada para torrar, em fogo brando, num forno de barro.

O Sr. Caetano Cabral que em maguifica monographia estudou o guaraná na revista da Associação Commercial de Manáos, assim descreve as operações finaes do preparo do saboroso tonico da vida:

"As sementes torradas vão a pilões de madeira de lei onde, com a addição de agua, são re-

duzidas a uma massa homogenea. A massa é entregue ao padeiro especialista em bastões ou pães de guaraná, pequenos e cylindricos. Preparados os pães, vão ao fumeiro, quarto fechado provido de giraus superpostos, debaixo dos quaes se faz fogo de lenha forte, sem cheiro, para, com o calor brando, dar-se a evaporação da agua dos pães. Estes são gradativamente mudados de giraus para receberem o calor todo por egual. A evaporação integral da agua absorve de 20 a 25 dias. Depois dessa operação ensecadora tomam os pães uma consistencia petrea e são reduzidos a pó com a lingua do pirarucú, a pedra de amollar ou uma lima de aço".

Por apresentar o arredondado fructo, quando maduro, uma substancia branca, o arilo, o seu as-

pecto dá idéia de um olho.

Deste facto, nasceu a bella lenda indigena, segundo a qual o guaraná brotou dos olhos de um indiozinho, que haviam sido arrancados e enterrados...

Os guaycurús

Habitat — Os guaycurús, os celebres incolas cavalleiros, já quasi não existem: — ha remanescentes na região sul de Matto Grosso.

Costumes — Esses selvicolas eram caçadores e nomades.

Habitavam uma região, emquanto houvesse nas proximidades caça em abundancia. Desde que esta fosse escasseando, mudavam de residencia, removendo com facilidade as esteiras que lhes serviam de tendas.

Prestavam ao chefe todas as honras, inclusive uma muito singular: quando notavam que elle ia escarrar, estendiam as mãos em concha para receber o escarro.

Para um guaycurú ser admittido como guerreiro, devia dar uma prova do seu valor, resistindo á dor. Para isso espetavam-no nas regiões mais delicadas.

Os homens andavam nús, pintando os corpos com extravagantes desenhos.

As mulheres usavam, da cintura para baixo, uma tanga de pelles e, para cima, pintavam-se como os homens.

O córte do cabello distinguia as classes dos guerreiros. Os jovens traziam, á cabeça, uma rêde. Os assaltos eram feitos á noite, de surpresa.

Quando morria um cacique, alguns subditos se suicidavam para fazer-lhe companhia na viagem do além.

Pensavam que o morto se alimentava e por isso construiam, sobre os tumulos, cabanas onde collocavam viveres.

Matavam as crianças disformes, illegitimas ou

gemeas.

A mãe não creava mais do que um filho, abortando ou matando ao nascer todos os outros. Geralmente as mulheres só concebiam depois de trinta annos.

Segundo Azara, o aborto era praticado de um modo violentissimo: a mulher gravida matava o féto, pediudo, a outra para andar de joelhos sobre o seu ventre...

A polygamia não era permittida. Cada guerreiro vivia somente com uma mulher, podendo, porém, trocal-a quantas vezes lhe aprouvesse.

Ao contrario das outras tribus, os Guaycurús não offendiam as mulheres inimigas que caiam prisioneiras.

O cavallo — Tinham um amor enorme ao cavallo e eram peritos na arte equestre.

Chamavam o cavallo de apolicane — anta — e a anta de apolicane do matto.

De cima do cavallo manejavam, com admiravel rapidez, um porrete, de cinco ou seis palmos de comprimento, com uma pollegada de diametro, feito da estipe da palmeira gerivá.

Com o animal em disparada, o incola desferia violenta pancada na caça a abater, todavia, quando elle via que não podia alcançar a presa, girava o porrete no ar e arremessava-o com força. A certeza do golpe era absoluta, em virtude do bastão attingir a caça pelas pernas. A paneada era tão violenta que quebrava as pernas do homem ou da féra, impossibilitando-os de fugir.

Assim que um guayeurú lobrigava um ruminante, ao longe, occulto no arvoredo, incitava seu cavallo com gritos e partia em célere galope, ro-

dopiando no ar o seu cacete.

Acontecia, algumas vezes, o veado embrenharse na selva. Se o cavalleiro não era bom, o corcel, como seguindo uma róta rigida, continuava, imprensando-o de encontro aos duros e tortuosos troncos das arvores.

O tuchaua — O chefe guaycurú, era hereditario, contudo, quando succedia haver um herdeiro inapto, fazia-se uma eleição afim de escolher-se o conselheiro do tuchaua.

Guaycurús-caudiuéos — Estes indios vagavam ao longo do Paraguay, desde o forte Coimbra até ao Pão de Assucar.

Varias vezes invadiram o Paraguay para roubar bois e cavallos. De um feita, porém, ao invés de atacarem fazendas, tomaram, de inopino, o forte Olympo, dispersaram a guarnição do mesmo e trouxeram, como trophéo, as fechaduras e dobradiças das portas...

Desde 1857 que as indias caudiuéas usam, como vestimenta, tecidos de algodão.

Enrolam lenções ou colchas em torno do busto comprimindo os seios, de modo que parecem estar vestidas com uma tunica.

Completando o simples trajo, as Evas gentis pintam as faces com a tinta azul-escuro do genipapo e o matiz vermelho do urucum.

As viuvas são logo notadas: debuxam, no rosto, flòres e estrellas.

Lenda — Um guayeurú perguntou uma vez a Deus porque, havendo feito numerosas as tribus dos Guanás, dos Chamacocos, dos Terenas, dos Kinikináos, etc., fez a dos Guayeurús com pouca gente, e Deus respondeu: E' porque os Guayeurús são os homens mais robustos da terra e se fossem muitos, todos os outros seriam seus escravos ou não existiriam mais.

Então o guaycurú disse ainda a Deus: vós déstes aos outros indios o arco e a flecha que aterram os contrarios, e a nós ensinastes a preparar o bastão de gerivá: é este a nossa unica arma!

E Deus responden: se tu, guaycurú, és temido e escravisas os outros homens só com esse bastão, o que não farias se manejasses as flechas que usam os seus inimigos?

Um conto — O commandante Claudio Soido, que nos contou a lenda acima, escreveu, tambem, um conto interessantissimo — resultado de sua observação pessoal em 1857.

"Nos fins do seculo passado, brigaram os Guaycurús com os Payaguás, indios, que, como se sabe, habitavam o Paraguay, e de cujo nome, por corrupção, formou-se a palavra Paraguay. Da dita briga, resultou chegarem-se a nós os Guaycurús, que, até então, alliados dos Payaguás, tinham odio de morte á colonia portugueza em

Matto Grosso. E porque mudassem de opinião, determinaram jurar fidelidade a el-rei de Portugal como seus vassalos, o que fizeram em Cuyabá, na presença do capitão-general Luiz de Albuquerque. Nessa visita, porém, recuson a mulher do chefe guayeurú Emmavedi Chané, orgulhosa da sua estirpe de chefe por herança, juntar-se á seuhora do capitão-general, dizendo que essa seuhora era egual ás suas escravas, e que ella, mulher de Emmavedi Chané, tinha por egual a mulher desse que ficou lá... e apontava com a mão para longe. Essa que ella reconhecia por sua unica egual era a rainha D. Maria I..."

Os poianauas

Habitat — Demoram nas ribas e terras firmes do rio Môa, affluente da esquerda do caudaloso Juruá, no Territorio do Acre.

Vivem em franco commercio com os civilisados e são protegidos pelo coronel Mancio Lima, uma das figuras de maior prestigio no municipio do Juruá.

Aspecto — São morenos claros, de baixa estatura e andam completamente nús.

Os homens disfarçam o sexo com um cinto de embira. Andar em trajes de Adão, isto é, sem o

cinto, é julgado indecencia.

O indio só tira o cinto para dormir ou tomar banho. Fóra disso, nem mesmo depois de morto deixa de usal-o.

Assim que as crianças atingem a edade de dez annos, soffrem a perfuração das orelhas e do septo nasal.

Os instrumentos que usam para effectuar essa cirurgia esthetica são o espinho da popunha e o

osso do morcego.

Nos furos das orelhas introduzem, commummente, uma tala de paimba e, nos dias de festas, pennas coloridas. Na perfuração do septo nasal, sómente nos dias festivos, collocam contas. Casamento - Como no tempo de Jacob e de Rachel, "a serrana bella", os noivos têm que arabalhar algum tempo para o futuro sogro.

Cada homem póde possuir até quatro mulheres.

E' facil imaginar o que seja uma casa de palha, pequenina, com quatro esposas de um homem só. Ás vezes ellas se engalfinham, procurando uma arrancar os cabellos das outras. Após a briga ficam zangadas, para depois de algum tempo se reconciliarem.

Em muitas occasiões o marido é obrigado a intervir. Então, deita uma das contendoras no chão e applica-lhe, nas nadegas, possantes palmadas.

As mulheres se casam muito novas. Andam completamente nuas, usando a langa sómente quando saem da utá (casa).

Caracter — Os Poianauas são valentes e enfrentam com galhardia o animal mais feroz.

São gratos aos seus bemfeitores e obedecem

ao seu chefe - o incibii.

Os filhos cuidam dos velhos paes com desvelo, dando-lhes comida e lavando-os.

Necrologia — Outróra queimavam o cadaver e tudo que lhe pertencia. As cinzas dos osses era misturada com uma bebida feita de mandioca, de nominada passimá.

Atualmente os mortos são enterrados.

Taluagem — Aproveitam a occasião da cerimonia da perfuração das orelhas e do naviz para tatuarem as crianças. Os velhos se encarregam dessa operação. Raspam a fuligem produzida

pela chamma do sernamby do caucho sob o fundo de uma panella, e misturam-na com o summo do genipapo verde, originando uma tinta de coloração negra.

Embriagam o paciente com o passimá e deitam-no em decubito-dorsal. Sobre a parte a tatuar passa-se a tinta e com um espinho de murumurú faz-se o desenho.

No homem executam um circulo em redor da bocca e duas rectas partindo da commissura dos labios até dois centimetros do pavilhão do ouvido. Levantam sobre essas linhas, varias perpendiculares de dois centimetros.

Na mulher, além das tatuagens feitas no homem, fazem mais as seguintes: duas rectas partindo pouco abaixo do umbigo até às mammas e duas outras dahi saindo em direcção das axilas.

Emquanto o trabalho é feito, o paciente dorme profundamente.

Lingua — Para não chover no molhado, vamos transcrever o que o Dr. João Braulino de Carvalho, illustre medico e ethnographo estudioso, disse saber o assumpto em seu maravilhoso relatorio.

"Os Poianauas falam um dialeto "Pana". O dialecto poianaua apresenta o mesmo alphabeto que o portuguez; no entanto, devemos annotar as seguintes modificações: O u ora sôa u, como em portuguez, v. g., "urrú", branco, ora tem o som de "ü" (u tremado) v. g. "peichu", dorso; o ch ora sôa como X, v. g. "iumchin" (xin), alma, ora sôa como se fosse ch em hespanhol, v. g. "chandeaqui", "ipachi", "chirri" — armar, pae, dormir;

o i sôa como i, v. g. "vichi" — arraia, ou i guttural, como "tapi" — ouvir.

Os Poianauas não têm terminação para designar os generos; o substantivo não varia; é o mesmo, tanto no masculino como no feminino; então, para designar os sexos empregam os artigos vuendê para o masculino e iuntran para o feminino.

Para designar o cão masculino; ouchite-vuendê; cadella: ouchite-innrran; auá-vuendê: anta macho; auá-iunrran: anta femea; tancará-iunrran:

gallinha; tancará-vuendê; gallo".

"Algumas palavras têm o feminino e masculino em termos differentes, v. g.: homem — irabü: mulher — animbú (m mudo)".

"Não tem o artigo. Quando dizem — o homem: irabú; para designar os homens ou muitos homens, empregam o adejctivo "rumbá" — muitos".

"O Poianaua não tem desinencia para determinar o plural; juntam ao substantivo ou adjectivo a palavra rumbá".

"Contam até cinco, nos dedos:

Um - uestê.

Dois - arabi (i longo).

Tres - aranan.

Quatro - rumbá

Cinco — daquitá (a brando".

Outras noticias — O fogo é produzido pelo attrito de um bastão de urucum em um pouco de algodão.

Quando estão trabalhando na roça, uns cantam — nós plantamos macacheira — e os outros respondem — plantamos. Suavisam com a can-

tiga a rudeza do trabalho, e, sem sentirem, lavram enorme tracto de terra em pouco tempo.

As mulheres tecem tangas com fios de algodão e pintam-nas com urucum e genipapo. Do mesmo modo, fazem as rêdes.

As louças e panellas de barro são tambem confeccionadas pelas graciosas poianauas.

Ligeiro Vocabulário:

Cabeca . . . vouvá Ofho vouerou Orelha . . . pabingui Восса $and\tilde{a}$ Nariz . . . rengui Lingua . . Cabello . . . $and\tilde{a}$ pou Pescoco . . . terrou Barriga . . . atou Nadegas. . . timarran Braço punha**m** Mão marquem Pé taeOsso ran Sangue. . . . imbi Céo. dai Lua onrdê Fogo. icutimbá Sol. pori Pedra. . . . inka**mbi** Pae ipachi Mãe. enachi Moça runtoucou Feio bichá Eu $i\sigma$ Tu miNós nucurahi Canôa. . . . nunti Vermelho . . tani Verde runá Vergonha . . rabin

Os tembés

Habitat — Os indios tembés, apesar de aldeados, ainda se regem por alguns costumes de antanho. Habitam o rio Capim e outros affluentes do Gurupy.

Indole — Se bem que constantemente atacados pelos timbiras, que demoram no Cajuapára, elles se limitam a repellir os atacantes. Isso revela uma indole pacifica.

Aspecto — Em geral são baixos, reforçados, de côr moreno-clara e bonitos. As mulheres são mais altas do que os homens, têm o corpo mal conformado, apresentando, contudo, feições delicadas.

Os que vivem fóra do contacto com a civilização, usam o beiço inferior furado por onde é introduzido uma rodela de páu.

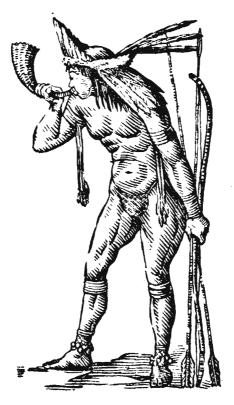
Casamento — Os tembés não usam cerimonias especiaes para commemorar o casamento.

Geralmente entregam uma menina a um rapaz para com elle viver até que naturalmente se casem.

A polygamia é permittida aos principaes da tribu.

Enterro --- Assim como o casamento, o enterro tambem não é revestido de cerimonial.

O cadaver depois de envolvido em cascas de jutahy é enterrado em sepulturá aberta numa casa especial chamada intimáua.



Pig. 6 - Um indio tembé.

Vestiario — Vivem estes incolas completamente nús, occultando os orgãos genitaes com uma tala de cipó.

Usam os cabellos, na frente, aparados na testa e, atrás, longos e cahidos pelas costas, qualquer que seja o sexo.

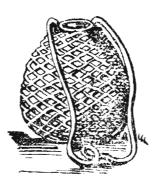


Fig. 7 --- Pote dos tembés

As mulheres trazem a tiracolo sobre o hombro direito uma facha de algodão branca ou tingida de urucum chamada tupóy, que possue uma dupla serventia: encobrem as partes pudendas e servem para conduzir os filhos.

Os guerreiros usam no braço esquerdo um acolchoado de algodão, que serve para amortecer o choque produzido pelo arco no momento de desferir a flechada.

"Nos seus dias festivos adornam-se com enfeites de pennas, consistindo quasi todo na cabeça. Amarram nesta, obliquamente, uma testeira de pennas amarellas, da cauda do japú, tecidas



Fig. 8 - Araué - sceptro dos tembés.

inferiormente com fios de algodão, a que chamam akanicale. No cordão com que atam o akanicale na nuca prendem uma especie de babado de pennas de cauda de arara vermelha, que cáe sobre as costas, a que chamam aranipéú. Por cima deste atam horizontalmente uma especie de resplendor com tres ou quatro pennas de cauda de arára, presas a um tecido de algodão, com pennas de papagaio, denominada atuáraué. Todos esses enfeites reunidos têm o nome de nayahy. Na parte superior do ante-braço ligam uma especie de pulseira, tendo pendente pela parte interna diversos cordões terminados em borlas de penna de papo de tucano, — lenapécuary-tap. Na barriga das pernas amarram ligas estreitas de cordas chamadas

tetémacuáus; acima dos tornozellos outras ligas com guizos de piquiá, chamados anáiú. Quasi todos usam, trazidas ás costas, e penduradas ao pescoco, cornetas ou businas feitas de massaraadyba em duas partes, e depois unidas e grudadas com o leite da mesma arvore. As pennas que as enfeitam são grudadas com o mesmo leite. Têm a fórma de corno, com o buraco para tocar-se na ponta do lado convexo; são cobertas de pennas. de papo de tucano, amarellas, de arara, vermelhas e de mutum, pretas. Acima do buraco prendem o cordão e um enfeite de pennas de gavião real (uirancté), tecidos em fio de algodão. Esta busina, que serve para chamar os companheiros á dansa e á guerra, chama-se mimê. E o unico instrumento que usam. As mulheres, para as festas, grudam os cabellos com cêra virgem, e, sem ordem, pequenas borlas de papos de fucano, chamados ueçae: cobrem os braços com a pennugem branca do gavião real, presa ao bren com que se untam. A esse enfeite dão o nome de nirágana. Tirar-se uma das borlas do uêcaê é uma offensa. Pintam as pernas com urucum e genipapo. O tuchana tem o seu arané, que é o sceptro. E' nma especie de espanador, tendo no cabo uma porção de cordões cobertos de pennugem de gavião real e rematados por borlas de papo de tucano". (1)

Armas — As armas usadas são: o arco, muirapara; a flecha de taquara, lié, que serve para abater o inimigo e animaes grandes e a flecha com ponta de osso, macanaufêté, utilisada na pescaria.

⁽¹⁾ J. Barbosa Rodrigues.

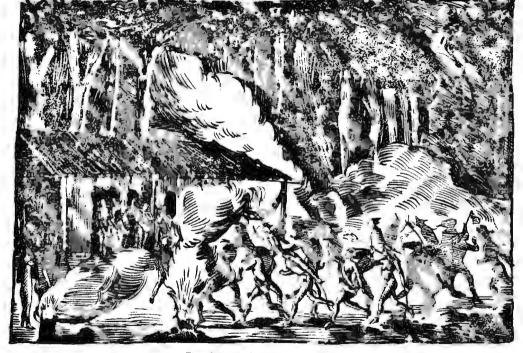


Fig. 9 - A festa da tucanayra.

O arco apresenta as extremidades recurvadas e cobertas por uma ligadura feita com fio de algodão.

Tucanayra — E' uma bebida preparada com mel de páo, saburá dos favos e agua. Depois de tudo completamente dissolvido é posto ao sól, durante alguns dias, para fermentar, sendo em seguida coado e guardado num vaso de barro revestido por uma rêde de malhas de fio de algodão e dependurado no tecto da casa por meio de um suspensorio.

A festa da tucanayra - - Dezenove horas. O som estridente das businas reune toda a gente da maloca, como um toque de clarim no quartel.

Guerreiros, velhos, moços e creanças formam em linha defronte á casa do tuchana, entoando um canto lugubre.

O chefe sác, todos se reunem a elle excepto as velhas que se retiram para dentro da casa. O córo é suspenso e o tuchana com as mãos para o ar resmunga uma cantiga barbara que é de vez em quando interrompida pelo estribilho de todos.

Aproveitam essa musica para a dansa. Os convivas descrevem dois circulos consecutivos, tendo o tuchana por centro. A' medida que vão cantando, o circulo selvagem ora gira para a esquerda, ora para a direita. Todos batem fortemente com os pés, a roda continúa oscillante, o tuchana entôa qualquer cousa que o côro responde $g\hat{e}$ - $g\hat{e}$.

De repente a cantoria pára, afim de que as mulheres que haviam ficado dentro da casa cantem. Aproveitam essa occasião, para beber a tucanayra, que é servida numa cuia passada de mão em mão.

Os homens dansam com seus arcos e alternados com as moças.

Esta festa tem o nome de penéc. O canto do tuchana é um hossana aos antepassados, o estribilho monosyllabico dos dansarinos é um hurrah de approvação e o canto melancolico das velhas representa uma lamuria profunda pelos que tombaram

Os carajás

Habitat — Vivem mudando constantemente as suas malocas ao longo do Araguaya na ilha do Bananal.

Familias - A grande nação Carajá, outróra altiva e forte, hoje humilde e submissa, se divide em tres familias: a dos carajás propriamente dita, a dos javahés e a dos chambicás. A primeira vive nas proximidades da ponta norte da ilha do Bananal; a segunda habita a parte média da ilha citada e a terceira campea na região das taipas - (ita-i-paba = pedra-agua-corre), onde outróra viviam os vinárés com quem mantinham optimas relações.

Somatologia — Os carajás são de grande estatura; as mulheres, porém, mais baixas, e delicadas.

Segundo Ehrenreich, os incolas em estudo possuem craneo alto, comprido e estreito, nariz proeminente, em geral muito curvado, fendas oculopalpebraes pequenas e, ás vezes, rasgadas, cabello comprido, ora duro, ora ondeado, relativamente fino.

Antigamente os carajás usavam enormes cahelleiras que desciam até aos hombros. Hoje aparam o cabello na altura do meio da orelha, utilisando tesouras ou facas que barganham com os civilisados, quando não empregam laminas de taquara.

Pequeno vocabulário:

Pé — wa awa
Cabeça — wo-ara
Cabellos — wo-ara-day
Braço — wa-asio
Dentes — wadjou
Mãe — nadi
Pae — onaa
Chuva — bi-on
Fogo — eastou
Lua — aadou-vel-endo
Sol — tioce
Terra — sou-on: vel sorn
Peixe — pollonra
Rio — bero

Tatuagem — Desfiguram o rosto horrivelmente, com a tatuagem, para o que empregam aculeas espinhas de peixe.

Na commissura dos labios desenham, dois angulos agudos; abaixo dos olhos debuxam duas circumferencias e ao longo do nariz fazem um comprido risco.

Costumes — Desde o tempo das marchas atrevidas dos bandeirantes que os carajás eram obrigados a ceder suas filhas e esposas aos conquistadores. Faziam, os incolas, essa ignominia a contra gosto e para remedial-a atacaram os pirapés. Venceram-nos e escravisaram suas mulheres com o intuito de dal-as aos civilisados.

Os carajás não têm a idéa divina, pois em seu vocabulario não se encontra a palavra Deus.

Respeitam a um chefe, a quem chamam de capitão. Este dirige a tribu discricionariamente e é por ella obedecido cegamente.

Outróra os moços de ambos os sexos usavam lindas pulseiras que eram o emblema da virgindade. Eram essas pulseiras atadas aos braços e ás pernas. Esses enfeites apresentavam, na parte da frente, umas borlas que davam um certo donaire aos jovens. Com o casamento eram as borlas arrancadas.

Segundo Couto de Magalhães que dedicou a melhor parte de sua vida ao estudo do Araguaya, a scena do casamento se passava da seguinte maneira: "O capitão e os paes dos contraentes vêm com suas mulheres, familia e com todos da tribu. Prepara-se uma estrada, ao longo da qual ficam os indios em alas. O noivo e a noiva, conduzidos por seus paes, ficam cada um ao lado do capitão; assim dispostos, o noivo passa a dar prova de que tem forca bastante para nutrir sua familia. Esta prova consiste em correr ao longo da estrada, carregando um tóro de madeira de burity, pesadissimo; se o noivo consegue ir e vir correndo desenibaraçadamente, e sem cair, está apto para o casamento; se, porém, assim não acontece, o casamento fica adiado até á occasião em que, pelo crescimento de forças e agilidade, o possa fazer".

"Esta cerimonia indica não só que o marido deve nutrir sua familia, como tambem deve ser dotado de força e agilidade bastantes para, na occasião das batalhas, defender sua mulher, fugindo

com ella sobre os hombros".

"Feito isto, o capitão entrega a noiva ao noivo, segue-se o jantar que consiste em caça, pescado

e num holo de farinha de mandioca, que é partido pelos noivos".

O ichió — O ichió é o guarda dos tumulos. Em cima de cada sepultura, onde collocam os objectos de uso individual do finado — pratos, panellas de barro, comida, peixes, frutas, etc., fincam uma estatua de madeira — o ichió — que velará, consoante sua crença, pela inviolabilidade dos tumulos.

Alimentação - Apesar do contacto com os civilisados, os carajás até hoje não comem carne de gado.

Alimentam-se de peixes, tartarugas, tracajás, porco do matto, caetetú e cotia, além da mandioca que plantam, assim que organizam seus acampamentos.

Vida nomade — Em busca do peixe, os carajás mudam constantemente de pouso. Para facilitar essas mudanças, elles edificam ranchos desmontaveis. Vivem durante o verão nas praias e durante o inverno nas margens barrancosas.

As suas canóas são feitas de modo que possam transportar com segurança os seus ranchos.

Noticias — Os velhos e os doentes são sustentados pela tribu.

A polygamia e o adulterio são punidos com a morte.

O capitão adopta como filhos os orphãos dos guerreiros fallecidos em combate.

Quando um conjuge morre, o outro recebe novamente as borlas que usava antes do casamento. Hoje os costumes se acham bastantes relaxados, devido aos desenganos que os selvicolas soffreram com o contacto da civilização.

Apesar da protecção catholica, protestante e do governo — que mantem um posto na ilha do Bananal — a incorporação dos incolas está se fazendo demasiado lenta e com prejuizo para os aborigenes.

Os nhambiquáras

Habitat — Na serra do Norte, onde o Estado de Matto Grosso se acaba (1), campeam os nhambiquáras. Foram pela primeira vez encontrados no chapadão do Jaty (2), justamente no local onde se acha a estação telegraphica do Juruena. Esses indigenas algumas vezes atacaram a residencia (3) de verão dos capitães-generaes, a capital do ouro — Matto-Grosso, — e desde esse tempo receberam o nome de cabixis. Com essa denominação existe um rio, affluente do Guaporé, onde residem alguns nhambiquáras.

Somatologia — São de estatura mediana, ventre saliente, coxas grossas, pernas finas, pés pequenos, nariz pequeno e chato, dentes conservados e cabellos grossos aparados na testa e na nuca.

Vestiário e enfeites — Andam completamente nús, trazendo, os homens á cintura, um saiote urdido com folhas tenras do burity. Furam as orelhas afim de dependurarem compridos brincos de contas. O scepto nasal e o labio superior são atravessados por pedaços de madeira.

NOTAS DO GEN. RONDON: — (1) Mato-Grosso só se acaba no Madeira e Guaporé, aos 8º 10' de Lat. S. (2) A serra do Norte corre no paralelo 12º S. (3). A residência de verão dos Capitães-Generais era Casalvasco.

Interessantes ligas de tucum ataviam os punhos, os braços e os jarretes.

Ornamentam o pescoço com collares feitos com os frutos da bacaba.

Costumes — Têm o habito de dormir no chão, pelo que receberam dos parecis, seus visinhos, o cognome pejorativo de uaikoakorês — gente que dorme no chão. Todavia esses autoctones só se deitam em terreno de arcia e muitas vezes, em viagem, caminham legnas para encontrar manchas de arcia branca lavada, onde possam passar a noite.

Possuem uma pequena agricultura, cultivando o milho, a mandióca, o cará, as favas e as batatas.

Da mandióca, preparam uma bròa de côr amarellada e cheia de rugosidades com que se alimentam durante as longas peregrinações pela selva.

Fumam cigarros feitos com folhas seccas pulverisadas. O envolucro é, tambem, de folha.

Extraem das arvores o met de abelha, utilisando um machado de pedra de peso aproximado de dois kilos. O encastoamento do machado no cabo é feito com breu. No roçado também se servem deste rudimentar utensilio.

Grupos — O General Rondon classificou os nhambiquáras em cinco grupos.

O primeiro — o dos congorês — habita o valle do Burity.

Os nenés e os uáindizês vivem em constantes turras e lutas no trecho comprehendido entre o Juruena e o Juhina. O quarto grupo — o dos anuzês — domina os valles do Camararé, do Doze de Outubro e do Iké.

O primeiro grupo é de indole pacifica, os restantes adoram a guerra.

Ao longo dos rios Ananás, Festa da Bandeira e Roosevelt, encontram-se os mamá-indés, tamáindés, os malondes, os sabancs, os yayas e os navaités que constituem o quinto grupo.

Em 1916, Rondon orçou a população nhambiquára em vinte mil almas.

Todos esses selvicolas foram estudados pelos doutores Roquette Pinto e Murillo de Campos.

Quilombos — Houve no rio Guaritizê um quilombo tão forte quanto o da republica dos Palmares. Africanos transfugas das minas organizaram tão aguerrido reducto que, para exterminal-o, foram enviadas varias expedições militares.

Após a derrota, os negros procuraram abrigo nas malocas dos incolas, onde podiam reviver os dias felizes vividos no ardente continente da raça de Chan. Houve um estrelaçamento de costumes e um caldeamento profundo de sangue.

Vê-se pela configuração do nariz, pela barba crespa, pelo cabello grosso e pelo vocabulário eivado de termos africanos e portuguezes, que quasi todos os nhambiquaras são cafusos.

Alimentação — Alimentam-se principalmente da caça, da pesca e dos productos fornecidos por sua insipiente agricultura.

Os seus alimentos são preparados em panellas de barro. Fazem excelentes ensopados com carne de caça, frutos silvestres, mandióca, grande numero de insectos, diversas larvas, formigas, filhotes de maribondos e reptis.

Não só os nhambiquáras, como muitos outros selvicolas entre os quaes os chavantes e os carajás, costumam envolver, com areia, a carne e o peixe, afim de assal-os em crepitante fogueira.

O pão do nhambiquára é o beijú que é assado em uma larga lage.

A agua só é ingerida depois de misturada com o delicioso caldo do ananaz agreste.

Com os fructos do assahy, da bacaba e do patauá fazem gostosa bebida.

Caça — As féras e os passaros são mortos a flechadas.

Organizam, na selva, tocaias onde aguardam a approximação da caça. A flecha é disparada atravéz de uma setteira e o animal abatido a pequena distancia.

Muitas vezes perseguem a caça malferida e se, por ventura, tiverem que atravessar um curso dagua, o fazem a nado ou com o auxilio de uma balsa rudimentar constituida de talos de burity, por desconhecerem o uso da canôa.

Feiticeiros — Ha em cada grupo um feiticeiro que cura os doentes sugando as partes afetadas. Depois de chupar, demoradamente, as partes doloridas ou feridas, elle retira da boca a coisa ruim.

arremessando-a para longe: — é um costume herdado dos negros captivos.

Habitações - Parece que os aborigenes que hoje estudamos aprenderam a confeccionar suas habitações com os africanos. Ostentam essas construcções a forma conica e são sustentadas por um esteio central — o eixo do cone.

Outras palhoças são constituidas sómente por "uma meia agua", que se apoia no chão e numa viga horizontal.

Os tupynambás

Habitat — Viviam ao longo do litoral divididos em dois grupos: Um que campeava do rio Parnahyba ao Pará e outro de São Francisco a Camamú.

Costumes — Andavam nús, caçavam, pescavam, possuiam uma agricultura incipiente e faziam instrumentos grosseiros com a pedra polida. Habitavam enormes aldeias denominadas tabas que eram organizadas, de modo que no centro fisasse uma área enorme conhecida pelo nome de ocára.

As suas tabas eram defendidas por espinhentas jussaras e na porta de entrada exhibiam os craneos dos inimigos que haviam derrotado.

A casa, construida com ramagens, chamava-se óca. Não apresentava divisões internas e nella se

abrigavam muitas familias.

Ornamentavam-se pintando o corpo de preto e de encarnado; usando, á cabeça, um cocar e, á cintura, um saiote de pennas garridas; esfuracando as faces, os labios e as orelhas por onde introduziam contas de varias cores e penduricalhos.

De raiva, uns comiam os piolhos e outros ti-

nham o habito de comer terra.

Apresentavam um aspecto engulhoso, e exhalavam cheiro desagradavel.



Pig. 10 - Um indio tupinambá com sua complicada e rica indumentaria.

Religião — Não possuiam culto religioso algum. Comtudo acreditavam em feitiçaria e em adivinhações.

Segundo Lery, tupan não significava Deus e sim trovão, nome pelo qual designavam ao Deus dos brancos.

O professor Hartt diz que a religião dos tupis era uma especie de fetichismo muito atrasado, consistindo apenas na crença de que todos os objetos da natureza tinham sua parte espiritual. "Alguns destes espiritos, como o Corrupira. Jurupari, Aynan ou Anhangá, haviam já chegado a ser mais ou menos anthropomorphicos; o que sabemos, porém, dos mythos delles, entre os antigos tupys, vale bem pouco, e a mythologia tupica ha de ser reconstituida pelo estudo cuidadoso dos mythos dos indios modernos".

Mulheres — Os homens podiam ter quantas mulheres desejassem e por ellas não finham o menor desvelo.

Durante as migrações, as mulheres eram verdadeiras bestas de carga e a degradação do sexo fraco baixára tanto que muitas mães afogavam as filhas ao nascer.

Guerra — Os tupynambás, como quasi todos os incolas, nunca se batiam de frente. Emboscavam-se para surprehender o inimigo.

Muitas vezes assaltavam de inopino alguma taba, fazendo uma gritaria infernal e trucidando, a torto e a direito, sem escolher sexo nem edade. Depois que os inimigos se entregassem pelo panico, tratavam de fazer prisioneiros.

A morte dos prisioneiros -- A cerca deste assumpto, Mello Moraes Filho transcreveu nas pa-

ginas da Revista de Exposição Anthropologica Brasileira (1882), o que ha seculos atrás escrevera o chronista Gabriel Soares. Vantos calcar o nosso estudo sobre esse interessante alfarrabio.

O prisioneiro era conduzido sob clamores ás aldeias dos triumphadores. Depois desse passeio forçado, era o captivo conduzido á prisão, onde permanecia amarrado pela cintura e pelo pescoço, por forte cordame, a robusto tronco.

Calculavam o tempo necessario para engordar o vencido e marcavam o dia do sacrificio.

Nas ultimas noites do prisioneiro, davam-lhe por companhia a mais bella guerreira da tribu. Essa jovem servia sómente para o condemnado ficar com saudades deste mundo...

Ao chocalhar do maracá e ao ruflar do tambor, toda a tribu cantava uma canção rude e dansava desconjuntadamente.

As fogueiras ardiam... No terreiro, o patibulo era constituido por dois páos fincados... O batuque era formidavel... Na prisão, com sua companheira, o prisioneiro despedia-se da vida...

Para exercer a funcção de carrasco, um guerreiro era pintado com genipapo. Collocavam-lhe, na cabeça, uma carapuça de pennas amarellas e um diadema; nos braços e nas pernas, manilhas das mesmas pennas; no pescoço, enormes collares de contas e, na cintura, dependuravam lindas caudas de ema.

Depois do matador completamente ataviado, seus parentes iam busca-lo. Com um pesado porrete marchetado com continhas brancas de buzios,

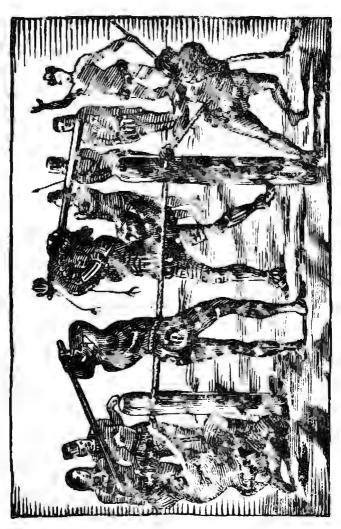


Fig. 11 - A morte do prisioneiro.

o carrasco saia ao terreiro, com passo arrogante. No momento em que apparecia, o povo fazia um barulho infernal, gritando e tocando uns instrumentos musicaes.

No tronco, estava o prisioneiro patenteando insolencia e valentia. Davam-lhe, com uma corda, uma laçada pela cintura, de modo que cada extremidade passasse por furos feitos nas extremidades superiores dos moirões. Em cada chicote da corda, um tupynambá aguentava-a com firmeza.

() carrasco chegava ao captivo, que se achava com um cacete na mão, e dizia-lhe que ia matal-o para vingar scus antepassados. O condemnado respondia com altivez. O matador avançava desferindo forte bordoada, o prisioneiro se defendia e, caso possivel, atacava. Os homens da corda, manejavam-na, de forma que o carrasco não fosse attingido, todavia, algumas vezes o golpe acertava, pondo o vingador fóra do combate.

Depois de morto o prisioneiro, era feito o esquartejamento, para começar o banquete de carne humana

Festa — Da mandióca faziam uma bebida fermentada — o cauim, que era a mola dos festejos.

Lery descreve da seguinte maneira, uma dessas festas: "nunca espectaculo algum me maravilhou tanto, como que me offereciam suas cabanas se eu entrava nellas em occasião de estarem os selvagens cauninando, pois logo ao primeiro lanço via postos ao fogo e cheios de cauim, esses grandes vasos que fumegavam como caldeiras a ferver; de redor, estavam os homens e mulheres delles, nús em pêlo, outros arreados de plumagens, e as mulheres desgrenhadas; uns deitados exhalando fumo de petum pelas ventas e pela bocca; outros dansando, saltando, cantando e gritando, tendo todos a cabeça tão esquentada pelo cauim que viravam os olhos de um modo que me parecia a mim que ali estava a imagem de um pequeno inferno".

Os tamoyos

Habitat — Tripulavam suas compridas canôas, desde o cabo SÃO THOME' até ANGRA DOS REIS.

Eram vizinhos dos guaytacazes, pelo norte e dos guaramomis, pelo sul.

Somatologia — Eram, os tamoyos, altos e robustos. Costumavam, nas festas, enfeitar-se com capas e carapuças de pennas polychromicas. Traziam o beiço inferior furado, por onde introduziam um osso com cabeça que ficava do lado interno do labio.

Descendencia — Pertenciam ao grande ramo tupy, que emigrou das barrancas do Paraguay, rumando para o Rio Grande e o Uruguay e dahi percorrendo todo o littoral, até ao Maranhão.

Apesar dessa descendencia, os guapos guerreiros tamoyos só consideravam seus parentes os tupynambás.

Noticias — Foram, os tamoyos, amigos dilectos dos francezes, quando estes aportaram em Cabo Frio, afim de carregar páo-brasil e, mais tarde, na occasião em que Villegaignon, com sua

esquadra, chegára á nossa maravilhosa Guanabara, com o firme proposito de fundar, nestas risonhas plagas, a França Antartica.

As suas malocas eram bem fortificadas com palissadas, identicas ás usadas pelos tupynambás, porém melhores.

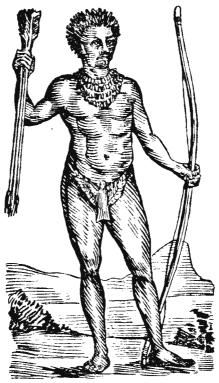


Fig. 12 - Um tamoyo, segundo Lery.

Faziam guerra de morte aos habitantes de São Vicente e de Piratininga e as suas canôas vigiavam continuamente a fimbria littoranea que habitavam.

Devoravam os prisioneiros como vingança, excepto as mulheres que destinavam ao concubinato. Se alguma mulher estivesse gravida, quando fosse aprisionada, esperavam que a criança nascesse, para devorar mãe e filho.

Ha motivos para que os cariocas sejam tão alegres e divertidos, a ponto do seu carnaval impressionar ao mundo inteiro. Parece que a alegria, que contamina os habitantes desta cidade, é oriunda da propria natureza que engalana a bellissima babia de Guanabára.

Já os tamovos erani, no seculo XVI, considerados os melhores bailarinos e musicos de todo o gentio do Brasil. E a veia poetica popular que possuimos, inspirou tambem os nossos antepassados selvagens, que improvisaram poesías para receher cerimoniosamente, qualquer chefe, como fazemos actualmente durante os festejos joaninos, as alegrias do Natal e as pagodeiras de Momo.

Marabá -- Chamavam de marabá a creança filha de paes duvidosos. Quando uma mulher, em estado de prenhez, trocasse de marido, o seu filho nasceria marabá e, como tal, era enterrado vivo, logo após ao nascimento.

Anchieta, durante o seu captiveiro de cinco mezes, conseguiu desenterrar varias crianças e induzir ás respectivas mães a crial-as.

Confederação dos tamoyos — Sob as ordens de Cunhambebe, os incolas se uniram, formando

uma verdadeira confederação, afim de que pudessem, de melhor forma, enfrentar os perós, cognome que davam aos portuguezes.

A luta que os tamoyos levaram á gente lusa

era interminavel.

Resolveram os jesuitas Nobrega e Anchieta ir conseguir a paz no proprio acampamento dos selvicolas.

Francisco Adorno, fidalgo genovez, um dos mais ricos homens do Brasil, comprometteu-se a levar a embaixada da paz.

Apenas o barco, que conduzia os missionarios, se aproximou da costa, o mar ficou coalhado de canôas que, manejadas cada uma por vinte remos, vinham céleres atacal-o. Assim que os aborigenes lobrigaram os habitos dos jesuitas, suspenderam o golpe e os deixaram desembarcar.

No dia seguinte, vieram dois caciques tratar com os religiosos e resolveram mandar para São Vicente doze rapazes como refens. Levaram os missionarios para um logar denominado Iperoy, onde estes edificaram, com ramagens, uma capelinha.

Estavam os jesuitas ha dois meses no exilio selvicola, quando o governo de S. Vicente os mandou chamar, para com elles conferenciar a respeito do armisticio.

Os aborigenes acharam de bom alvitre enviar sómente Nobrega, deixando, no seio delles, An-

chieta.

Foi durante essa permanencia entre os tamoyos que a gloria de Anchieta subiu aos céos.

Os indios ficaram admirados da continencia desse jovem jesuita na pujança da virilidade.

Para manter a sua pureza, Anchieta fez um voto a Virgeni, a mais pura das mulheres, de compor-lhe um poema.

Faltavam papel, penna e tinta, comtudo o pensamento firme do missionario tudo remediou. Dirigiu-se para a praia, onde os passaros, chilreando, passavam aos pares, onde o mar em ondas marulhosas beijava a areia, onde, emfim, a Natureza, em todo o seu esplendor, convidava ao amor.

O moço religioso com uma varinha ia, na praia, escrevendo as estrophes em que focalizava a vida sacrosanta de Maria. Em seguida decorava o que escrevera e iniciava outros versos, até que conseguiu o seu intento, guardando de cór o poema todo.

Após uma permanencia de cinco mezes, constantemente ameaçado de morte, Anchieta pôde deixar Iperoy com o armisticio firmado.

A oração foi o unico lenitivo que elle encontrou para vencer, um a um, os inimigos da sua alma angelical.

Os pariquis

Habitat — Os pariquis irmãos gemeos dos jauaperys descendentes da nação aruack, vivem actualmente, quasi totalmente civilisados, nas cabeceiras do rio Uatumá, contribuinte do Negro.

Aspecto — São de estatura mediana, de cutis moreno-escura, feios e fortissimos.

As gentis filhas de Eva são geralmente feias e todas possuem o mesmo semblante, como se fossem feitas por um molde.

Andam todos, hodiernamente, vestidos como civilisados, todavia em algumas malocas ha indios nús. Os homens usam uma facha tecida de algodão enfeitada com a tinta de urucum e pennas vermelhas de arara, denominada cueyu. As tangas usadas pelas mulheres têm o formato quadrado e são confeccionadas com algodão e sementes de uapuhy. Tanto a facha como a tanga são dependuradas á cintura, afim de protegerem os orgãos genitaes.

Enfeites — Os enfeites são usados sómente em dias de grandes festejos, justamente como succede com as joias das elegantissimas damas da nossa alta aristocracia.



Fig. 13 - Um pariqui com sua indumentaria marvotica.

As mulheres ataviam a fronte, os pulsos e as pernas com testeiras urdidas com a plumagem polychromica do papagaio e do japú e com pulseiras e ligas feitas com interessantes sementes.

Geralmente o guerreiro selvagem gosta de esteriorisar o seu valor, ornamentando-se com os mais bizarros enfeites. Assim é que os pariquis, á cabeça usam um diadema — o saquiuchy confeccionado com pennas da cauda da arara que saem de uma testeira de pennas de gavião. Ás orelhas penduram gigantescos brincos feitos com a plumagem do tucano. Nos pulsos e nas pernas collocam o $roc\delta$ — pulseira de pennugem branca — e o nequery — liga de algodão tingida com urucum. Para apparecerem com pompa nas suas arlequinadas, atravessam o scepto nasal com duas pennas vermelhas, do tucano.

Armas Aléní do armamento corriqueiro o arco e a flecha -- os pariquis manejam com graciosidade e destreza o cuidaru e o muvucú. O cuidaru é uma clava possante feita com a muirapinga e que apresenta quinas vivissimas -- um golpe no pescoço é mortal e em qualquer outra parte do corpo produz enorme ferimento. O murucú é um dardo em fórma de lança numa extremidade e com duas pennas de arara na outra.

Casamento Não ha propriamente um cerimonial especial para as nupcias. Desde que o noivo obtenha do pae da sua futura esposa o consentimento para o enlace, inicia incontinenti o reparo da roça que deverá sustentar o casal. Os paes dos conjuges se encarregam da organização do futuro lar, conseguindo panellas, tipitys, igaçamas, etc.

Por varios pretextos, os guerreiros adquirem outras companheiras, tornando-se polygamos. Esta tendencia do sexo forte vem de priscas éras...



O "coroconó" ou a festa dos mortos — Os jauaperys prestam uma homenagem aos mortos pintando-se com uma tinta feita com o urucum e as cinzas do finado, os cachinánas reverenciam os mortos bebendo na caiçuma os seus ossos triturados, os pariquis cultuam os que se vão deste mundo com a festa do coroconó.

Na porta do fallecido accendem uma grande fogueira. Assim que a labareda estenda para o céo as suas linguas de fogo e a lenha crepite, transformando-se em cinzas e em ondas enovelantes de fumo, começa o festejo.

Uma grande roda de dansarinos circunda o fogaréo. Um delles, designado pelo chefe, agarra o defunto e amarra a sua carcaça, de maneira que caiba dentro de um jamachi — cesto de palha. Em seguida colloca o "jamachi" ás costas e inicia a dansa macabra ao som de lugubres canticos.

O jamachi com a sua carga vae passando de costado a costado, até que todos os dansarinos tenham transportado o precioso fardo. Isto feito é o cadaver lançado á fogueira.

Emquanto o fogo consome a carne do infeliz, os convivas encetam as libações do cachiri, aspirando o odor nauseabundo que se desprende do fogacho.

Quando do finado só restarem as cinzas são estas guardadas num vaso e enterradas na *óca* do mesmo.

No decorrer da cerimonia todos os presentes se pintam com urucum.

A duração da festa depende da quantidade da bebida preparada. Desde que haja cachiri, o incola dansa. Terminada a ultima gotta, elle esmorece como uma machina sem combustivel. Geralmente, a cerimonia dura mais de vinte e quatro horas.

Os jauaperys

Habitat — Chamamos jauaperys todos os indios que habitam o rio do mesmo nome, affluente da esquerda do Negro, que desemboca fronteiro a Manôa, sendo navegado 316 kms.

Em março de 1916 o inspetor de indios Bento Lemos averiguou que uma parte do gentio do Jauapery era estavel e outra nomade. Esta ultima costumava divagar pelos rios Branco e Uatumà.

Denominações — Campeavam outrora no Jauapery varias tribus: os caripunas, os cericunas, os atruais, os assahis e os aruacks. Barbosa Rodrigues denominou-as pelo nome generico de crichanás e Alipio Bandeira deu-lhes a nomenclatura do proprio rio.

Esses indios viviam em lutas continuas com os carayás, os cacuanas e os jumas — que habitavam ao longo da fronteira — e os manáos, os paravianas, os uranacoaunas e os muras, indios salteadores.

Aspecto — São moreno-vermelhos, altos, esbeltos e robustos, sendo os homens em geral mais bellos do que as mulheres. Têm os cabellos negros, brilhantes e duros, a cabeça bem proporcionada ao corpo, semelhante na fórma á dos caboclos do nordeste; rosto largo e expansivo; olhos de bom tamanho, escuros e obliquos; nariz bem feito, pouco achatado e de largas narinas, havendo alguns aquilinos; boca bem talhada e graciosa; dentes grandes, tronco largo, ventre recolhido, pernas finas e nervosas, pés e mãos pequenos e dedos curtos. São asseados, não exhalando o seu corpo, como notou Barbosa Rodrigues, nenhum cheiro. As mulheres são mais baixas e menos elegantes. Tanto homens como as mulheres são affaveis para os estranhos e extremamente carinhosos (1).

São habeis nadadores e remadores, sulcando as aguas dos rios e igarapés com rara elegancia.

Os homens usam os cabellos cortados e as mulheres, compridos.

Anthropophagia — Eram, esses incolas accusados de anthropophagia em virtude de haver Barbosa Rodrigues escripto terem o costume de fazer, dos ossos dos mortos, flautas. Ficou apurado não usarem tal pratica.

Vestiarios e ornatos — Andam completamente nús e, para encobrir suas vergonhas, usam o cueyú, pequenina tanga pintada de urucum e ataviada com duas pequenas borlas urdidas com fio de algodão e enfeitadas com pennas coloridas.

A' cabeça usavam uma grinalda feita com pennas de papagaio. Nas orelhas enfiavam um pedaço de taquara terminado em rosetas, onde

⁽¹⁾ Alipio Bandeira.

dependuravam tranças de algodão ornadas com plumas. Nos pulsos usavam pulseiras do mesmo formato das tranças-brincos.

Não costumam pintar o corpo.



Fig. 15 - Um jauapery.

Armas — Os arcos são os maiores que se conhecem: têm a fórma cylindrica adelgaçada nas extremidades e são feitos com a muirapinima (1) ou muirapiranga — madeira flexivel e forte. Como se vê na gravura, são mais compridos do que um homem.

As flechas são de taquaras, terminando em pontas de osso ou de côco... Empregam as primeiras para a guerra e a caça de féras e as segundas para os passaros.

Toda vez que encontram pregos ou laminas de faca, ou canivete empregam-nos para ponteiras de suas flechas.

Morte -- Costumam sepultar os cadaveres nos troncos immensos das arvores seculares.

Luta com os civilisados — Em 1855 o capitão Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães explorou o Jauapery, procurando um caminho terrestre para os campos do Rio Branco. Não foi feliz no seu intento, porém não topou com nenhuma tribu gentilica.

No anno seguinte Pereira de Vasconcellos remontou o rio, semeando a morte e o incendio, emquanto saqueava os rudimentares roçados dos selvicolas. Como vindicta os aborigenes em dezembro de 1872 atacaram a villa de Moura expulsando os habitantes e apoderando-se dos objectos que almejavam, facões, machados e pregos.

⁽¹⁾ A MUIRAPINIMA, — cujo amago é aproveitado para as iindas bengalas vendidas em Manãos, — não se presta ou não se adapta ao ARCO, por não ser flexível. Deve haver engano na denominação da especie acima referida. — Nota do Magalhães.

O governo do infeliz estado do Amazonas mandou preparar uma expedição com infantaria e artilharia para dar "um exemplo". Commandava a tropa o coronel João do Rego Barros Falção. O fanfarrão, chegando a Moura em 18 de janeiro de 1873, já encontrou a villa abandonada, porém, para justificar os gastos feitos, deu uma batida pelos arredores, matando e trucidando todos os incolas encontrados.

Depois deste criminoso facto, pensou-se em trazer aquelles incolas a civilisação por meio da catechese. Tres tentativas foram feitas sem resultado, porque os religiosos não possuiam a alma do verdadeiro missionario — aquelle que offerece a vida no cumprimento da missão que lhe foi confiada.

Estabeleceram-se postos militares para evitar que os indios fossem explorados pelos civilisados. Todavia o effeito foi nullo.

Em 1884 o inclito Barbosa Rodrigues mostrou sua habilidade de sertanista, conseguindo a amizade do selvicola e, para mostrar a enorme confiança que elle tinha áquella gente, levou o que elle possuia de mais sagrado — sua esposa e sua interessante filhinha — para o amago da selva, afim de visitarem os indigenas considerados cannibaes...

Ricardo Payer tambem esteve com os indios em questão, em 1901, sem que fosse hostilisado, conseguindo fantastico acervo de objectos para o Museu de Historia Natural de Vienna.

Em 1905, um tal Vidal intrometteu-se pelo Jauapery com o fito de exploral-o. Parecia ir animado de boas intenções, tanto que levava sua familia. Construiu uma palheira e aguardou a visita dos aborigenes. Logo no primeiro encontro, devido á sua inhabilidade, teve que matar um indio, abandonando sua choça que foi queimada pelos selvicolas.

Assim que a triste nova chegou a Manáos, o governador Constantino Nery mandou uma expedição militar "limpar" o Jauapery. O capitão de milicia Julio Catingueira foi o commandante da tropa, que agiu como um authentico facinora. Sitiou algumas malocas e, como os selvicolas não desejassem entregar-se á prisão, ateou-lhes fogo, fazendo com que elles fossem queimados vivos.

Deixou, como pasto aos corvos e ás feras, os corpos de 283 indios e levou para Manáos, como prisioneiros, dezoito homens e uma mulher. Essas scenas de vandalismo foram registadas no livro do naturalista allemão Kock Grunberg e tiveram

repercussão mundial.

Em fins de 1911, Alipio Bandeira conseguiu novamente captar a amizade do gentio, porém, não pôde levar avante a sua obra grandiosa porque o governo achou que a funcção militar era incompatível com o trabalho de protecção aos indios...

Resultou disto que cúpidos exploradores, bafejados pelo governo estadual, tomassem posse de rica região do Jauapery e escorraçassem para as brenhas os infelizes incolas donos da terra.

Os uananas

Habitat — Os uananas habitaram em épocas remotas o alto Querary, de onde foram deslocados pelos cubeuas. Ha alguns seculos têm as suas malócas em Iutica e Carurú — cachocira ás margens do rio Uaupés, affluente do Negro.

- Origem — A palavra uanana, em idioma aruack, significa ladrão. Os incolas em questão se denominam kotitias. São de origem tucana, a poderosa nação que invadiu aquella região e venceu os aruacks que vinham do Orenoco já perseguidos pelos caribas.

Costumes - De todos os selvicolas da zona do Uaupés, os uananas são os unicos que ainda conservam os ritos e costumes de antanho -- do tempo em que o branco ainda não havia talado os seus dominios. Os outros, influenciados pela acção dos padres salesianos, já abandonaram os seus antigos costumes e ingressaram quasi que totalmente no ról dos civilisados.

Lingua — Como a dos tucanos, a lingua dos uananas é rica em consonancias e possue fórmas para designar genero e numero.

Enterro — São os unicos indigenas que enterram seus mortos nas ilhas, longe das malócas. De-

pois de feita a sepultura, preparam a mumia. O esquife é constituido por um caixão em forma de canôa. A boca do morto é pintada de vermelho e sobre o rosto é collocada uma mascara de casca de abobora com tres orificios correspondentes aos olhos e á boca. O corpo, depois de todo enrolado com fibras de lucum, é collocado dentro do caixão juntamente com os objectos que lhe pertenciam. O caixão é fechado e amarrado com fortes embiras; as juntas são calafetadas com barro vitrificado.

Adabi — O adabi é um açoite que o uanana traz sempre dependurado no tecto de sua choça.

Todos os aborigenes apresentam os corpos completamente lanhados pelas tremendas surras que levam. Em dias determinados todos se sujeitam ao sacrificio do adabi — homens e mulheres — para adquirirem as virtudes de jurupary, o deus malicioso da floresta.

Uirari — Do cipó do mesmo nome, os uananas fabricam violentissimo curare.

Raspam pedaços de cipó, collocando as raspaduras numa vasilha com agua a qual é levada ao fogo brando, até que adquiram consistencia pastosa. O diabolico cozido, depois de arrefecido, pode ser applicado com resultado.

Casamentos — Os casamentos se fazem por dois processos. O primeiro consiste num accordo entre dois tuchauas de tribus differentes, do mesmo modo que são feitos os enlaces de gente de sangue azul, isto porque não é permittido matrimonio entre pessoas da mesma tribu. O segundo processo é a applicação da lei do mais forte. Um

grupo de guapos mancebos armados de cacete invadem a aldeia onde desejam encontrar as suas "sabinas" e a pauladas e com enorme gritaria, effectuam o rapto.

Depois de consumado o acto, as duas tribus fazem as pazes, realizando uma divertida cerimonia regada a cachiri — bebida inebriante feita com mandioca —, á qual comparecem os parentes das esposas raptadas que vão constituir novos lares.

Os uananas julgam as mulheres seres secundarios e obrigam-nas a trabalhar, mesmo em adeantado estado de gravidez. Não consideram parentes os descendentes da esposa.

Uma festa carnavalesca. — As mascaras são confeccionadas com o tururi e o matamatá.

Um grupo de indios parte para a matta afim de cortar tururi — madeira que permitte destacar-se, em camisas, a sua entrecasca.

Raspam cuidadosamente os toros e em seguida, com uns cacetinhos vão batendo em redor de toda a superficie da madeira, fazendo com que a entrecasca se desprenda. Em seguida as camisas destacadas são levadas no rio e alargadas em manequins adrede preparados com varas flexiveis. Depois de seccas recebem pinturas nas quaes predominam a tinta do urucum, do caiaurú e do genipapo.

Ha um technico que faz o arremate das mascaras, debuxando em cada uma um ornato bizarro. E' o unico que desenha a mão livre; os outros utilisam-se de moldes.

As mascaras cobrem o corpo da cabeça á cintura, de onde caem saiotes franzidos feitos com a fibra do matamatá.

Emquanto os homens preparam as mascaras, as mulheres se encarregam do cachiri.

As cunhas e as cunhatas carregam pesados haquiteis pejados de raizes de mandioca, de cará e de batata doce.

Algumas mulheres descascam os tuberculos, emquanto outras os ralam nos iuicés. O iuicé é um ralo de madeira que a india colloca sobre as covas para ralar a mandioca. A posição tomada pela selvicola é assás incommoda, pois que ella se senta com as pernas estiradas e executa o movimento de ralar com os dois braços: — o corpo fica em esquadro.

A polpa obtida é dividida em duas porções, uma para o beijú e outra para o cachiri. A destinada a esta bebida é collocada, em mistura com agua, em coxos enormes e em camotis (potes).

A dança das mascaras só é executada pelos homens. As mascaras representam os bichos da floresta. Os mascarados formam em fila indiana, indo na frente a onça. Dançam imitando os animaes que representam: o sapo, a borboleta, o rouxinol, o jacamim, o araripirá, o aracú e o papagaio. Quando a onça apparece ha uma confusão dos infernos que arranca da assistencia gostosas gargalhadas.

Nos intervallos da dança das mascaras, grupos, aos pares, executam a dança do carriço. Um rapaz tocando uma flauta de pan com 4 ou 5 carriços emitte uma musica exquisita, ao mesmo tempo que arrasta pelo braço uma rapariga. O cavalleiro fica completamente nú com um diadema de aigrettes na cabeça e a dama veste sómente um saióte, exhibindo pontudos seios que sacolejam na cadencia chromatica da flauta.

Os carriços são feitos com talos de bambú cujos comprimentos variam de 6 a 20 centimetros.

No decorrer dos festejos um grupo de rapazes, correndo a um de fundo, parava de subito em frente a um conviva e offerecia uma cuia de cachiri. No momento em que corriam, os rapazes pronunciavam um somnolento bababababa...

A festança dura vinte e quatro horas. .

Os tupiniquins

Os primeiros indigenas vistos por Cabral — Os aguerridos tupiniquins foram os primeiros habitantes do pindorama maravilhoso descoberto por Cabral, que entraram em relações com gente civilisada. Tiveram a honra de ser descriptos pelo mellifluo Vaz de Caminha, que tantas bellezas encontrou no nosso torrão nos poucos momentos em que aqui esteve.

Na carta, datada de 1.º de maio de 1500, o escrivão da frota lusitana assim se expressava, dando conta da alviçareira nova ao rei D. Manoel. "Pardos, nús, sem coisa alguma que Ihea cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas settas. Vinham todos rijamente em direcção ao batel. E Nicoláo Coelho lhes fez signal que pousassem os arcos. E elles os depuzeram. Mas não pôde haver falta nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa.

Somente arremessou-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. E um delles lhes arremessou um sombreiro de pennas de ave, compridas, com uma capazinha pequena, de pennas vermelhas e pardas com de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas meudas, que querem parecer de aljofar, as quaes peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza".

Signal de amizade — Por esse trecho de carta do poetico Vaz de Caminha, vislumbra-se o animo hospitaleiro do nosso amerindio e nota-se um costume ainda hoje seguido pelos pobres incolas que vivem abandonados na floresta. — a troca de presentes como signal de amizade. Toda vez que um explorador de sertões deseja entrar em entendimento com o gentio de uma região, a primeira coisa que faz é deixar, num local por elle palmilhado, mimos que lhe possa ser agradaveis: facões, machados, pentes, brincos e aneis de fantasia, etc.: caso os presentes sejam levados e em troca tenham os aborigenes deixado outros; arcos, flechas, frutos, pequenos animaes, etc., o expedicionario póde marchar sem medo até topar com a maloca indigena sem o minimo receio de ser hostilisado.

Aspecto - Na descripção do Iupiniquim, o escriptor cabralino é formidavel, procurando com muita arte definir, caracterisar com exactidão extrema os typos que vira. "A feição delles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bom rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nús, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que mostrar a cara. Acerca disso são de grande innocencia".

Segundo as impressões de Pero Vaz de Caminha, os selvicolas que focalisamos, possuiam o labio inferior furado, guarnecido com um osso; os seus corredios cabellos eram aparados na altura

da parte superior das orelhas; pintavam os corpos de um preto azulado, enfeitando-os, algumas vezes, com pennas grudadas com cêra; usavam carapuças de varios formatos e as mulheres carregavam seus filhinhos em tipoias por elles tecidas. que os aconchegavam de encontro aos seus peitos.

Parece que o escrivão de Cabral ficou de subito enfeitiçado pelas nossas virgens morenas. Na sua famosa carta diz elle: "... tam graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe taes feicões, envergonhara, por não terem as suas como ella".

Lutas com vizinhos — Em lutas constantes com seus vizinhos viviam os tupiniquins: ora guerreavam os tupinaes e os tupinambás do mesmo grupo racial; ora pelejavam contra os terriveis aymorés do tronco gé. As guerras intestinas que tanto têm entravado o desenvolvimento do Brasil vêm de longe - tribus do mesmo grupo na ansia do predominio no mando, lutavam encarniçadamente, ás vezes até ao exterminio e, quando scutiam que um elemento estranho poderoso intervinha na disputa contra ellas, alliavamese, uniam-se nesse angustioso momento, lembrandose tardiamente que tinham o mesmo sangue, que finalmente, eram irmãs. Foi o que succedeu aos tupinaes e tupiniquins — guerrearam-se a vida toda, emquanto possuiam forca e vigor e uniramse na occasião em que perseguidos pelos europeus se viram fracos e sem elementos para se defender: o soffrimento e a desdita congregaram aquelles incolas dignos de melhor sorte até ao anniquilamento final.

Gente leal — A lealdade e á operosidade dos tupiniquins devem os donatarios das capitanias de Ilhéos e Porto Seguro o progresso rapido que obtiveram, apesar de terem pago, em troca, com a escravidão e a tyrannia.

Do estudo da grande tribu tupiniquim se conclue que os portuguezes tiveram a sorte inaudita de aportar, justamente, no logar onde campeava a tribu numero um na Ihaneza do trato, o gentio mais apurado nos costumes, mais trabalhador, mais docil e mais leal entre todos os que habitavam a vastissima ourela litoranea desta immensa e rica terra brasileira.

Os ticunas e os omaguazes

I - TICUNAS

Habitat — Poucos são os ticunas que ainda existem nas mattas brasileiras. Os outros emigraram ou morreram na luta pela posse da gléba ainda virgem.

Os infelizes gentilicos foram cedendo terreno. Printeiramente deixaram aos conquistadores as ribas do Solimões. Em seguida as brenhas marginaes do Içá.

Na fuga rumo oéste, os autóchtones acompanhavam a caudal que era a bussola orientadora dos lusitanos.

Foi assim que os ticunas passaram do Brasil ao Perú, seguindo o Içá que, ao mudar de nacionalidade, toma a denominação de Putumayo.

Hoje, no povoado peruano de San Pablo vive uma grande tribu de indios semi-civilisados.

Aspecto — Os homens apresentam physico notavel: fortes, espadaúdos, musculosos e atarracados.

As mulheres possuem fórmas por demais arredondadas; são baixas como os homens e possuem o nariz mesorrinio.



Fig. 16 Indio ticuna.

Tanto os Adões como as Evas são muito feios, porém as suas carantonhas não fazem ninguem disparar de medo. Não raro se encontram alguns typos mestiçados — cafusos ou mamalucos --- que

provam a convivencia de civilisados com elementos da tribu.

São trabalhadores e de indole pacifica.

Origem do nome — Fabricavam os incolas que estudamos um veneno poderosissimo, de effeito mortifero fulminante. Por isso eram respeitados pelos seus vizinhos. A historia se repete: hodiernamente, as nações que possuem armamento e engenhos de guerra mais poderosos, são as mais tentidas.

Ao "curare" violento deram os tapuyas o nome de "ticuna", nome este que passou a designar toda a tribu, como o rijo páo-brasil deu nome ao paiz immenso em que vivemos.

Vestiario - No lusco-fusco do seculo passado, Barbosa Rodrigues disse, a respeito dos ornamentos que usavam os selvicolas que estudamos, o seguinte: "Os homens usam grandes collares de dentes de porco, ligas largas de tecidos de algodão, suspensorios do mesmo tecido, com que encobrem as partes sexuaes, e, nos dias de festas, umas braçadeiras propriamente de pennas miudas de arára encarnada e o seu enfeite de pennas azues e amarellas da cauda da arára canindé".

"Ornam a cabeça com uma grande testeira de pennas das asas da mesma arára, orlada de pennas meudas, vermelhas, e rematada por quatro ou cinco, na frente, das longas da cauda da arára vermelha. Por armas têm, além do arco e flechas, a sarabatana, que é a maior e a mais pesada que se conhece, trazendo as flechas dessa arma, não envenenada, em uma aljava de palha coberta de cerol, junto á qual juntam um saquinho de "tu-

rury" com sumauma, e uma panellinha de veneno dentro de um panno do mesmo turury".

"As mulheres em dias festivos, além da grande tanga de tecido de algodão ou "turury", que circula os quadris, trazem ligas e perneiras de fio de algodão tecido, e nos braços braçadeiras com grandes rosetas de pennas de arara. Ao pescoço penduram innumeros collares feitos de "pucá" (Cissus op.), que o envolvendo pendem até aos seios".

Actualmente as mulheres ticunas usam uma comprida gandola de tecido ordinario e os homens já se ageitam ás calças e ás camisas dos civilisados.

Ainda tatuam os corpos de cores as mais vivas e variegadas. Da casca do tatuary conseguem a fibra com que tecem suas parcas vestimentas.

Costumes — Todos os costumes descriptos quando tratámos dos uananas são communs aos ticunas.

II — OMAGUAZES

Habitat: — Os cambehas foram pelos padres Cunha e Samuel Fritz baptizados por omaguaz ou maguaz.

Sulcavam o Marañon, desde a serra do Napo até á foz do Yutahy ou Jutahy.

Na marcha victoriosa que Pedro Teixeira levou ao cabo em 1637, já encontrou, na região acima citada, o ouvidor da Capitania do Rio Negro, que affirmava terem os indios em questão vindo de Nova Granada, fugindo da perseguição dos castelhanos que caçavam o ouro. Teriam os maguazes descido pelo Caquetá e penetrado pelo Japurá até o Solimões, onde se alojaram, occupando ilhas e terras marginaes.

Costumes: — O nome umauá ou cambeba quer dizer: cabeça chata.

O "it" dos aborigenes daquellas paragens era

possuir a cabeça achatada.

Assim como os chinezes enclausuravam os pés de suas mimosas mulheres em apertados sapatos, os omaguazes comprimiam as cabeças das creanças entre duas tabòas, collocando uma no frontal e outra no occipital. Tanto os chins, como os selvicolas, praticavam esses barbaros costumes por uma questão de gosto e esthetica. Qualquer um de nós, para elles, seria um individuo aleijado.

Foram os omaguazes os indios mais civilizados que se encontraram no Amazonas. Na occasião da conquista já fabricavam muita coisa e tinham

verdadeiro pendor para o commercio.

Plantavam com exito o algodão. Teciam-no. Confeccionavam vestimentas interessantes para os dias frigidos. Fabricavam, outrosim, bellos cobertores que denominavam tapeciranas e que nada ficam a dever aos que usanos actualmente.

Foram os omaguazes os precursores do uso da borracha. Possuiam o segredo da preparação da gomma elastica e fabricavam com ella interessantes sapatos, extravagantes chapéos, fortes vestidos e bolas para jogos desportivos.

Eram guerreiros e tinham como primaciaes

inimigos os ticunas e os maiurunas.

Ao contrario de todos os outros indigenas, os omaguazes não manejavam o arco. Sua arma

principal era uma palheta flexivel de dois palmos e meio de comprimento. Em uma das extremidades cravavam um afiado dente de cotia.

Tomavam a palheta na mão, apertando-a cutre os dedos pollegar e index e deante do dente collocavam a flexa. Flexionavam a palheta, impulsionando com pontaria certeira o dardo mensageiro da morte.

Nota final — Se, ao invés de se entregarem aos labores pacificos, os omaguazes tivessem empregado sua intelligencia na arte bellica, talvez, como os japonezes, evoluissem sem a necessidade do auxilio do branco de além mar.

Indios do Acre

OS MASHCOS

Habitat -- Innumeras são as tribus que ainda campeam o rico Territorio do Acre.

Além dos Nauas, que habitam as terras banhadas pelo Juruá e seus affluentes e sub-affluentes, ha os Curinas e Tucurinas, que vivem nas mattas marginaes do Purús e do fronteiriço Santa Rosa; os Cannamarys, que infestam o Alto Chandless, os Catianas, os Maintenerys e os Mashcos, que habitam o Alto Yaco.

O reverso da medalha — Da visita que fiz aos incolas citados, ficou-me a impressão indelevel da desgraça em que vivem. De todos, porém, os Mahscos ainda guardam um resquicio de vigor e lutam, valentemente, contra os usurpadores dos seus pagos. Ao approximar-me da fronteira peruana notei enormes balsas descendo "de bubuia" o barrento Yaco. Sobre essas gigantescas jangadas se amontoavam familias inteiras — homens desnudos e hirsutos, mulheres esgrovinhadas e maltrapithas, creanças esqualidas e escaveiradas. Eram peruanos que fugiam da furia dos Mashcos.

Disseram-me esses pobres homens, verdadeiros farrapos humanos, que na occasião do bom

preço da borracha se haviam internado na floresta espessa em procura do valioso "latex" e na sêde do ouro foram subindo, subindo, impensadamente, as caudaes que nasciam no coração da selva.

Bem armados, iani, a força de bala, escorraçando os pobres aboricolas que, logo, atinavam com a impotencia das suas flechas e arcos, e fugiam apressadamente dos intrusos "caucheros".

Emquanto a hevéa deu dialiciro, os aventureiros conseguiram balas e armas e com ellas, cada vez se aprofundavam mais na mattaria sem fim.

Depois que os britannicos deram um trompaço na borracha brasileira, a miseria com seu enorme sequito preparou-se para visitar os forasteiros.

Ficaram - seringueiros e selvicolas — em egualdade de condições, ambos com armas rudimentares.

Todavia os Mashcos não se atreviam a fazer uma luta peito a peito, desassombradamente. Aguardavam, emboscados, os caçadores que farejavam a matta em busca de caça. E logo que os tinham ao alcance do sen arco varavam-nos com aguçadas flechas. Deste modo, só em grande grupo podiam os peruanos talar a selva atrás da carne com que diminuiam a fome.

Durante a noite, os selvicolas invadiam os roçados e roubavam e devastavam tudo. Era mistér uma vigilancia apurada, o que consumia os ultimos lampejos de energia daquelles miseraveis.

A vingança era atrós. Dia a dia os aborigenes inventavam novas tropelias: ateavam fogo ás

cabanas dos adversarios, envenenavam as fontes com o assacú e, quando podiam, raptavam mulheres, creancas e cães.

A curva do soffrimento dos peruanos chegou ao maximo e, para procurarem uma vida mais suave, derrubavam compridos e bojudos troncos e com elles confeccionavam balsas que os traziam ao seio da civilisação, completamente derrotados pelos habitantes da selva.

Aspecto - - Os Maslicos são indios de côr morena suave, altos e espadaúdos. Costumam raspar a cabeça com a taquara e por esse motivo eram denominados "los calvos".

Diz o crudito Estevão Pinto no seu interessante livro "Os indigenas de Nordeste" (que deveria chamar-se "Os indigenas do Brasil" o se-

guinte, acerca do toucado ou penteado.

"Não ha negar que o toucado, ou penteado, é um traço cultural importante, que suppõe uma teclinica mais ou menos complicada. Os gês caracterisavam-se pelo uso da cabelleira "em forma de prato", segundo a expressão de Ehrenreich. Com a taquara raspavam circularmente a base do craneo, acima das orelhas, de modo a deixar apenas uma especie de calota, que lembrava um pouco a tonsura de alguns monges franciscanos".

Um indio mudo — Atirando numa capivara que se achava na margem do rio, notámos um indio occultando-se, apavorado, num balsedo. Chamámos o pobre indigena e elle transido de pavor se conservava no esconderijo com os olhos fixos em nossa embarcação. Não houve meio de conseguirmos uma palavra, nem, ao menos, um sonido. O terror se apossára do homem.

Todas as informações dos peruanos acerca do aspecto somatologico se confirmaram no individuo que eu vi. Foi o unico. As armas que levavamos exerciam força repulsiva.

O indigena que não quiz conversa comnosco se achava totalmente nú, não trazendo nem as famosas ligas de tucum usadas por quasi todo o

gentio.

Estivemos mais tarde nos acampamentos dos peruanos e encontramos tudo destruido: barracas, roça e utensilios que não couberam nas jangadas.

Apesar das pesquisas, não lobrigamos nem um incola sequer. Quem sabe se da copa de alguma arvore celles nos espreitavam acompanhando todos os nossos movimentos?.

Os cachinauás

Habitat -- Em aguas do Juruá e seus affluentes, onde nos avizinhamos do Perú, vivem os cachinauas e seus parentes: marinauas, contanauas, capanauas, xaranauas, jaminauas, etc.

Aspectos — São fortes, espadaudos, de estatura média e cutis moreno-claro.

Furam as orchas e o septo nasal, onde, em dias de festa, introduzem contas coloridas, de preferencia, de azul e branco.

Costumam pintar os corpos de vermelho e preto, utilisando o urucum e o genipapo.

As mulheres usam tangas confeccionadas com fibras de embira e ornamentadas com desenhos, onde o traço predominante é o recto.

Em dias festivos, adornam-se com tangas de pennas polychromicas.

Armas — De varios formatos e tamanhos, os arcos e as flechas constituem a arma usual destes selvicolas.

As flechas são feitas de taquara, terminando: em bastão, para abater aves; em lança, para animaes grandes e em arpão, para a pescaria.

O arco é feito com a estipe da popunheira.

O tacape é a arma principal para o combate corpo a corpo. Este instrumento apresenta, na extremidade, uma meia lua, segue-se uma parte chata e termina em bastão, á guisa de cabo. Na occasião da luta, acertam a meia lua de encontro ao pescoço do inimigo, derrubando-o facilmente. Depois disto malham a cabeça do adversario com a parte chata até matal-o.

Imitando o nosso rifle, construiram uma carabina de páo, que tem, na extremidade do cano, uma peça semicircular de madeira, onde enfiam o arco. A corda do arco é presa por um gatilho na coronha, onde se adapta a flecha. Uma vez accionado o gatilho, a flecha parte pelo espaço afóra, em busca do alvo.

-Os incolas que já entraram em contacto com os civilisados, fazem tudo por conseguir um rifle verdadeiro e munição. Uma vez o desejo satisfeito, conservam o armamento com um desvelo todo especial.

Matrimonios — Os cachinauás são monogamos; todavia, os chefes podem possuir até tres mulheres.

Entre o pretendente e o pae da noiva é feito um contrato verbal, quando a futura esposa attinge a edade de 8 a 10 annos. Deste modo, o noivo orienta e ajuda a criação da sua predilecta.

Não ha cerimonial algum.

Mortos — O Dr. João Braulino de Carvalho, que estudou com carinho as tribus que demoram ao longo da fronteira peruana, nos conta: "Após a morte, collocam o individuo em uma panella, que cobrem com outra, calafetando com barro os

respectivos bordos, de modo que constitue uma especie de autoclave. Esta panella é collocada em uma fogueira, durante 10 a 12 horas. Geralmente é a duração de uma noite".

Emquanto se produz a cocção, elles dansam e choram em torno da fogueira. Aberta a panella, geralmente pelo chefe, este divide o morto pelos parentes mais proximos, depois pelos outros indios.

Tudo isto fazem no meio de prantos e lamentações e, de quando em vez pronunciam o nome do morto.

Os ossos são calcinados e, depois, a cinza é guardada para os ausentes que a tomarão na "caissuma". Dizem que assim procedem para que o morto tenha repouso: não têm prazer, é sómente como um rito: deste modo, somos de parecer que não lhes é adequado o titulo que muita gente superficialmente informada lhes dá, de ferozes canibaes, como eram, na época da conquista, os tupys, que comiam a carne humana por prazer. Entre outros documentos podemos citar a "Historia da Missão dos Padres Capuchinhos", pelo padre Claude d'Abvevile: Japiassú, maioral da ilha, manda matar uma escrava, que é encontrada em adulterio, esquartejam-na, e as velhas, principalmente, devoram com supremo prazer (pag. 199).

"Em 1923 o indio Bilé, que trabalhava comnosco na turnia do Embira, deixou a esposa em um cupichaua do Jordão. Ao regressar, soube que ella havia morrido e nos contou que fôra devorada pelos parentes e ainigos". "Em 1922, um indio, quando trabalhava em uma roça, teve uma vertigem e, quando despertou, estava cercado por varios indios e indias com as ameaçadoras panellas e um grande feixe de lenha".

"Quando um individuo morre, os companheiros inutilisam tudo que lhe pertencia; arrancam a macacheira da roça, rasgam a rêde, quebram os arcos e flexas".

"A viuva fica na extrema miseria, tudo que é della participa da destruição dos objectos do marido".

"Entre os cachinauas do rio Jordão, a viuva recolhe os fragmentos dos objectos que pertenceram ao marido e os enterra, e sobre a cova, durante varias noites, faz uma fogueira e ahi postada chora e se lamenta, perguntando se o marido sente frio, se quer mais fogo". (Do Relatorio final do Almirante Ferreira da Silva).

Agricultura -- Organizam grandes roçadas, onde plantam banana, mundioca, milho, batata doce, mendobi e mamão.

O trabalho agricola é distribuido pelo tuchaua, em altas vozes, pela madrugada, quando ainda deitado. Depois levanta-se e vae, de rêde em rêde, confirmar o que havia ordenado.

Caça e pesca — O meio mais facil de caçar é organisar um lapiry de espera.

Conhecida a senda do animal, o indio constroe, na sua proximidade, o tapiry. De inicio o animal se assusta, porém, depois, habituando-se, passa despreoccupadamente. O selvagem, num

bello dia, entra no tapiry e de tocaia lancea a caça, abatendo-a com segurança.

Uma caçada rendosa fornece motivo para

grandiosos festejos.

A pesca é feita geralmente com a flecha munida de arpão.

Dansas - A dansa é um rito com que commemoram as victorias obtidas. Servem de motivo o vôo, o modo de audar, o canto ou urro dos animaes.

Na dansa do jacamin, os homens cruzam os braços por cima dos hombros dos companheiros vizinhos, formando uma grande roda. Emquanto a roda gira para a frente ou para a direita, os dansarinos, bombalcando os corpos, batem com os pés e gritam arremedando o jacamin.

Na dansa denominada *mariri*, tambem uma grande roda masculina é formada. Em rudes versos são cantadas as vidas do veado, do jacamin e

do caetetú.

As mulheres ajudam a cantoria, mas não dansam.

Todas essas dansas são regadas a caissuma — bebida feita com milho e macachera.

Collocam o milho e a macachera numa gamella e com o batan, que é um cubo de madeira, expremem-nos, fazendo um movimento rotativo. Depois de obtida uma massa bem rala, collocam-na numa panella, addicionando-lhe agua. Por algum tempo é feita a cocção.

Fóra dos dias festivos, a caissuma só é distri-

buida pelo tuchaua de madrugada.

Crenças — Acreditam na existencia da alma e temem-na.

Têm estes indios o nome de familia dos morcegos — cachi+naua = morcego+familia — porque consideram hieratico esse animal e por isso lhe dão toda protecção, abatendo a coruja que procura caçal-o.

Julgam que os morcegos representam as alnuas

dos antepassados.

Outras noticias — Fabricam rêdes com fio de tucum e as mulheres, como habeis oleiras, fazem potes, pratos e panellas de barro.

As Evas arrancam os supercilios e desenham

garridas garatujas no thorax e na testa.

Os curinas

Habitat — Outrora o tortuoso rio Santa Rosa chamava-se Curinahá — casa dos curinas.

Nesse rio raiano ainda vivem os remanescentes da grande tribu que, cansados de soffrer, se escondem na penumbra da selva com pavor da luz da civilização.

Nos logarejos Volta do Papagaio e Carolina, banhados pelo volumoso Purus, algumas familias curinas são empregadas na faina estafante da extracção do cédro.

Somatologia — A impressão que tive desses pobres incolas foi má, quer dos que vivem aldeados, quer dos que se alijam na matta.

Contaminados pelos civilisados, não podem suportar, como o faziam em tempos de antanho, as agruras do frio em época do degelo dos Andes. A mortandade é enorme e o remedio até agora empregado para diminuil-a egual a zero.

Os curinas são geralmente baixos e de larga caixa thoraxica, côr morena clara, dentes largos, face mesoprosópia, nariz mesorrinio e cabellos negros e lisos. O aspecto geral das mulheres é bem mais agradavel. São de menor e mais delicada estatura e mantém, perennemente, nos labios, um sorriso interessante e original. Vi algumas que apesar da immundicie em que vivem, podiam ser classificadas de bellas.

Armamento — As armas predilectas são o arco e a flexa. As nossas latas de conservas cram grandemente disputadas, pois, com ellas, faziam laminas para as setas destinadas à caça da onça.

Pude admirar a pericia de um rapazinho no manejo do arco. Fiz um circulo no terreiro e ordenei ao atirador que fizesse o disparo. A flexa enfeitada com pennas de arára partin descrevendo um aclivoso plano inclinado e descen celere, quasi na vertical, visando o alvo escolhido.

Pescarias — Na pescaria usam, além da flexa e do arpão, um processo rudimentarissimo.

Localisada a piracema, os indigenas de cima de suas pirogas vão batendo na superficie dagua, fazendo com que os peixes se dirijam para um logar razo, geralmente á boca de um igarapé. Esta é a parte mais difficil e mais monotona da operação. Uma vez obtida, porém, começa a segunda phase da pescaria que exige agilidade de acrobata. Os pescadores saltam de suas embarcações e, com auxilio de galhos, agarram os peixes á unha.

O peixe é o principal alimento do curina, depois delle a mandioca, a banana, o milho e a caça.

Habitações — As "eupichauas" dos selvicolas que estamos focalisando são as mais rudimentares

possiveis. Fazem um tunnel com folhagem da palmeira, onde em promiscuidade residem. Um homem em pé sente difficuldade em percorrer tal habitação que tresanda a môfo e carne pôdre.

Dormem no chão, excepto aquelles que já conseguiram rêdes confeccionadas pelos civilisados.

A escolha do local para a palhoça requer um cuidado especial, em virtude da existencia de formigas em grande fartura.

Casamentos --- Os curinas são monogamos, com exclusão do "tuchaua" que póde ter quantas mulheres lhe aprouver. A maior satisfação que experimentam é ter em sua companhia uma "sabina" raptada da tribu vizinha.

As meninas são respeitadas até a época da puberdade. Logo depois que se casam, maximé após ao primeiro parto, tornam-se doentes e feias a saúde e a belleza são irmãs gemeas.

Os rapazes para se casarem são obrigados a dar uma prova de coragem. E para isso experimentam tremendas sovas, afim de que possam dar, publicamente, comprovantes de que estão em condições de lutar para a manutenção da familia que desejam constituir. Aquelles que não supportam a "tunda" formidavel a que são submettidos, perdem as noivas e ficam considerados "panemas" — fraco, incapaz, covarde. Os panemas passam a fazer os serviços peculiares ás mulheres: lavrar os roçados e cuidar das cupichauas.

Costumes — Nas veredas que conduzem ás malócas, os indigenas costumam collocar, atrás dos troncos caidos, aguçados estrepes — verdadeiras armadilhas para os forasteiros abelhudos.

Afastado da zona habitada fica o cemiterio. Pensam os curinas que, depois de mortos, cream asas e vão viver onde nasce o Purús. Para que os entes queridos não fujam do rincão onde vivem, costumam amarrar o cadaver numa estaca fincada no fundo duma cóva circular; o defunto fica na posição de cócoras. Sobre a sepultura constroem um tapiry, onde dependuram bananas, côcos e peixes.

Vocabulario -- Descriptos, de um modo summario, os costumes dos curinas, vamos dar algumas palavras do seu reduzido vocabulario.

Mão — izepé.

Olhos — inocó.

Dente — inon.

Orelha — iribó.

Braço — iberrê.

Pé — imori.

Nuca — imató.

Coração — ibonocori.

Nota-se que todas as partes do corpo humano começam pelo som "i".

Mulher - situ. Homem -- magaiderré. Terra -- nami. Céo — mémé. Rio - ueni. Agua --- patçú. Páo --- aná. Fogo - zipú. Bonito -- bicani. Feio - tabaenrá Venha aqui -- relicarrê. Ja vou - ni jou. Eu vi - omitāni. Beber - zeinanā. Comer - ripanã. Nadar - - cunana. Gostar mandina. E assim poderiamos citar 107 vocabulos obtidos em dois mezes de convivencia.

O interessante é que o curina illumina seu semblante com um sorriso toda vez que pronuncia uma palavra que exprime uma idéa alegre ou bôa e torna-se carrancudo, quando descreve um insuccesso ou conta uma historia triste. A entonação da voz exprime, tambem, o que se passa no coração do indio.

Os carijós

Os patos da lagôa do mesmo nome — O litoral gaúcho e catharinense era, ao tempo da descoberta, habitado pelos Guaranys, que se estendiam pelo interior, talando as margens da immensa lagôa dos Patos.

E' interessante a origem do nome desta lagôa. Em 1554 viajavam para o Prata algumas embarcações hespanholas; acossadas por um temporal, viram-se na contingencia de procurar abrigo na barra do Rio Grande. Ahi deixaram fugir alguns patos que traziam a bordo e de tal modo se deram as aves com o logar, que se reproduziram assombrosamente, chegando a coalhar a superficie das aguas da lagôa, dando-lhe o nome. Hoje os caçadores portalegrenses ainda se comprazem em caçar os gostosos palmipedes na lagôa enorme onde o Gualiyba despeja suas aguas.

Eram os Carijós dóceis, trabalhadores e bem intencionados. Pertenciam ao ramo Guarany e, segundo consta, effectuaram uma marcha migratoria do Paraguay para o sul do litoral brasileiro.

Luta desigual — Ayolas, na conquista do Paraguay, encontrou-se com os Carijós á margem de um rio que desagua vinte kilometros acima da foz do ramo principal do Pilcomayo no Paraguay,

onde os amerindios em questão possuiam uma aldeia cercada por uma paliçada dupla, e guarnecida de "bocas de lobo" -- escavações com uns estrepes no fundo.

Os hespanhóes, acossados pela fome, marchavam resolutamente para a victoria. Os incolas, ao ouvirem os primeiros estampidos das armas de fogo, desabalaram em fuga louca, caindo muitos nas proprias esparrelas que haviam armado aos invasores.

Depois de occupada a taba, em homenagem à Santissima Virgem, deu Ayolas, ao logar, o nome de Assumpção.

Costumes — Os Carijós eram já um povo adeantado. Plantavam o milho e a mandioca. Apascentavam os porcos e as lhamas. Fabricavam hebidas com met e mandioca.

No litoral os Carijós construiam suas casas, cobrindo-as com cascas de arvores e já fabrica-vam rêdes e agasalhos com o algodão que cultivavam, forrando-as com pelles e ataviando-as com plumas e pennas. Acostumaram-se esses aborigenes a ajudar todos os navios que lhes solicitassem auxilio, até que um día, traidos na sua boa fé, começaram a tratar os brancos como inimigos.

Um commandante de navio pediu, certa vez, que os indigenas fossem ao porão retirar umas caixas com presentes. Os credulos selvicolas attenderam-no promptamente. Assim que o finorio commandante viu o porão cheio, mandou fechar as escotilhas e fez-se ao largo. Procedimento tão abominavel acarretou um prejuizo enorme a lodos que tivessem necessidade de aportar áquellas plagas.

Na arte de curar, os Carijós levavam a deanteira aos demais indios. O remedio principal era a ventosa applicada com os labios do doutor.

Feitiçaria - A bruxaria, tambem, era desenvolvida. Não ficava nada a dever á dos sul-africanos.

Para enfeitiçar um semelhante costumavam amarrar numa arvore um sapo. A' medida que o nojento animal fenecia, a pessoa enfeitiçada, tambem enfraquecia até morrer.

Se desejavam cegar outrem, enterravam-lhe debaixo da rêde um ovo. Descoberta a mandinga, os objectos que serviram para a mesma deviam ser

arremessados ao rio.

Grande era o numero dos que tinham parentesco com Tupan e se chamavam caraibebes, que os jesuitas traduziram por anjos. A todos se avantajava um que, como um evangelisador, sentenciava: "Tres caminhos havia para o céo: um pela lagôa dos Patos, outro por Portugal e o terceiro por Angola". Diz Vasconcellos, o meticuloso escriptor colonial, que algum negro fugido devia terlhe merecido respeito.

Gosavam vida regalada esses que, manhosamente, se inculcavam ministros de Tupan. Recebiam os melhores frutos da terra e as mais finas

caças que fossem abatidas pelas cercanias.

Quando um guerreiro partia para a luta, era honrado com um sopro do caraibebe, para que não morresse em combate. Entrementes, se algunicaia morto, havia a desculpa de que o infeliz, por seus peccados, não se tornara digno da benção do anjo.

Dest'arte esses pagés se tornavam infalliveis

de prestigio inabalavel entre os seus crentes.

Tinham esses indios o costume de comer ostras e amontoal-as, segundo Casal, de accordo com algum rito religioso.

Como surgiram — E' deveras curioso como se explica a origem dos Carijós.

Naufragando nas proximidades da ilha de Santa Catharina um navio portuguez, seus tripulantes conseguiram attingir a terra, então cam-peada pelos indios guaranis. Entre os naufragos contavam-se o portuguez Henrique Montes, o castelhano Melchor Ramirez e o preto Francisco Pacheco, além de outros. Como succedeu a Caramurú e a João Ramalho, esses homens resolveram unir-se às indias, adoptando novo regime de vida. Resultou desse facto um nascimento enorme de mesticos — mamelucos e cafusos — que de algum modo alterou o aspecto dos indigenas, que passaram a constituir uma sub-raça com a denominação de Carijó (Caraiyoc), que, segundo Lucas Boiteux, significa arrancado do branco, mestiço. Dahi vem o costume de chamarmos carijós ás gallinhas de coloração preta e brança.

Os kepi-kiri-uats

Um Anchieta de farda - As terras banhadas pelo Pimenta Bueno, desde suas cabeceiras até sua foz no Gy-Paraná, affluente do majestoso Madeira, ecam habitadas pelos kepi-kiri-uats, quando tá chegou, com uma turma de reconhecimento, o denodado tenente Emanuel Amarante.

Tratava-se de levar o fio telegraphico ductor da civilisação --- ás brenhas confinantes dos dois grandes Estados latitudinarios. blema principal dessa obra gigantesca era con quistar o coração do indio, antes mesmo de encetar qualquer trabalho. Entre muitos companheiros, tão illustres como elle. Amarante tornou-se o campeão na arte de captivar a amizade do indigena. Seu primeiro encontro com os vizinhos e inimigos dos nhambiquáras que estendiam seus dominios para léste -- foi coroado do exito mais completo. Apressou-se em levar ao acampamento dos novos amigos o seu chefe, coronel Rondon, que, logo de chegada, foi mimoscado pelo chefe gentilico com uma flauta feita com a clavicuta de um guerreiro inimigo. Este presente levou incontinenti ao cerebro do illustre sertanista a idéa de que os seus novos conhecidos eram antropophagos: fama que já lhes haviam attribuido os viziuhos nhambiquáras.

Trazido para o Rio de Janeiro, foi averiguado pelo crudito dr. Roquette Pinto não ser humano o osso transformado em instrumento musical.

Chocas — Comecemos a nossa visita aos kepikiri-uats pelas suas choças: apresentavam a fórma coniforme; eram revestidas de folhas de palmeira, ostentando aspecto agradavel e interessante. Dentro dellas viviam familias inteiras que
dormiam em bem tecidas rêdes feitas com o proprio algodão que, com sabedoria, cultivavam. Como novidade, via-se uma rêde dupla que permitte
o repouso de duas pessoas, uma no prolongamento
da outra, oppostas pelos pés. Em giráos, ficavam
a caça, a pesca e o producto das lavouras que emprestavam ao ambiente um almiscar desagradavel. Esta provisão era destinada ao consumo
immediato, pois o grosso dos seus mantimentos
guardavam-no em paióes especialisados.

Plantações e alimentos — Nas proximidades das palhoças, ficavam os roçados onde havia, com viço extraordinario, feijões, mandioca, amendoim, milho, mamão e banana. As sementes destas duas ultimas foram, com toda certeza, adquiridas em remotas transacções effectuadas, directa ou indirectamente, com os civilisados. Do milho e do amendoim preparavam gostosa bebida inebriante que lhes dava alegria nos dias de festança. Da mandioca faziam os beijús assados em lages limpissimas e servidos em bandejas de cipó trançado. Para obterem a polpa com que fabricam seus ineffaveis productos, utilisavam uma mão de pilão

originalissima, differente em tudo das existentes nas tribus vizinhas.

Para completarmos o que nos referimos acerca do alimento, vamos dizer algo sobre o processo com que adquirem, na fartura esperdiçante, o pescado para suas refeições.

São ainda hoje maldosamente empregadas pelos civilizados plantas com propriedades anti-ichthyologicas: - o tingui, o timbó e o assacú.

Pescaria - Consiste a operação em interdizer certo trecho dum igarapé ou o escoadouro duma lagôa com uma cerca de páos e em seguida jogar dentro dagna a galhada esmagada, afim de que o toxico, rapidamente, se dilúa. Os pobres peixes investem furiosamente contra as paredes que os cercam e, de vez em vez, vêm á tona, com a boca arreganhada, dando signaes da suffocação em que se acham. No fim de pouco tempo a superficie das aguas se acha coalhada de peixes, desde os mais pequeninos até os surubis mais fornidos de carne; é só escolher, de accordo com o gosto de cada um, pescado que mais lhe interessa.

Colonias de nudismo — Por não sentirem, absolutamente, necessidade, dadas as condições climatericas e mesologicas, esses selvicolas não usam agasalho algum — suas tabas são interminas colonias de nudismo.

Por uma questão de faceirice que empolga ambos os sexos, ataviam-se com polychromicos cintos, collares e corôas onde se vêem a mais linda penugem dos tucanos, das aráras, dos gaviões, dos papagaios e de mil outros passaros. Os collares além da plumagem, ostentam contas lisas e brilhantes em tudo eguaes ás que usam as nossas mimosas civilisadas. Nos dias de festejos, a indumentaria augmenta consideravelmente, não se esquecendo os chefes de exhibir suas espadas de madeira - - symbolo da força e do poder que cucarnam. Os guerreiros se apresentam com os arcos, as flechas e os porretes que usam, com habilidade, para pôr fóra da peleja os adversarios.

Costume interessante — Para findar, vamos focalisar um habito notabilissimo dos kepi-kiriuats — o do fumo. Ao envés do cigarro ou do cachimbo usam um longo canudo. Reduzem o fumo a pó tenuissimo para ser mais facilmente aspirado. Dois selvicolas se põem de cocoras, um deante do outro; após haver collocado o fumo dentro do canudo, o fumante o introduz numa narina. O auxiliar do paciente sopra, então, lenta e carinhosamente pela extremidade livre do canudo, emquanto o outro aspira largamente, para que o pó penetre profundamente no amago de suas vias respiratorias.

Cada terra com seu uso...

Os aymorés e os botucudos

I --- OS AYMORÉS

Habitat — Os principaes representantes do ramo tapuia habitavam uma faixa de terra parallela ao litoral, do rio S. Francisco ao cabo Frio.

Em lutas continuas com os tupinambás e os tupiniquins foram, depois de rechassados, obrigados a emigrar para o sertão.

Os aymorés não deram treguas aos colonisadores das capitanias de Ilhéos e Porto Seguro.

Physico -- Possuiam estatura agigantada: altos e robustos. A cór da cutis era mais suave do que a da generalidade do gentio.

Attribuem esse facto em virtude delles só andarem pelo interior da selva, onde os raios solares chegam com a impetuosidade calorifica bem amenisada.

Possuiam o costume de depilar totalmente o corpo, raspando com uma "navalha" de taquara o cabello da cabeça.

Lingua — As palavras são pronunciadas em sons duros e roucos, que parecem vir da parte mais profunda e recondita do peito. De inicio ninguem os entendia.

Costumes — Viviam como verdadeiros animaes, peregrinando pela floresta, sem casa, sem hygiene, sem conforto e sem agasalho.

Dormiam no chão, pois que ainda não combeciam o uso da rêde e se, porventura chovia, procuravam, como os macacos, abrigo na copa verdejante das arvores frondosas.

Não lhes deu a Natureza garras e dentes afiados, como fez ás feras, por isso foram obrigados a construir arcos e flechas com que caçavam para se alimentar.

Além da caça, nutriam-se com fructos silvestres, que existiam e ainda existem a granel pela selva immensa.

Despreoccupadamente, divagavam pela matta sombria sem se preoccupar com o dia de amanhã --- o futuro.

Digo mal affirmando que os aymorés viviam despreoccupadamente. Preoccupavam-se com uma coisa que acompanha o homem desde a formação do mundo, com uma therapeutica que a Natureza emprega para depurar os homens — a guerra.

Na guerra dos aymorés não havia nem chefe, nem borés, nem trocanos, nem guerreiros procurando lutar frente a frente. Pelejavam, como muito civilisado ainda o faz hoje, rastejando pela matta, como saurios, e armando emboscadas em pequenos grupos.

Se a surpresa era absoluta, venciam a victima incauta; todavia se suspeitassem haverem sido presentidos, embarafustavam pela mattaria como veados perseguidos.

Como os gatos, possuiam ogerisa profunda pela agua e, por isso, não sabiam nadar. Toda vez que eram obrigados a transpor um rio, preliminarmente derrubavam um tronco, que lhes servia de pinguela. A edade mental desses indios de tão má reputação não permittia que elles concebessem uma passadeira, porém o medo e a necessidade obrigam, ás vezes, ao cerebro fazer prodigios e gymnastica semelhantes aos acrobatas de trapezio. Em certas occasiões, fugindo á sanha do inimigo, encontravam uma caudal, que os collocava num dilemma: ou cahir prisioneiros, ou resolver o problema da transposição da mesma.

Quando caíam prisioneiros recusavam o alimento e quasi sempre morriam de inanição e quiçá de saudade da vida liberta que levavam.

II - OS BOTUCUDOS

Habitat — Já quasi extinctos se encontravam esses tapuias no inicio do nosso seculo. Habitavam ás margens dos rios Doce, Murury e Pardo, nos Estados de Minas Geraes e Espirito Santo.

Aspecto — Segundo J. B. de Lacerda, os botucudos eram fortes, musculosos, bem conformados, geralmente baixos, caixa thoraxica larga e achatada na parte anterior, tronco alongado, mãos e pés pequenos, pernas finas.

As formas curvilineas, que tanta belleza e graça emprestam ás Evas, não existem nas indigenas. Os rostos são de traços duros, os seios—encanto do sexo fraco—molles e caídos, o abdo-

men empanzinado e proeminente, as nadegas gordissimas e pernas esticadas como se fossem de bambú. Apesar de desgraciosas, eram tambem, infelizes. Faziam todo o trabalho da maloca e de quando em vez entravam em valentes surras, attestadas pelas cicatrizes horrendas que ostentavam em todo o corpo.

Diz-nos ainda o insigne Lacerda que o craneo do homem apresenta uma fronte baixa e ás vezes bastante inclinada para trás, o occiput deprimido e as temporas ligeiramente convexas.

A face masculina é alongada, com pomos salientes e supercilios accentuados.

Ambos os sexos primavam pela ausencia de elementos pilosos, excepto na cabeça, onde uma guedelha basta e negra servia para compôr os seus semblantes patibulares.

E' ainda o ethnographo citado quem nos diz ser a coloração do tegumento cambiante entre o vermelho cuprico e o negro azeitonado.

Apesar de tudo, esses indios se julgavam bellos, rivaes de Adonis e Amphitrite e, para se enfeiarem um pouco, furavam as orelhas e os labios, por onde introduziam batoques de madeira...

Dialecto — "Se bem que os botocudos e os aymorés, segundo Simão de Vasconcellos, pertençam ao ramo tapuia, os seus dialectos apresentavam varias nuances phoneticas".

"Os botocudos falam de dentes cerrados, o que acarreta a dilatação das narinas, devido á insufficiencia do ar aspirado pela bocca, obrigando-os a emittir sons guturaes, nasaes e aspirados. A enorme beiçola difficulta-lhes a dicção.

"A sua terminologia é simples e cheia de ono-

matopéas".

"No seu dialecto não ha generos, as quantidades numericas vão até cinco e os verbos só tem o infinito, participio e duas pessoas. Na maioria dos casos, o verbo fica occulto, exemplo: Eu tenho fome — nhick chingorane, de nick — eu, e chingorane — fome".

"Quando queriam exprimir uma multidão, costumavam apanhar um punhado de terra e pe-

neiral-a na mão! (1).

Costumes - Os botucudos têm um amor paternal accentuado e sentem prazer em tratar aos seus curumins com bondade e carinho.

Aos 15 annos, os filhos já acompanham os paes nas caminhadas agrestes em busca do ali-

mento.

Esses incolas parecent possuir estomagos de ruminantes -- aguentam a fome varios dias e, quando comem, o fazem desmesuradamente.

Entre os seus principaes manjares excellem a carne do macaco e a da anta. Desta ultima comem até o couro, por ser macio, respeitando somente os ossos duros de roer.

Na floresta usam um porta-voz feito da cauda

do tatú – o kuntchungeocaun.

Não achatam a cabeça dos filhos como fazem os indios peruanos *omagnaz* (cabeça chata), nem esborracham o nariz como os tupinambás.

As mulheres botucudas, á guisa de folha de parreira, usam a de issara e os homens amenisam o sexo com um estojo chumado ginean.

^{(1) -} Mello Moraes Filho.

E' uma faceirice feminina possuir as pernas afiladas por cima do joelho e do tornozêlo. Para conseguir esse fim as mulheres usam apertadas ligas de contas.

Pequeno vocabulario:

Pé, mão - pó
Cabelo, cabeça crenn
Fogo — tchov-peck
Terra — nack
Agua - minhanga
Diabo — nantehon
Río vatú
Céo — tao-ru
Lagôa — gitack
Sol - tái-rű-té-pó

Os guanás

Contemplando-se um mappa da distribuição das principaes tribus indigenas, vêem-se manchas indicadoras do grupo Nu-aruack: na parte noroeste do Brasil, na foz do Amazonas, nas cabeceiras do Paraguay e mais ao sul.

Pacifistas — Viviam os guanás sob a protecção dos guaycurús, para os quaes trabalhavam como recompensa aos serviços de guerra prestados por elles.

A bellicosidade dos indios cavalleiros se adaptava perfeitamente ao pacifismo dos guanás os primeiros defendiam seus alliados da acção absorvente dos vizinhos e os segundos plantavam e trabalhavam para seus protectores.

Casamento — Entre os costumes mais interessantes dos selvicolas em questão sobresaía o do casamento.

Os conjuges estabeleciam uma especie de contrato, que estipulava quaes os trabalhos inherentes a cada um. Ficava, tambem, fixado se os nubentes poderiam ter outras relações de affecto com uma ou mais pessoas. Caso o esposo consentisse que a mulher pudesse ter outro companheiro, era estipulado o tempo que ella devia dedicar a cada um. O mesmo succedia á esposa.

A edade dos conjuges, geralmente, era nimiamente disparatada. A mulher casava-se ao attingir os 9 annos e o homem somente depois dos 21, isto é, quando se julgasse com forças bastante para enfrentar os rivaes.

Infanticidios — O infanticidio chegou a ser uma verdadeira calamidade — as mães matavam os recennascidos do sexo fragil, para que, por falta de Evas jovens, os rapazes se apaixonassem mesmo pelas velhas. Apesar da ação energica dos missionarios, esse infame costume causou a extineção da tribu.

Escarificação — Uma outra pratica curiosa era a escarificação das creanças. Ao attingirem a edade de oito annos, em procissão silenciosa, eram levadas para o campo. Ahi as velhas, com um osso ou espinha de peixe, picavam os braços dos gurys, que, já industriados, supportavam o supplicio sem lamento e sem sequer estremecer. No fim do dia, ainda em silencio, voltavam para as suas malocas, que abrigavam, cada uma, cêrca de doze individuos.

Choupanas — Essas choupanas eram cercadas por rusticas palissadas de páo a pique, com quatro entradas, que eram, durante a noite, fechadas e vigiadas.

Costumes — Para dormir, construiam giraus, onde collocavam hervas e ramos tenros, cobrindo-os com pelles.

Ao contrario dos outros indios, não eram dados ao vicio da embriaguez; além da agua pura, ingeriam caldo de canna não fermentado.

Para que não se esquecessem dos que iam partindo para a eternidade, costumavam enterral-os na porta da cabana, afim delies se lembrarem toda vez que entrassem ou saissem.

Pelo que acabamos de relatar, vimos que muitos costumes dos guanás são repletos de sabedoria e dão fortes indicios de gente em avançado estado intellectual. O contracto matrimonial, por exemplo, prevê e, de algum modo, dá solução a muitos problemas que se acham insoluveis em alguns paizes.

O costume de enterrar os mortos revela uma bondade e uma docilidade de coração sem fi-

mites.

O egoismo da india, porém, desejando ser sempre bella e adorada, lança a tribu toda ne mais profunda barbarie — o coração das mães póde servir para medir a civilisação de um povo...

Os carirís

Migração - Os carirís foram encontrados pelos portuguezes na zona comprehendida entre

os rios Paraguassú e Itapicurú.

E' crença geral que esses selvicolas tivessem immigrado do norte e caminhado pelo litoral nordestino até toparem com tribus mais fortes. Não puderam, todavia, os carirís, manter-se no terreno conquistado pelos tupis que, assanhadamente, se assenhoreavam de toda costa, e foram recalcados para além do rio São Francisco, para as serras da Borborema e dos Carirís e para as terras banhadas pelo Jaguaribe, onde a vida era difficil mercê do sol impiedoso que queima toda a vestimenta do sólo.

As lendas indigenas repetidas de pae a filho falavam da origem dos cariris num lago mysterioso e cheio de fadas e encantos. Julga-se ser este lago o proprio rio mar, o mar dulce de Pinzon, o celebre Amazonas de Orellana.

Soturnos — Os cariris tambem eram conhecidos pelos nomes de kiriris e tiriris, que no dizer douto de Rodolpho Garcia significam silenciosos, tristonhos, calados, ao contrario de todos os outros indigenas que eram faladores, brinca-lhões e alegres.

Classificação duvidosa — Os aboricolas que hoje focalisamos estão totalmente extinctos e foram parcamente estudados. Ha sérias divergencias entre os grandes classificadores do nosso gentio, variando as opiniões de Martius e von den Steinen de modo disparatado. O nosso ethnographo numero um — Rodolpho Garcia - depois de apurado exame linguistico considerou-os como pertencentes a um grupo completamente independente, se bem que houvesse quem os considerasse como um cruzamento dos dois grupos inimigos — tupis e tapuias.

Da mesma opinião de Calabar — Depois que as praias risonhas de Pernambuco abicaram as naves hollandezas, os soldados de Mauricio de Nassau encontraram nos cariris um grande alliado. Expulsos os invasores, os vencedores iniciaram luta tremenda e tenaz aos aborigenes que haviam auxiliado o estrangeiro.

Ao captiveiro, o indio preferia a morte e, um a um, paulatinamente, iam deixando esta vida os soturnos cariris, até que em massa foram encurralados e mortos na serra de Ibiapaba pelos portuguezes.

Os baianos — Melhor sorte tiveram os incolas que procuraram o sertão baiano. Ahi encontraram o padre João de Barros, que, como um verdadeiro ministro de Deus, os aldeou e contribuiu para o estudo da lingua do interessante povo.

Os hollandezes e francezes tambem obtiveram dados valiosos sobre a literatura carirense no convivio que tiveram com os valentes anierindios.

Tribus — Varias são as tribus identificadas como pertencentes ao grupo cariri: — teremembés, paiacús, janduys, carnijós, icós, cariús, areriús, jucás, genipapos, curemas, areás, vouvés, umans, etc.

Teremembés — Os teremembés campeavam a região dos rios Gurupys e Camocim, divertindo-se com a pesca arriscada do tubarão com o fito de fazerem dos dentes do monstro marinho, ponteiras para suas settas.

Paiacús — Os paiacús eram donos da região que hoje serve de fronteira aos Estados da Parahyba e Rio Grande do Norte e faziam excursões até ás aguas voluveis do Jaguaribe.

Icós — Os icós viviam nos confins sul do Estado do Ceará. Eram discipulos dilectos de Mercurio. Na arte de furtar estavam sózinhos. Taes roubos e depredações fizeram que, em 1694, foi organizada uma expedição para dar-lhes o correctivo necessario. Depois de batidos foram aldeados na actual cidade parahybana de Souza.

Carnijós — Entre os carirís que possuiam costumes interessantes excelliam os carnijós — tribu cuja moral nos costumes era notavel.

Esta tribu era dirigida pelo iatica, chefe eleito por todos os guerreiros na reunião do ouricury— local da assembléa e das praticas religiosas. Esse local não era frequentado pelas representantes do sexo fraco sob pena de serem grandemente castigadas.

Os mais fracos indigenas do Brasil — Alguns autores consideram os indios que habitavam o

o Ceará os mais fracos elementos do gentio brasilico, chegando J. Catunda a consideral-os tribus inferiores como veremos no trecho abaixo:

"Habitavam o Ceará as tribus menos vigorosas dessa raça, as que algures não podiam vantajosamente lutar pela vida em concorrencia com outras tribus mais fortes e bellicosas. casualmente senão por effeitos de lei natural. O Ceará foi sempre falto d'agua; as seccas, muitas vezes, o converteram em deserto; sua fauna emigrava como em 1877, sob a pressão dessas grandes calamidades. Os tupinambás, cujos habitos vagabundos não lhes permittiam estação de morada em parte alguma, abandonavam também suas plagas inhospitas, mansão dilecta da miseria, e demandavam regiões mais ferteis, onde a pesca e a caça eram abundantes e a lavoura facil. Deslocadas, as tribus inferiores vinham occupar o logar abandonado das outras e, como os bushmans no deserto da Africa austral, procuravam amparo á vida nas difficuldades que lhe oppunha o sólo".

Os goyanazes

Habitat - Dominavam a faixa litoranea comprchendida entre Angra dos Reis, que tinha o nome indigena de Ocaruçu e Cananéa. Ficavam enquadrados entre os tamoyos, ao norte, e os carijós, ao sul. Apesar de serem do ramo tupy, como os tamovos, viviam em disputas continuadas, nas quaes os combates navaes assumiam aspecto gigantesco. Compridas pirogas impulsionadas a força de oito ou dez remos se chocavam com as do inimigo, provando a resistencia da madeira de que eram feitas. Se ambas aguentavam o choque tremendo, entrava em acção o tacape e a flecha... Com meios menos violentos, já os incolas faziam da guerra o espectaculo grandiosamente horrivel que ainda hoje subsiste para a purificação da especie humana.

Para habitar o magnifico litoral paulista e o extraordinario campo de Piratininga, os goyanazes, com certeza absoluta, tinham de ser gente privilegiada.

Costumes — Confiavam no seu valor para defender o solo, a floresta e os rios que lhes forneciam o alimento em abundancia, sem que para isso fossem obrigados a lavrar a terra ou a criar animaes. Tinham as frutas dulcissimas da selva, a caça mais saborosa e peixe em quantidade.

Por habito, dormiam em leitos de folhas, forrados de pelles, e tinham, por casas, as cavernas onde o fogo ardia, noite e dia.

Eram muito doceis e de uma boa fé kilometrica — com facilidade extrema eram engazopados pelos lusitanos.

Comtudo usavam uma pratica lutuosa em tudo semelhante á que Papini se refere no scu magni-

fico Gog.

Acreditavam, os aboricolas em questão, em outra vida post-mortem e por isso não deixavam que pessoa alguma embarcasse "para a melhor" sem levar companheiros de viagem. Toda vez que fallecia um individuo, enforcavam um certo numero de amigos e parentes, geralmente do mesmo sexo e de edade approximada. Muitas vezes, porém, sucedia não haver candidatos á mystica viagem e, neste caso, appellavam para a força.

O cacique teria a acompanhal-o na vida do outro mundo os seus vassallos. Estes, pelo instincto natural de conservação, defendiam o chefe com o carinho e a dedicação maximos.

Afóra este costume macabro, todos os outros já revelavam adeantada edade mental.

A acção de João Ramalho — João Ramalho, o celebre naufrago, encontrou no coração de Tibyriçá, o chefe, a mão de sua meiga Bartyra e o dominio sobre toda a tribu.

Com Deus andavam os portuguezes que na desgraça alheia encontraram firme esteio — Ramalho tudo facilitou aos seus patricios. Assim

foi que, quando Martim Affonso de Souza, o pae do assucar brasileiro, se estabeleceu na ilha de S. Vicente, o morubixaba se aprestou para dali expulsal-o como inimigo. João Ramalho conseguiu aparar o golpe, incutindo no animo do sogro a idéa de que devia tratar os intrusos como gente amiga. E assim foi. A capitania prosperou e do caldeamento dos lusos com as indias surge a brava gente bandeirante que soube, com galhardia, mostrar o valor da raça forte que nasceu naquelle berço do progresso — S. Paulo.

João Ramalho com seus amigos Tibyreçá e Cayuby ergucram a povoação de Santo André que mais tarde foi elevada á categoria de villa, dada a acção de Ramalho junto a Thomé de Souza, sendo construidos uma fortificação com trincheira e quatro baluartes armados com canhões, uma

egreja e uma cadeia.

A capital dynamica — Ficando a novél villa situada nas proximidades da matta e portanto em condições facilimas de ser atacada, o padre Manuel da Nobrega escolheu um outeiro situado entre os rios Tamandoátey e Anhangabahú para nelle erguer o seu collegio.

O symbolo da cruz attraiu para junto de si todos os adeptos da religião de Jesus, e em pouco tempo um aldeamento enorme circundava o collegio. Facil foi a Nobrega transferir o pelourinho de Santo André para a porta da sua egreja, recebendo o logar o nome de S. Paulo.

E assim surgiu nos campos de Piratininga a formidavel capital dynamica, escolhido pelo de-

do de mestre de um santo.

Os miranhas e os remos

I = OS MIBANHAS

Habitat — Aos magotes, mudando de pouso em pouso, já com a raça completamente mesticada, vivem os miranhas nas ribas do Solimões e do Japurá, sempre fugindo da perseguição deshumana e cruel dos civilisados.

Aspecto - Apesar de compleição robusta, este gentio succumbe facilmente, quando obrigado a trabalhar fóra dos seus pagos. Inicialmente se tornam tristes, depois doentes. Ficam mudos e definham gradativamente até á morte.

As mulheres apresentam, sob o ponto de vista somatologico, linhas agradaveis, embora furem as narinas. Isto nada tem de mais, porquanto as civilisadas de Paris e de todo o mundo perfuram os lobulos das orelhas para dependurar carissimos e, ás vezes, enormes brincos.

Vestiario — Do tarury, o miranha extrae uma especie de estopa com que organiza tangas que usa atadas á cintura.

Com as mais variegadas fibras vegetaes tecem uma especie de rodilha cont que ornam a cabeça.



Fig. 17 -- Um indio miranha.

Nos braços e nas pernas collocam apertadas ligas que nunca são retiradas. Quando caem de velhas, permittem que se veja as deformações, verdadeiros aleijões, que produzem.

Os passaros estão livres das flechas do miranha, porque este indigena, ao contrario de todos os outros, não se atavia com a plumagem das aves.

Um entorpecente — O uso dos toxicos e dos entorpecentes avassala o mundo, por mais que se procure defender a humanidade deste flagello. Qual um polvo, este vicio lança os seus tentaculos no descuidado e suga-o até á morte.

Nem os gentilicos escaparam do polvo immenso. Usam constantemente na boca o ipadú, que lhes tira o appetite e produz uma somnolencia prenhe de visões as mais extravagantes.

O ipadú é a coca peruana. Outrora o exercito peruano usou o ipadú misturado com a cinza de espinhos de determinadas plantas. Os miranhas preparam seu narcotico com as ciuzas dos grelos da umbaúba.

O uso do cachimbo faz a bocca torta, diz o rifão popular — o emprego permanente do *ipadú* provoca deformações nas bochechas, como se póde averiguar na estampa. Essas bolótas faciaes são conhecidas dos peruanos pelo nome de piccho.

Uma bebida em conserva -- Da astrocarium munbaca de Martius, os incolas extraem as raizes que, depois de serem reduzidas a cinzas e peneiradas, são addicionadas num cozido de grelos de fumo, até que o mesmo adquira a consistencia pastosa.

Com essa massa confeccionam bolinhos de varios formatos, que são collocados ao sol para seccar. Toda vez que têm vontade de beber o preparado diabolico, é só dissolver um bolinho nagua. O poder inebriante dessa bebida é fantastico.

Uma desgraça não anda sozinha. O toxico e o alcool andam sempre de braços dados, quer no palacio do branco, quer na maloca do bugre.

Armas -- Além das normaes de todos os gentilicos, os miranhas usam a sarabatana, por meio da qual arremessam flechas hervadas com um curare que elles denominam ykaytena.

II — OS REMOS

Habitat — Na caudal fronteiriça — o Javary — habitam quatro tribus selvagens; os capanauas, os marubins, os mayurunas ou mayus e os remos.

Na sua propria lingua, esses selvicolas se denominam nucuiny, que significa gente boa. Deram-lhe, todavia, a denominação de remos, pelo habito que elles possuiam de pintar nos corpos figuras representando os remos utilisados pelos caucheros peruanos.

Aspecto — São de porte robusto e côr morena escura. As mulheres, de typo "mignon", esbeltas, são engraçadinhas.

Armas — Nada têm de excepcional. As armas são de paxiuba com metro e meio de envergadura e as flechas de taquara, terminadas por um osso bem afilado.

Habitação — Uma maloca gigantesca com cerca de duzentos palmos de frente e servida por duas ou tres entradas baixas serve de residencia a varias familias.

Como as repartições publicas, essa maloca dividida em secções, ficando o conjuncto dependendo de um unico chefe.

Dentro da maloca elles: os remos, andam em completa nudez. Na penumbra interna não ha o pêjo. Porém, desde que as mulheres tenham que sair, procuram incontinenti as suas tangas. Acho que ellas têm é vergonha do... sol.

Necrologia - Como fazem os caxinauas, os remos bebem na cuissuma as cinzas dos ossos do finado parente. Crêm que, se não realizarem esserito, a alma do morto ficará penando.

Lingua - Cousoante comparações feitas pelo Dr. Mauricio Sobrinho e o Sr. Curt Nimuendajú, a lingua dos remos pertence á familia "pana".

Pequeno vocabulario:

Cabello non. Cabeca - mapú. Orelha - Dabim. Dente cheta. Nariz rein. Pescoco dialen. ancht. Thoraz Mão - muim. Braco puiam. Pé taqui. Homem - irabů. aibù. Mulber Pac ipă. Mãe enua. Bom - pne. Mão - - chacabú.

Comer -- pirine. Dormir -- uscai. Grande -- cuiataba. Capim -- basi.

Outras noticias — Casam-se aos dez annos e são monogamos.

Do mesmo modo que no mundo civilisado, as viuvas se casam assim que appareçam pretendentes.

A higiene não é absoluta. Embora tomem varios banhos por día, preparam os alimentos num ambiente de sujeira incommodativa.

Costumam fazer tatuagens em grande escala. Os homens organizam a carantonha, debuxando circulos em redor da bóca e desenhos exoticos na face e nos braços. As mulheres enfeitam, ou melhor enfeiam, de preferencia, os seios. E' a mulher que executa as tatuagens no marido.

Os guatós

Habitat — Vivem hoje no delta do São Lourenço, antigo rio Porrudos. Outrora eram encontrados no rio Paraguay, desde a boca da lagoa Uberaba, e no São Lourenço, a partir da barra do aurifero Cuyabá.

Aspectos — Devido ao habito de remarem curvados em suas estreitas e rudimentares embarcações, estes selvicolas apresentam o thorax e as pernas grandemente arqueados.

Ao contrario das outras tribus, os guatós não arrancam nem as barbas, nem os cabellos, apesar de norges

de parcos.

Não cortam os cabellos. Os homens organizam bizarros coques no alto do craneo e as mulheres deixam as madeixas soltas, ornamentando os seus largos costados bronzeos.

Os varões andam completamente nús. Todavia, quando apparece alguma pessoa estranha, elles correm para vestir as calças e camisas de algodão.

As mulheres se envolvem com um saiote, tambem de algodão.

Todos os guatós, independente de sexo e de edade, costumam usar um brinco feito com pennas.

Armas: — Manejam com energia um arco de dez palmos de comprimento e flechas um pouco mais curtas.

Revelam sangue frio notavel, quando enfrentam as onças, com pequenas azagaias.

Costumes: — Vivendo constantemente em divagações pelos rios e lagoas, esses incolas não possuiam casas. Moravam, verdadeiramente, nas embarcações que, com carinho, construiam e navegavam como mestres. Na arte de fazer uma ubá ou um remo, ninguem excedia em perfeição e rapidez aos guatós.

Rapidamente derrubavam a tora e, á beira dagua, queimavam-na, até que adquirisse a fórma almejada.

Não era só no preparo das suas primitivas náos que elles se esmeravam. Faziam, tambem, com fios de tucum e de pita, excellentes mosquiteiros e artisticos abanos. Com estes avivavam o fogo que aquecia os vasos por elles empregados no preparo do alimento, em grande parte constituido pelo peixe.

Applicavam, esses aborigenes, a tactica napoleonica: separar para viver e reunir para combater. Os guatós viviam distanciados e só se agrupavam para a luta ou para as festas.

Matrimonio: — Esses indigenas se bem que polygamos, eram ciumentos. Pobres mulheres!

Para conseguir companheiras eram obrigados a dar uma prova de valentia.

O coração de uma Eva trigueira representava a morte de uma onça pintada.

O guerreiro amoroso, para ter direito a uma esposa, deveria enfrentar com desassombro o animal mais feroz das brenhas brasileiras.

O felino e o indio se defrontam. De tocaia, um outro incola flecha a féra. O animal ferido cae a fundo, espumando de raiva e dór, sobre o homem que tem deante de seus olhos. O indio de musculos retezados, pé firme e braço contraido, aperta, na mão, a zagaia. A onça, céga como a justiça, espeta-se na aculca fisga... E facilitente o selvicola consegue a sua eleita, à custa da fera que expira.

Duas anedotas: O commandante Claudio Soido, que mourejou a valer na região mattogrossense banhada pelo Paraguay, diz-nos, com a graça que era peculiar, as duas anedotas que transcrevemos.

"Contavam uma vez a um guató que Deus, vendo os homens cobertos de peccados e de iniquidades, mandara seu filho Jesus Christo soffrer por nós, afim de perdoar-nos.

O indio ouviu com attenção e, com o rosto um tanto abaixado; de repente, levantou-o e disse:

- Isso é mentira.

- -- Porque? - perguntaram-lhe. E elle contestou:

— Então, quando foge o soldado, o capitão manda o filho delle, capitão, apanhar pelo desertor?

- E accrescentou:

- Olha, padre guató mente, padre guaná

mente, padre portuguez mente.

Outra vez, contavam a um guató uma noticia e estavam proximos ao destacamento de Doura-

dos. O indio ouviu a nova, ficou duvidoso e perguntou:

O commandante de Dourados disse isso?

- Sim, responden-lhe o noticiador.

- Os officiaes, os sargentos e os soldados todos disseram isso mesmo? perguntou o guató.

E, tendo resposta affirmativa, concluiu como

um "magister":

-- Então é certo.

A consequencia baseava-se em ser a nova repetida por muita gente. Por isso já houve quem definisse a verdade: -- a mentira muito repetida".

Os barbados e os arikêmes

I --- OS BARBADOS

Habitat — Vivem ainda na matta da poaia que sombreia o alto Paraguay. A linha telegraphica Matto-Grosso-Amazonas atravessou essa selva pujante depois de mil sacrificios para conseguir-se a amizade dos barbados, que, cansados de soffrer em lutas porfiadas com os civilisados, evitavam a todo transe o contacto com os mesmos.

A desconfiança já faz parte da personalidade desses incolas. Embora tenham mantido relações com os brancos, não permittem a visita destes aos seus acampamentos, afim de não se reproduzirem os raptos do tempo da colonisação que em fórma de lendas e canticos vêm rolando de geração a geração.

Os aborigenes que estudamos deram o nome ao rio Barbados, contribuinte do Paraguay, onde outróra foram visitados pelo barão de Melgaço, que avaliou o seu numero em cerca de quatrocentos.

Aspecto — Sev. da Fonseca nas suas peregrinações pelo "hinterland" mattogrossense topou certa occasião com um indio totalmente barbado. Com palavras bem medidas elle nos descreve o

typo encontrado, do seguinte modo: "pêlos longos, de quasi palmo, mais povoados no mento do que nas faces e labios, assemelhando á barba dos mongóes e chins, e, ainda, o bigode mais fornido e longo nas extremidades do que no meio do labio".



Fig. 18 - Um indio "Barbado".

"O typo desse homem nada revelava de extraordinario".

"De altura mediana, forte e bem desenvolvido, faces arredondadas, maçãs salientes, olhos rectos, nariz regular, labios finos, dentes aguçados, orelhas grandes e acabanadas, só se accentuava de mais notavel a extrema redondeza do craneo, tal

qual se encontra, especialmente, entre os maranhenses e cuvabanos".

"Não consegui saher qual sua tribu, nem mesmo sua origem; pareceu não entender as perguntas que lhe fiz em portuguez e hespanhol, e por seu turno falava lingua tão aspirada e gutural, e mostrava tão pouca disposição para a conversa, que não pude tomar as palavras que a meia voz pronunciava".

Em 1913, o então coronel Rondon observou alguns individuos e pôde chegar a ilação de que os barbados pertencem á grande nação borôro que, dividida em dois ramos, habita os rios São Lourenço e o das Graças. O insigne sertanista foi mais longe, concluiu provirem os selvicolas peludos de um cruzamento longinquo com os desbravadores da terra ainda virgem. Desse primeiro contacto, os barbados conservaram o symbolo da masculinidade que lhes orna a face e o odio tremendo que reside em seus corações.

Rondon, para evitar a invasão de cupidos aventureiros nas mattas da poaia conseguiu do governo do Estado de Matto Grosso um acto publico garantindo aos selvicolas a posse das terras por elles habitadas desde seculos.

Costumes — Pouco ou quasi nada se póde dizer dos costumes desses gentilicos.

Diz o barão de Melgaço que os conheceu no seculo passado, que esses indigenas viviam em plena barbaria. Pudera...

Plantavam o milho, a mandioca e a batata, seus alimentos, além do que caçavam ou pescavam.

Possuiam instrumentos e utensilios feitos com pedra e madeira.

Um costume praticado por quasi todos os selvicolas, não existia entre elles - o de depilar o

corpo com pinças e navalhas de taquara.

Eram pacificos, vivendo em franca alliança com as tribus vizinhas. Hostilisavam sómente os brancos e ás vezes audaciosamente desciam o Paraguay para assaltar as embarcações dos habitantes ribeirinhos

II - OS ARIKĖMES

Habitat -- Foram em 1909 encontrados pela Commissão Rondon nas margens do Jamary, tributario do caudaloso e accidentado Madeira. Enxotados pelos seringueiros bolivianos e brasileiros, irmanados na deshumanidade, esses incolas refugiavam-se nas cabeceiras do rio citado, emigrando sempre para o coração da mattaria pujante.

Mais tarde, Roudon, num gento de philanthropia mui elogiavel, construiu, nas cercanias da estação telegraphica de arikêmes, uma aldeia indigena, onde aquelles indios soffredores ficaram ao

abrigo da maldade dos homens brancos.

Do contacto com os civilisados elles herdaram a syphilis e a tuberculose. Este legado vergonhoso ceifou inuumeras vidas dos pobres selvagens.

Costumes — As indias tecem com mestria o algodão e confeccionam lindas rêdes. Apesar de possuirem o elemento com que poderiam fazer vestiarios, preferem andar completamente nuas com seus movimentos libertos e o corpo bafejado pelo sopro morno do vento da região. Não é de extranhar essa predilecção das Evas gentilicas, porquanto muitos civilisados, principalmente os europeus, são adeptos praticantes do nudismo.

À ceramica attingira gráo elevado. Vasos capacitosos eram construidos com arte e serviam ao

preparo do alimento.

Attestando o estado de intelligencia dos arikêmes, existiam dois instrumentos: um para ralar a mandioca e outro para moer o milho, differentes dos utilisados pelas outras tribus. Para concebel-os e executal-os, os selvagens tiveram de raciocinar, revelando uma edade mental bem avançada.

Para triturar o milho, os arikêmes cavam, num tronco de arvore derrubado, um cocho, onde collo-

cam o cereal.

Preparam uma pedra dando-lhe a fórma dum meio disco, com a espessura aproximadamente egual á largura do cocho.

Uma india executa um movimento de vae-

vem, deslisando a mó no fundo do cocho.

Para ralo, os arikêmes utilisavam-se da raiz da paxiubinha que apresenta grandes rugosidades e saliencias, ao contrario dos outros incolas que para ralar a mandioca constroem um ralador com madeira tenra, onde introduzem duros espinhos de coqueiros. Não raro, a polpa da mandioca ou da batata ficava manchada de rubro pelo sangue da raladeira.

Esses incolas aprenderam a falar a nossa lingua com grande facilidade, e, também, com a mesma rapidez, assimilam os nossos habitos.

Os tapuias

Migração — Não muito afastados do litoral vivem os tapuias — no planalto léste do Brasil, entre 5 e 20 gráos de latitude sul e 40 a 55 gráos de longitude oéste de Greenwich.

O nome tapuia é de origem tupy e significa barbaro; a denominação da nação era "Gê".

Os tapuias ou gês, acossados pelos tupis, na sua marcha ascendente, foram obrigados a emigrar para oéste, fugindo da sanha guerreira dos invasores.

Martius e Eherenreich estudaram essa nação e concluiram que o progresso das tribus era assignalado, á medida que marchavam para o occidente.

As tribus de léste estavam em estado de barbarie absoluta. Não sabiam construir canôas nem choupanas; desconheciam a tecelagem e, portanto, tambem, a rède; viviam como verdadeiras féras, em luta continua pelo alimento diario, que era constituido pelas frutas silvestres e a carne crua. A agricultura não havia entrado em suas cogitações.

Já nas tribus occidentaes, os scientistas citados encontraram, no médio Xingú, os suyás, que pos-

suiam alguma cultura: construiam suas choças colmeniformes, fabricavam objectos de ceramica e não furavam o nariz, as orelhas e os labios.

Southey era de opinião que a nação tapuia fosse a mais antiga do Brasil, tendo campeado do Amazonas ao Prata. Na época da descoberta, as tribus tapuias ainda tinham memoria das perseguições dos tupis.



Fig. 19 - Uma familia atravessando um río.

Necrophagos — Os tapuias comiam seus proprios mortos, como uma demonstração de respeito. Do cadaver era tirado um quinhão para cada parente; porém, se o morto era uma creança, sómente os paes a comiam. Os ossos eram pulverisados e servidos na bebida, nos grandes dias de festas.

O chefe — O chefe distinguia-se dos demais selvagens por possuir na cabeça uma corôa feita com tufos de cabellos e por deixar crescer, de modo demasiado, as unhas dos pés.

Só o chefe podia deixar crescer essas unhas, que eram guardadas, depois de sua morte, como reliquia.

O regulo tambem possuia a faculdade de curar doentes, fazendo fricções com tabaco e cuspo. As virgens que não encontravam pretendentes procuravam o chefe, com a esperança de adquirir novos encantos que attraissem os guerreiros casadoiros.

Os tapuias constantemente mudavam o local das suas habitações.

Exquisito preparativo - Na vespera da marcha, para novo pouso, todos se dirigiam a um arroio onde se banhavam, esfregando o corpo com areia. Depois faziam estalar as juntas e se arranhavam, deante de uma fogueira, com dentes de peixes, a ponto de fazer o sangue correr.

Toda essa cerimonia era feita com o fito de amenizar a fadiga do dia seguinte.

Costumes --- Os tapuias eram macrobios, possuiam o elixir da longevidade.

Os homens furavam as orelhas e o labio inferior. Esta operação era feita com pompa, assistida por todo o povo que entoava cantigas e executava dansas interessantes e allusivas ao acto.

O paciente era deitado no chão, com as mãos e os pés amarrados. Sua mãe começava languoroso pranto, emquanto um tapuia, com um instrumento de madeira, fazia a incisão.

As faces eram furadas nas vesperas do casamento.

Alguns autores affirmam que os tapuias eram os mais indolentes e imprevidentes indios do Brasil.

De um modo geral podemos dividir os incolas que estudamos em dois ramos: um oriental, comprehendendo os botucudos e os aymorés, e outro occidental, abrangendo os suyás, os caiapós, os chavantes e os coroados.

Os caingangs

Luta pela terra — Os caingangs eram o ponto de interrogação nas pretenções dos magnatas que ambicionavam a terra opulenta do oeste paulista.

Varias investidas foram feitas para a conquista do sólo riquissimo. E todas ellas encontraram pela frente o indio forte e decidido a vender caro a selva intermina que o viu nascer.

A ambição pessoal existiu sempre em todos os meios e para desgraça humana, a vaidade sabe infiltrar-se nos corações dos homens.

Em lutas encarniçadas os caciques Rugre, Charin, Duquê e Vauhin disputavam a primazia no mando da terra em que campeavam. No ardor mais profundo da desavença, os brancos iniciam sua acção pacifica para conquistar aquelle bello sertão.

Vauhin, revelando-se diplomata sagacissimo, faz amizade com os civilisados, obrigando os outros chefes amerindios a se internarem pela mattaria com fugacidade.

Conquistada a terra tão almejada, chegam, de chofre, colonos de varias nacionalidades ansiosos por encontrar a fortuna. O incola viu-se roubado e sem nenhum meio de defender o que era seu. Por muito favor reservaram-lhe dois lotes aca-

nhados — Icatú e Vanuire — verdadeiros pingos do "i" numa pagina de jornal.

Legado diabolico — Apesar de espoliados, os aboricolas ainda foram minoseados não só pelo "cofuro", nome que davam ás differenes gripes catarrhaes, como pelo sarampo levado pelos colonos hespanhoes.

A mortandade foi terrivel. O incola, logo ao sentir a quentura da febre, corria ao rio para banhar-se afim de esfriar o corpo e no desvario causado pela doença abandonava a choupana para dormir ao relento depois de esfalfar-se caminhando horas a fio.

Um habito das mães indigenas contribuia enormemente para augmentar a cifra mortifera: mastigavam os alimentos e depois de preparado o bolo alimenticio davam-no aos seus filhinhos...

A derrocada — A' proporção que o rico recanto paulista ia progredindo, pelo contrario, a população aborigene ia-se definhando esmagada pela ambição desmesurada dos novos donos da terra. Os outros chefes gentilicos, após soffrimento inaudito, voltaram aos seus pagos cansados de perambular pela selva e dispostos a seguir o exemplo de Vauhin.

Um chefe — Alipio Bandeira, com as côres firmes que lhes são peculiares debuxa com alacridade um dos chefes caingangs. "Charin è um typo imponente. E' desses individuos que logo á primeira vista, e sem nenhum proposito de fazel-o, chamam a attenção sobre a sua pessoa pelo respeito que inspiram. Alto, espadaúdo, com um energico sulco vertical em cada face, fronte larga, olhar parado e longinquo, bocca cerrada num riclo

de severidade, sua physionomia revela de um modo impressionante o substrato da força, serenidade e vigor com que tão duramente se encouraça aquella alma voraginosa, tranquilla e inexoravel. O habito da guerra desenvolveu nesse indio qualidades taes de bravura e impiedade que ver-lhe o rosto o mesmo é que ver essas qualidades, e olham-no de facto os seus com acatamento e pavor, o que, aliás, não exclue a estima que lhe consagram".

Costume ultracivilizado — Entre os costumes dos caingangs ha dois que não podemos deixar de citar. Um é interessante pela bondade que encerra e o outro pela graça que contém.

Attestando o gráo de ternura do coração do indio, tinham os selvicolas paulistas o costume de respeitar as mulheres e filhos dos vencidos na guerra. Tão elevada era essa acção que os guerreiros consideravam como seus proprios, os filhos dos adversarios que matassem. Substituiam por "motu-proprio" os chefes da familia que haviam riscado do ról dos vivos, no ardor da peleja.

Cupido nas brenhas — Até com as pobres indias Cupido se intromette. Toda vez que uma esposa indigena se via abandonada pelo marido, convidava uma companheira para ajudal-a a tecer uma manta e, á medida que urdiam o tecido, a esposa apaixonada cantava uma melopéa tão chorosa e tão plangente que de longe se tinha a impressão da manha dum recemnascido. Quando se sentia fatigada, a companheira, alliando-se ás dores da amiga, mantinha o berreiro que, consoante crença geral, possuia o dom de chamar para a choupana o marido brejeiro.

Indios do litoral pernambucano

Fixando lindes — Sob a denominação de Pernambuco vamos incluir todas as terras das antigas capitanias de Pernambuco e de Itamaracá.

Tres tribus do grande ramo tupy talavam as costas accidentadas da bella pindorama nordestina: os cahetés, os tabajaras e os potyguaras.

Os cahetés tinham seus dominios estendidos desde o caudaloso S. Francisco até ás aguas do Iguaraçú, onde já encontravam os tabajaras em vigilancia attenta para impedirem o avanço dos vizinhos.

O limite norte da gleba tabajarense é ainda hoje muito discutido. E' acceitavel dizer-se que os tabajaras habitaram as terras de Itamaracá até o rio Parahyba. Deste curso dagua para o norte, até ao rio Jaguaribe, os temiveis "comedores de camarões", os potyguaras, eram os senhores absolutos de todo o vasto tracto litoraneo.

Cahètés — A presença do caudaloso S. Francisco fez com que os cahetés se tornassem peritos na arte de construir embarcações. Desde cêdo esses selvicolas fizeram amizade com os francezes com quem barganhavam a valer. Ao contrario, detestavam os lusitanos, dando-lhes morte immediata, sempre que podiam alcançal-os.

Succedeu que, quando navegava para a metropole, naufragou a nave que conduzia o primeiro bispo ao Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha. Após mil peripecias, chegaram os infortunados naufragos á praia onde já, ansiosamente, os aguardavam os cahetés. Não houve tempo a perder, para que a chacina se fizesse com brevidade.

Cêrca de cem pessoas brancas — homens, mulheres e creanças — com seus escravos foram mortos e devorados pelos cannibaes. Para contar a historia concederam o direito de viver a um portuguez e dois indios, pelo simples motivo de entenderem a lingua que arengavam. O proprio bispo foi trucidado e sua carne servida como uma especialidade. Como um anathema ao procedimento dos aborigenes, tornou-se safaro o terreno onde, sem vida, caira o corpo do alto prelado da egreja.

A carnificina trouxe como consequencia uma perseguição tenaz contra os cahetés que, encarnicadamente, lutaram pela posse da terra que com facilidade haviam tomado aos tapuyas. Sem treguas foram perseguidos, definhando em força e em valentia, á medida que eram empurrados para o sertão, até que, da lista das tribus guerreiras, foi riscado o nome cahetés.

Tabajaras — Os tabajaras foram os primeiros nativos a entrar em contacto com os conquistadores do Nordeste.

Duarte Coclho, durante seis mezes, viu seus desejos não satisfeitos pela luta pertinaz offerecida pelos ancestraes de Iracema, a virgem bellissima que José de Alencar immortalisou. Conseguiram, por fim, uma alliança com alguns chefes indigenas e com elles dominaram,

completamente, os demais.

Os tres chefes alliados dos lusitanos - Fabyra, Itagybê e Piragype - deram exemplos magnificos de bravura. Certa vez Fabyra foi attingido por uma flecha que lhe vasou o olho. Desesperado de dores e de raiva, elle arranca a seta blazonando que, para vencer inimigos tão pusillanimes. Ihe bastava um olho só; enfrentou com coragem os atacantes, superiores em numero, derrotando-os fragorosamente.

Piragybe taes actos de bravura praticou que, pelo rei, foi condecorado com a ordem de Christo

e agraciado com uma pensão mensal.

Potyguaras — Os potyguaras foram amigos dilectos dos francezes.

Lutaram sem treguas contra os calictés e contra os tapuyas, no sertão. Eram alliados dos tabajaras.

O animo bellicoso e altivo dos amerindios que campeavam o litoral gracioso da Parahyba foi perpetuado pelos actuaes habitantes que o conservam

como um legado sagrado.

Em 1853, devido aos clamores do povo de Pernambuco e Itamaracá, ficou resolvido fazer-se a conquista da Paraliyba. Aprestada a força, com ella marchou Fruetuoso Barbosa, seu commandante.

Orientados pelos francezes, os potyguaras conseguiram armar uma emboscada aos expedicionarios, acarretando-lhes um revés seriissimo.

Animados com a victoria, os incolas invadiram as capitanias vizinhas, fazendo largos estragos. Em vista de resistencia tão tenaz, foi concertado um plano de ataque combinado. Emquanto os navios de Diego Flores de Valdes investiam por mar, uma tropa numerosa marchava por terra.

Os francezes queimaram seus navios e, reunidos aos incolas, lutaram corajosamente para se-

rem, finalmente, recalcados para o sertão.

Afim de garantir a posse do gracioso litoral, foi erguido um forte de madeira. Após curta tregua os potyguaras voltaram á guerra, conseguindo tomar a fortaleza e expulsar os intrusos. Todavia gosaram por pouco tempo o sabor desta victoria, pois nova expedição foi organizada para desalojal-os.

Algumas familias tupinambás foram trazidas

para a Parahyba, afim de colonisal-a.

Expulsos dos seus pagos, os potyguaras alargaram-se para as bandas da serra de Ibiapaba.

Acerca do nome da valente tribu ha sérias con-

troversias.

Domingos de Loreto Couto diz o seguinte: "Autores ha que escreveram potyguaras, que vale dizer — comedores de camarões; mas Duarte Coelho, donatario primeiro de Pernambuco, escreveu pitinguaras, e Antonio Khivet, que viu esse gentio, descreve-o como tendo o habito inveterado de trazer uma folha de fumo entre o labio e os dentes, de onde lhe descia a baba pelo furo do beiço, dahi o nome petinguara, que quer dizer mascador de fumo".

Indios de Matto Grosso

Matto Grosso foi um poderoso pólo de attracção dos indigenas que se viam perseguidos, com tenacidade e ferocidade, já pelas tribus gentilicas mais adeantadas, já pelos europeus, conquistadores da terra.

As migrações selvicolas ainda não estão, de todo, estudadas. Apesar dos trabalhos dos sabios e ethnographos, nacionaes ou alienigenas, tudo se alicercea no terreno pouco consistente das hypotheses.

Acossados pelos tupys, os gés, cognominados por aquelles, pejorativamente, de barbaros, incultos — fapuias — procuraram o "hinterland" vencendo successivamente rios e serras, montanhas e valles, numa fuga intermina. A' medida que iam debellando ás difficuldades antolhadas na marcha em rumo do occidente, iam outrosim, adquirindo costumes e habitos novos e progredindo intellectualmente.

Da sobranceira cordilheira andina, em sentido contrario, fugavam as tribus tementes aos incas e aos seus vencedores — os soldados de Pizarro. Desciam as "yungas" declivosas em busca da planicie immensa, onde os tributarios das duas grandes bacias potamicas divagam indecisos, antes de

emprehender a longa caminhada em busca do Atlantico.

Do sul, affluiram os aboricolas que preferiram emigrar a supportar o jugo dos castelhanos que se infiltraram pelo grande aranhol contribuinte do largo rio baptisado por Solis.

Do norte, desceram, remontando os affluentes, da direita do Amazonas, os aborigenes vencidos por tribus mais poderosas ou fugitivos do contacto com o branco que singrava a immensa caudal do El-Dorado.

Os selvicolas que habitam o grande Estado central são oriundos das regiões mais diversas e divergentes — uma poderosa força de gravitação os impulsionou para as pujantes mattas e virentes campos do grande rincão, oude as aguas das bacias amazonicas e platina se confundem num amplexo immenso e eterno.

Comtudo, von den Steinen conseguiu averiguar uma corrente divergente, que deixou o territorio mattogrossense, seguindo o rumo do caudaloso Xingú. Eram os caribas que, na sua marcha victoriosa para o norte, conseguiram vencer todas as tribus que toparam e chegar ao littoral e ás ilhas antilhanas que se achavam nas mãos dos nuaruacks.

Hodiernamente ainda encontramos indios nas regiões abaixo, uns já civilisados, outros a caminho da civilisação e finalmente uns terceiros que vivem ainda em estado selvatico.

Ao norte, vivem: no Gy-Paraná, os parnauats, os tacuateps, os urumis, os urupás e os jarús; no Tapajoz, os apiacás e os mundurucús; no Xingú,

os autis, os camaiutas, os uaurás, os meinacós, os ajaulapitis, os nahuquas, os trumais, os manitsauás.

A léste, habitam: no rio Tarirapé, os selvicolas deste nome; no rio Araguaya, entre a foz do rio das Mortes e o Registro, os cayapós, os carajás e os chayantes.

A oéste: no rio Madeira, os caripunas; no Jamary, os arikêmes; no rio Candeia, os rama-rama e boccas-negras; no Mamoré, os pacahás-novos, no rio S. Miguel e seus affluentes, os vosmos, os purús-borás, os aroás e macuropes; no rio Guaporé, nos campos do Páo Cerne, os guarayas.

No sul, acham-se: no rio Dourados, os cayuás; no rio Nabileque e em Calima, os guaycurús; no rio Miranda, os terenas.

Na zona central, habitam: na bacia do S. Lourenço, os borôros; no delta do S. Lourenço com o Paraguay, os guatós; no alto rio Paraguay, os barbados, entre os rios Juruena e Commemoração, os nhanibiquáras; entre os rios Ponte de Pedra e Papagaio, os parecis; no rio Pimenta Bueno, os ke pi-kiri-auts; no rio Verde, affluente do Paranátinga, os cajabis; no alto Paranátinga, os bakahiris.

Esta completa relação que acabamos de transcrever é trabalho do denodado sertanista Dr. João Barbosa da Faria.

Ha ainda innumeras tribus desconhecidas na mesopotamia Tapajoz-Xingú, que, completamente înexplorada, constitue, para os estudiosos, uma interrogação.

Os bandeirantes e os castelhanos que talaram o rico territorio mattogrossense encontraram com

facilidade tribus numerosas que, depois de derrotadas, eram apresadas e conduzidas para S. Paulo ou Assumpção, onde a corrente do captiveiro as aguardava.

Da busca do indio surgiu a cata do ouro e com esta a riqueza e o desbravamento do grande Estado de Rondon.

Resta-nos aproveitar, convenientemente, esses genuinos brasileiros, creando em profusão escolas, officinas e lavouras junto ás suas aldeias.

Costumes originaes

No estudo dos costumes dos nossos incolas, encontramos, dia a dia, coisas interessantissimas: umas admirando-nos pelo altissimo conceito moral que encerram; outras, pelas ingenuidade, pela garridice e pela singeleza.

Havia tribus que, segundo Elisée Reclus, possuiam individuos com uma missão originalissima — eram os denominados "maridos das viuvas".

Em alto conceito eram tidos esses funccionarios gentilicos, pois que não trabalhavam, isto é, não caçavam, não pescavam, nem guerreavam. Não desempenhavam essas arduas funcções, não porque lhes faltassem o animo para o trabalho ou o ardor bellicoso e sim porque a grandiosidade da funcção que exerciam a isto os obrigava.

Todos os guerreiros contribuiam na medida das suas posses para a manutenção dos "maridos das viuvas" e suas protegidas, porque sabiam que, em caso de guerra, suas esposas iriam encontrar o carinho e o conforto que elles não mais lhes poderiam dar.

As tribus guerreiras mantinham esse costume com muita sabedoria — eram as mulheres que, temendo a perda dos seus entes queridos anathematisavam a guerra. A saudade dos maridos fazia, muitas vezes, as indias influirem junto aos caciques e aos seus proprios companheiros, para que a luta durasse pouco ou não se realisasse. Para annullar essa acção feminina que os privava do melhor passatempo, resolveram os indios, conforme a lenda, eleger rapazes fortes e bonitos para maridos das viuvas, dest'arte as gentis Evas das selvas, não tinham que pensar na desgraça em que poderiam cahir, caso seus esposos tombassem no campo da peleja esmagados pelo tacape ou trespassados por aguçadas flechas.

Essa solução original satisfez aos pendores bellicos das clans e salvaguardou de certa forma, o futuro das mulheres.

Não dizem as chronicas qual o processo seguido para o preenchimento desse cargo importante. Raciocinando com a mentalidade actual, imaginamos a cabala intensa que deveria ser feita junto aos tuchauas e aos guerreiros casados...

Um outro costume originalissimo é o da pena de morte entre os jamadys, habitantes do alto Purús.

O aboricola condemnado á morte pelo morubixada soffria mais do que Hauptmann, porquanto este teve uma mãe que o adorava e com insistencia appellava para a justiça divina, rezando interminaveis rosarios e uma esposa que até ao fim lutou desesperadamente para livral-o da fatidica cadeira, recorrendo a todos os processos, dos legaes aos sentimentaes, e commovendo o mundo inteiro.

Lá nas brenhas onde os jamadys campeiam, parece que o coração é um orgão que as mulheres não possuem. Uma vez um delinquente condemnado á morte é a propria esposa ou a mãe, se elle for solteiro, que, de um modo cruel elimina a vida do companheiro dos seus sonhos ou do fruto das suas entranhas. Não ha lá a cadeira electrica que fulmina, como tambem não exisse o aparato do pelotão de fuzilamento, nem a corda balouçante da forca. Não conhecem, outrosim, esses incolas, o processo rapido e bruto da guilhotina e do machado; todavia, na propria selva, toparam com hervas venenosas que a pouco e pouco vão retirando as energias vitaes do réo.

Uma vez preparado o vehículo da morte um molho de pimenta onde é collocado o veneno a esposa, com uma colher de páo, obriga o esposo a bebel-o. Dahi a instante inicia-se a agonia do infeliz, que começa a conforcer-se de horriveis dores. Horas depois o "carrasco" feminino volta e administra-lhe nova dóse, fazendo que, aos poucos, a vida se desprenda daquella carcassa anni-

quilada por tão atroz padecimento.

Entre os caiabis

Caiabi, apinacó! Caiabi apinin! Apinin, apinacó, muié! Akili!

Era esta a cantilena que chegava aos ouvidos do tenente Pyrineus de Souza e de seus companheiros ao descerem o curso do Paranatinga,

um dos altos tributarios do Tapajoz.

Ninguem via quem da matta murmurava aquellas palavras indigenas, que a um inexperiente poderiam causar medo, julgando que significassem uma ameaça ou um signal para que retrocedesse.

O indio consome um tempo longuissimo para confeccionar os seus machados de pedra que, aliás, são mais contundentes do que cortantes. Fica nas praias uma eternidade para dar uma fórma afilada ao instrumento, á custa de muito esfregal-o na areia. Assim sendo, desde que alguma vez tenha travado relações com os civilisados facões e machados fica numa ansia continua para os possuir a todo preço. As palavras que saiam da matta eram, justamente, um pedido dos objectos cubiçados: "Machado para Caiabí! "Facão para Caiabí!" "Facão, machado para mim!" "Vem!"

Apesar do convite final, o tenente Pyrineus não encontrava um momento propicio para at-

tendel-o, porquanto os habitantes da selva se mantinham ariscos e arredios.

Esses pobres aboricolas já haviam tido contacto com o branco, que fez desapparecer, com seu procedimento incorrecto, todo o espirito de hospitalidade da tribu. E deste modo os selvicolas agiam com uma prudencia na altura da artimanha usada pelo civilisado.

O tenente Pyrineus, logo que soube o que significavam as palavras que os indios pronunciavam, retirou do fundo da canôa um machado e um facão e começou a gritar: Apinacó, apinim, muié Caibi. A muito custo, numa curva do rio surgem uns incolas para receberem os presentes. Estavam desarmados e nos seus olhos lia-se o pavor de que estavam possuidos.

Com enorme satisfação, o chefe da expedição recebeu os aborigenes, porém, estendendo o olhar para os barrancos do rio, pôde lobrigar através da cortina constituida pela matta marginal, um magote delles com os arcos estirados, promptos para desferirem suas flechas, caso se tratasse de uma esparrela.

Em curto prazo os Caiabis verificaram as boas intenções dos expedicionarios e aos grupos vinham chegando para receber os seus presentes. Rapidamente se esgotou o "stock" de machado e facões que levavam e para não perderem as graças alcançadas, iniciaram os itinerantes a distribuição de contas e missangas. Os que por ultimo chegavam, manifestavam hostilmente o seu desagrado pelos mimos que lhes foram dados e saiam desconfiados, arengando.

Ainda não estava firme a amizade dos Caiabis e a prova disto teve-a Pyrineus ao deixar a cachoeira 13 de Maio. Estavam os exploradores procurando vencer o rebojo da cachoeira, quando os indios desappareceram e incontinenti despejaram uma saraivada de flechas, sem comtudo conseguirem fazer victimas — no cerebro dos selvicolas amadurecera a idéa de que ainda havia machados nas embarcações...

Apressadamente, os expedicionarios fugiram ao perigo e foram abivacar numa ilha. Na matta marginal que debrua o rio foram vistos selvagens carregando enormes feixes de flechas, como se estivessem preparando-se para uma grande batallia. O tenente resolveu pôr em scena a tactica do Caramurú, fazendo explodir um petardo de dynamite.

O resultado diz-nos o distincto official em seu relatorio: "surgiu então na margem opposta um caboclo forte, bello typo de cacique, que lembrava os guerreiros de Alencar, o qual, entrando na agua até a cintura e empunhando grande arco e um maço de flechas, começou a discursar energicamente. Com o arco retesado, fazendo o gesto de soltar a flecha com que nos ameacava. gritava em linda voz, vibrante, energica. Depois, bateu forte no possante peito, apontando para todos os lados com gestos significativos de ser elle o possuidor de tudo aquillo. Emquanto isso, outros indios, pela matta a dentro, nas duas margens, arremedavam onça, lobo, coatá e passaros diversos. Era um espectaculo imponente! De muito longe, rio abaixo e rio acima, ouviam-se gritos. Tocavam "reunir"... O estrondo da dynamite teve effeito contrario, despertou o animo bellicoso da indiada. A época do "filho do trovão" já passára...

Assim que a escuridão se fez, notou o tenente que o gentio estava prestes a cair sobre o acampamento, num ataque formidavel de cubiça e odio. Com muita cautela preparou as anibarcações e, sorrateiramente, deixou-as ir sem ruido agua abaixo. Num balsedo marginal amarrou as canôas para assistir á investida dos selvicolas. Bem avisado andou o chefe da expedição, pois horas depois uma multidão de ubás coalhava o rio e aos berros era feito o ataque ao acampamento. Assim que se viram no logro, os berros recrudesceram... O véo negro da noite que deveria proteger o ataque, favorecera a retirada do pequenino e abnegado grupo de servidores da nação, que, do meio do rio, fóra do alcance das flechas ouvia o alarido infernal, fatigado de matar, continuadamente... mosquitos.

Do curto e arriscado contacto que o tenente Pyrcheus manteve com os Caiabá on Caiabis, pôde notar que as Evas, como as nossas "melindrosas", arrancam as sobrancelhas e pestanas e usam os cabellos cortados. Os Adões ainda estão no tempo de Luiz XV, com seus cabellos compridos, formando luzidia cabelleira encharcada de urucum. Todos costumam furar as orelhas para se ataviarem com brincos feitos com chifres de veado enfeitados com pennas de periquito e de passarinhos de plumagem matizada.

A pacificação dos "corôados"

Nas brenhas occidentaes do prospero Estado de São Paulo, habitavam os corôados, cuja ferocidade lendaria de muito prejudicava o desenvolvimento da região regada pelo caudaloso Paraná e o baixo curso dos seus historicos affluentes

Tietê e Paranapanema.

Desejoso de incrementar as relações com o longinquo Estado de Matto Grosso, o governo resolvera levar, de São Paulo até ás barrancas do Paraguay, uma ferrovia. Na occasião de collocar o problema em equação, surgiu a questão dos coroados, que se mantinham arredios, desdenhando, por completo, o convivio com o civilisado, de quem guardavam terriveis e indeleveis recordações.

O caso dos selvicolas foi posto á margem e a estrada começou a se adentrar pela "floresta

secular sombria".

Na defesa do seu pago, o aborigene, sempre, em todos os tempos, foi severissimo — esperava a noite para incendiar as habitações dos trabalhadores e trucidar todos os que tivessem a desdita de cahir em suas mãos.

O problema, que de um modo aprioristico fôra contornado, surgia em toda sua plenitude: era mistér conseguir a amizade do selvicola.

Foi escolhido para a espinhosa missão o actual general, então capitão Manoel Rabello, que, com doze companheiros, tão devotados como elle, solucionou a questão amerindia, permittindo que São Paulo irradiasse o seu progresso para todos os recantos da sua area.

Entre os companheiros de Rabello figurava L. B. Horta Barbosa, advogado ferrenho do incola, que tem empregado toda vida em prol da grandeza e do desenvolvimento dos primitivos donos da terra. Este patriota, em magnifico opusculo, pinta com côres bem vivas o que foi a arriscada empreitada.

Com desapontamento geral das autoridades, o capitão Rabello resolveu ir com seus doze homens acampar no amago da floresta, bem no centro das aldeolas aborigenes.

Abriu uma clareira na matta, cercon-se com uma rêde de arame e no centro erigiu com madeira tosca a sua tenda.

Sem que ninguem os visse, o gentio, com toda certeza, observava aquella transfiguração da selva, procurando adivinhar as intenções da gente que tão ousadamente vinha installar-se em sua terra.

Com a galhada das arvores abatidas foi consolidada a cerca de arame, onde á noite eram collocados lampeões de kerozene.

Com a tenebrosa escuridão da noite se assanhava a curiosidade do incola que se abeirava da cerca, com o fito de descobrir qual a origem das cantorias e das discussões que se effectuavam durante todas as noites.

O indigena, geralmente, ataca de surpresa, e, sabendo disso, os pacificadores, faziam funccionar, sem interrupção, um bom gramophone que espalhava até longe os sons gravados nas chapas adrede escolhidas.

Vendo que os indios não vinham procural-os, resolverem ir em procura delles. Attingidos os pontos em que os selvagens costumavam a transitar, eram construidos giraus e sobre elles depositados, carinhosamente, machados, facões, collares e mil quinquilharias.

A clarcira foi augmentada e em grande area, plantados o milho, o feijão e a mandioca. Na época da colheita algumas familias se acercaram da roça afim de colherem aquillo que lhes era dado como um presente.

Apesar disto, os selvicolas ainda não tinham entrado em entendimento com seus vizinhos, se bem que já os julgassem com optimos sentimentos. Succedeu, porém, que uma velha pythoniza "sonhou que os seus irmãos vinham ao nosso acampamento, eram recebidos como amigos, entre festas e alegrias, e retiravam-se carregados de coisas preciosas: machados, a cujos golpes qualquer arvore tombava sem custo; contas de todas as côres, mas sobretudo brancas, muito brancas, que em collares de infinitas voltas realçavam a belleza das mulheres e davam ás moças graças infindas".

Em virtude do sonho compareceram ao acampamento nove guapos rapazes completamente nús e desarmados. A opportunidade foi aproveitada e tudo que havia, dado aos visitantes. Sem banha e sem sal, foi cozinhada uma panellada de arroz e feijão para os rapazes, que se negaram a comer. Comtudo assim que viram um dos pacificadores ingerir a insossa comida, resolveram adherir, gostosamente, á comilança.

No dia seguinte, os pacificadores retribuiram a visita recebida e, dia a dia, se apertavam os laços de amizade emquanto a estrada avançava para oéste.

Puderam notar os expedicionarios que os incolas possuiam familia organizada e que dividiam as funções consoante a possibilidade de cada um.

Dos artefactos da industria civilisada o que mais empolgou os selvicolas foi o phosphoro. Elles que levavam um tempo inaudito para conseguir fagulhas pelo attrito entre dois pedaços de madeira, ficavam maravilhados com a facilidade obtida pelos brancos. Presenteados com varias caixinhas, guardavam-nas com um carinho extraordinario, embrulhando-as em folhas seccas.

Indios do Amazonas

Affluentes da direita do rio NEGRO

Uananas — rio Uaupės. Tarianas — rio Içana. Macus — nomades.

```
Tarianas — rios Uaupés e Papory.

Karutanas — rio Içana.

Baniuas — rio Içana.

Hòhôdenis — rio Aiary.

Ipecas — rio Içana.

Deçanas — rio Papory.

Siucis — rio Aiary.

Cubeuas — rios Cuduiary e Aiary.

Pira-tapuias — rios Uaupés e Papory.

Miritis-tapuias — rio Tiquié.

Arapaces — rio Uaupés.

Tujucas — rio Tiquié.

Barás — rio Tiquié.

Tsoeloas — rio Tiquié.

Erulias — rio Apaporis.

Jahunas — rio Apaporis.

Paloenoas — rio Apaporis.
```

Madeira

Nhambiquaras -- rios Madeira, Juruena - Aripuana e Roosevell. Cachararis -- rio Abuna. Arikemes - rios Madeira - Jamary -Arikemes. Caripuna -- rio Madeira -- Mutum, Caritiona -- rio Madeira -- Candeia --Jamary. Bacia do rio Itoga-puk -- rio Madeira -- Aripuanã --Roosevelt. Miguelinhos -- rio Madeira -- S. Miguel. Pacaguára -- rio Madeira -- Abuna. Pacaha-Nova --- rio Madeira Pacaha-Nova. Pariutintins - rio Madeira - Maicy. Pirahā (Mura) - rios Madeira - Maiev. Tura (Torá) -- rios Madeira -- Marmellos. Urumi -- rios Madeira - Gy-Paraná. Urupá - rios Madeira - Jamary-Arikemes. Caiuechana (Caixana) -- rios Japurá --Tocantins. Cucretú - rio Japurá. Guarina - rio Japará. Rio Japurá. Jumána -- rio Japurá. Uainunaa -- rio Japurá. Yahuna - rio Japurá - Apaporis. Yupuá -- rio Japurá -- Apaporis. Myoruna — rios Javary — Curuça — Jundiatuba. Rio Javary. Capanauas - rio Javary. Remos — rio Javary. Marubius — rio Javary.

Amena-dyapa — rios Solimões — Jutahy. Boccas Pretas (Mundurucus) — rios Amazonas - Tapajós e Maués, Campineiros (Mundurucús) -- rios Amazonas - Tapajós e Maués, Maués — rios Amazonas — Maués — Andirá. Mundurucús - rios Amazonas - Abacaxys --- Secundury, Mura - rios Solimões, Autaz - Manicoré - Mataurá e Canumã. Catuquina - rios Solimões - Teffé. Cauixana - rios Solimões - Tocantins -Japurá. Diapá - rios Solimões - Jun-Cutva diatuba. Atroahy -- rios Negro -- Jauapery --Alalahú. Carabinani - rios Negro - Jauapery. Crichaná - rios Negro - Jauapery. Unimiry - rios Negro - Jauapery -Mahua — Campinas. Aturai - rio Tacutú. Chirianá - rio Uraricuera. Jaricuna --- rio Cotingo, Surumú, Amajary. Macú - rio Auary. Macuny - rio Surumú, Tacutú, Mahu, Uraricoera. Maiongong - rio Aury. Maracana -- rio Uraricuéra. Pauchiona -- rios Caratirimany - Mocajaky. Pichauco — rios Uraricuéra — Surumú. Purucotó - rios Uraricuéra. Rio Branco. Uayumará — rios Uraricuéra. Sapará — rios Uraricuéra. Tapioca — rios Anaúa. Uaica — rios Uraricuéra. Uapichana - rios Tacutú - Surumú -Amajary.

Rio Amazo-

nas . .

Rio Jauapery. .

Arára (Yuma ou Araraua) - rios Alto Purús - Alfo Jurúa e Aripuanà. Cacharary Ituxy. Capechene --- rio Purús. Catiana — rio Yaco.

Canamary - rio Chandless.

Mainteneris rio Yaco. Paumaris - rio Purús

Curinas -- rio Santa Rosa.

Tucurinas - rio Santa Rosa.

Gaviões - rio Acre - Abuna (extinctos).

Chontaquiro — rio Chandless.

Yamamady (Jamamady) - rios Tuhiny -Inauhiny - Mamoriá - Pauhiny e Tapaua.

Mubery -- rio Tapauá.

Yuma — rio Paraná — pixuma.

Amahuaca - rios divisor Anguá

Ararauá - rios Juruá e Liberdade.

Aváua - rios Medio Jurna.

Bendvapá — rio Alto Jurna.

Nauas — rios Envira, Tauruaça e Móa,

Cadequili-dyapa -- rio Medio Juruá.

Campa - rio Juruá - mirim.

Capanana rios Alto Juruá, Javary.

Catauichi - rios Breu e Mucuim. Catuquina - rios Gregorio e Tauruacá.

Cotó - rio Envira.

Curiá — rios Envira — Douro.

Henadie - rios Baixo - Juruá. Nakuimi - rios Juruá - Môa. Sacuya - rios Alto - Juruá. Tauaré - rios Juruá - Envira.

Nota - Computamos somente os indios registrados na Inspetoria de Protecção aos Indios, de Manaos.

Rio Purús.

Rio Juruá.

Indios do Território do Acre

Paumarys rios Purús e Ituxy.
Ipurinã rios Soruhiny — Sepatiny.
Canamarys — rio Chandless.
Curinas — rio Purús.
Tucurinas — rio Santa Rosa
Catianas — rio Yaco.
Mainteneris — rio Yaco.
Gaviões rios Acre, Abunã (extinctos).

Familia dos Nauás.

Rios:

Cachinauas — familia Envira,

Marinauas — familia Jordão,

Contanáuas — fam. de Tarauacá.

Coco.

Capanáus — fam. de Poianauas — rio Môa.

onça.

Xaranauás — fam. de Coronauas — divisor
bons.

Jaminauas — fam. de Tutoriunauas — fóz do
cobra.

Indios de Matto Grosso

Ao norte. Parnauats
Tacuatips
Urumis
Urupás
Jarús
Apicacás

Parnauats
Tacuatips
Ino rio Gy-Paraná.

on rio Tapajóz.

Lima Figueirêdo

Ao norte .	Mundurucú Auitis Camainlas Uaurás Meinacos Ajoulapitis Nabuquas Trumains Manitsauás Caripunas no rio Madeira, Arikèmes - no rio Jamary. Rama-rama no rio Candeia. Boccas-negras
	Pacahás-novos no rio Mamoré. Uomos no rio S. Mignel. Purus-Borás Aroas Macuropes Guarayas no rio Guaporé. Cayhás no rio Dourados.
Ao sul {	Guaycurús no rio Nabilegue. Terenas no rio Miranda.
	Tapirapé no rio do mesmo nome Caypós Carajás Chavantes Borôros — na bacia do rio S. Lourenço. Guatós no delta do rio S. Lourenço com o Paraguay. Barbados — alto Paraguay. Parecis — entre os nós Ponte de Pedra e Papagaio.

Nhambiquaras — entre os rios Juruena e Comemoração.

Kipi-kiri-auts — no rio Pimenta Bueno.
Cajabis — no rio Verde, affluente do Paranatinga.

Bakakiris — no alto Paranatinga.

Nota - Além das 40 tribus existem outras que vivem ainda arredias ao contacto com o civilizado.



SEGUNDA PARTE

CHRONICAS INDIGENAS



Habitantes primévos da America

Por mais que o estudioso terebre o passado com a verruma das pesquisas, o mysterio ainda esconde a verdade sobre a formação humana.

Os sabios e scientistas estudaram as fontes da historia e sómente conseguiram fixar hypotheses.

Ha duas idéas a respeito da expansão do homem sobre a superficie terraquea:

- a) a do monogenismo, segundo a qual o homem teria surgido e evoluido numa determinada região da terra, que os antigos localisaram no planalto central da Asia, e dahi irradiado para a Europa e para a Africa. Para a America as correntes migratorias seguiram, provavelmente: pelo norte da Europa, alcançando a Groenlandia: pela Africa, seguindo as correntes equatoriaes, e pela Asia, utilisando as ilhas Aleutas, que nada mais são do que um prolongamento do frigido territorio de Alaska:
- b) a do polygenismo que acceita a evolução lenta dos animaes em todos os continentes e admitte a existencia das raças: branca, amarella e negra.

O monogenismo é baseado na lei biologica — todo ser organico apparece numa zona limitada do

globo, tanto mais restricta quanto mais complexo for esse ser.

O polygenismo explica melhor a formação das raças.

A sagrada biblia diffundin no espirito humano a idéa do monogenismo, segundo a qual todos nós descendemos de Adão e Eva.

Se bem que historiadores illustres como Pi y Margall, tenham duvidas em affirmar o apparecimento coevo do homem na America e no velho mundo, não deixamos de acreditar ser o lubitante da America tão americano quanto o seu continente.

Haeckel é adepto do monogenismo em virtude de não haver sido encontrado em plagas americanas o macaco antropoide, que nos precedeu na escala zoologica, segundo a doutrina de Darwin.

Todavia, De Quatrefages fala num craneo achado no Ceará, que apresenta os mesmos caracteres anatomicos do homem fossil de Neanderthal, especime da raça de Canstadt — a mais antiga do continente europeu.

A theoria da emigração é bilateral: tanto podemos acceital-a partindo do oriente para o occidente, como em sentido inverso.

A existencia da Atlantida, o continente que submergiu, veio corroborar de um modo patente o que acabamos de affirmar.

Sobre a Atlantida escreveram Herodoto, Theopom, Denys de Mitilene, além de outros.

Platão, no seu romance "Timeous", fala de uma poderosa esquadra, vinda do Atlantico para atacar os povos que habitavam aquem das Columnas de Hercules. Os athenienses, expondo-se aos maiores perigos, conseguem vencer os inimigos e salvar os habitantes do Mediterraneo da escravidão.

Conta o escriptor citado que a Atlantida era uma ilha enorme situada defronte á Columna de Hercules, onde reinavam principes poderosos, cujos dominios abrangiam muitas ilhas e portos de um continente que debruava o mar pelo occidente. Terriveis terremotos e avassalladoras inundações tragaram, em um só dia e uma noite pavorosa, a Atlantida, sepultando sob o salso elemento aquella raça de guerreiros.

A theoria moderna do polygenismo tem um forte fundamento no estudo da lingua.

E' sabido que os homens primitivos não falavam, emittiam sons agudos como as féras — os nossos aymorés, no seculo das descobertas, ainda assim se expressavam. A' medida que evoluiam, iam ligando os sons, até pronunciarem palavras monosyllabicas.

Se houvesse um berço unico da humanidade, deveria haver tambem uma lingua universal.

Diz F. Müller na sua Allgemein Ethnographie, que nenhuma parte do mundo exhibe tão variado numero de linguas com vocabularios distinctissimos, e de tão semelhantes feições syntaticas, como a America. E' impossivel filial-as a qualquer lingua do hemispherio oriental.

Entretanto, alguns philologos acharam analogias entre o chinez e o otomi — o unico dialecto monossyllabico de toda a America, falado no Mexico. Outros gastaram massa cinzenta procurando provar ser o maya, a lingua mater do

grego, do latim, do allemão e do inglez.

Os conquistadores tiveram enormes difficuldades em encontrar interpretes, pois a variedade de dialectos era fantastica: havia para mais de 100 linguas e 2.000 dialectos.

Florentino Ameghino na sua Filogenia aborda o assumpto de tal maneira que no fim do mesmo chega-se a acceitar, conscientemente, o polyge-

nismo.

Sobre a evolução do homem, diz o insigne ethnographo, passámos da posição horizontal á vertical, estacionando na posição obliqua, actualmente occupada pelos anthropomorphos — o gorilla, o orogotango, o chimpanzé, o mandril.

Os grandes principios da obra de Florentino

são os seguintes:

 "Os orgãos analogos e homologos que formam o esqueleto constituiram desde o inicio um numero completo, sem que, no transcurso do tempo, hajam apparecido novas partes analogas ou ho-

mologas das primeiras".

"Dois ou mais ossos que no decorrer de sua evolução se atrophiam e se unem intimamente entre si, não volvem a adquirir individualidade propria como caracter normal, porém podem, em alguns individuos, apparecer isolados transitoriamente como casos de atavismo confirmativos desta lei".

"Todo orgão que por uma atrophia continuada desapparece completamente, só volve a reapparecer como anomalia transitoria e atavica".

"Todo orgão que em algum dos mammiferos actuaes ou extinctos se apresenta com um tamanho

anormal, seja por sua excessiva pequenez, seja por seu enorme crescimento, possue um caracter de adaptação produzido por modificação, por augmento no segundo, e teve tamanho normal nos manimiferos que directamente precederam aquelles que o possuem anormal".

Do estudo profundo do competente geologo e ethnographo, elle concluiu que a antiguidade do homem na bacia do Prata data da época terciaria.

Para encerrar esta chronica devemos dizer que, "emquanto não se provar o contrario, devese admittir o homem americano, como um producto do proprio solo americano, com uma antiguidade pelo menos tão remota como a do velho mundo". (1)

Podemos acceitar, de resto, a hypothese de aportarem ao littoral do novo continente, antes de Colombo, alguns navegantes acossados por fortes tormentas. Esses homens teriam influido sobre o adeantamento das tribus junto das quaes o Destino os conduziu, porém, nunca modificado seus costumes e lingua.

^{(1) -} F. Müller - "Allgemein Ethnographle".

Armamento indigena

As armas principaes dos selvicolas eram: o arco, a flecha, o tacape e a sarabatana. Algumas tribus usavam arremedos de espadas: umas curtas destinadas á defesa das portas das casas, outras longas, denominadas pelos tupinambás "macanás", serviam para produzir golpes no corpo do adversario, visto possuirem uma extremidade em fórma de colhér achatada com os dois bordos aguçados. Além destas armas, empregavam instrumentos guerreiros que só serviam para animar os lutadores ou convocal-os ao terreiro do chefe para uma communicação excepcional: o maracá, a trombeta, a busina e o trocano. Ia-me esquecendo de dizer que algumas tribus litoraneas serviam-se do duro e grosso couro da anta á guisa de escudo.

Os arcos eram confeccionados com madeira rija e flexivel, tendo suas extremidades presas por uma corda feita com fibras vegetaes, geralmente de tucum. A fórma que o arco toma depois de prompto e o modo de amarrar a corda servem para caracterisar um grupo indigena. Hermann Mayer classificou os arcos e as flechas do Brasil em varios grupos baseado na secção transversal do arco e na maneira de emplumação das settas.

As flechas constam de tres partes: a ponteira, a haste e a emplumação. As ponteiras, de madeira dura, de ossos, de espinhas de peixe ou de metal, ostentam o mais variegado aspecto, consoante o fim a que se destinam — para a caça das aves são arredondadas em forma de bastão; para a pesca têm a facies de um arpão; para a caça de animaes avantajados a ponta é aguçada seguida de dentes, ou, melhor, resaltos dentados. As hastes. de madeira de canna brava ou de taquara eram formadas de uma unica peça inteirica ou de varias partes conjugadas: os tupinambás, segundo o testemunho de Hans Staden, construiam as hastes das suas flechas com tres pedaços, sendo o do centro de junco e os das extremidades de madeira pesada. A emplunação dá um aspecto garrido á flecha e, conforme observei, no ramo descendente da trajectoria, isto é, quando a força de impulsão do atirador se annulla, ella dá á setta um movimento de rotação.

O tacape era um pesado porrete que, manejado com destreza, servia para medir a força do seu possuidor. Os que se jactanciavam das suas solidas musculaturas brandiam tacapes que eram verdadeiros troncos de arvores. Essa arma poderosa agia por esmagamento. Os guayacurús atiravam-na a distancia com o fito de quebrar as pernas das victimas.

A sarabatana é uma arma que attesta um gráo de cultura bastante avançado das tribus que a usavam. Era fabricada com a estipe da palmeira paxiuba-y. Constava de um bocal por onde eram introduzidas pequeninas settas hervadas. Seu interior era ôco e estriado. O indio após haver intro-



Fig. 20 - Um indlo Cauixana, empunhando a sarabatana.

duzido a setta no tubo, soprava, fortemente, pelo bocal. Não ha duvida que o alcance de semelhante arma é muito reduzido, conitudo, a engenhosidade com que foi architectada é enorme. Segundo pude apurar, sómente os omaguazes e os mundurucús sabiam manejal-a.

O principal problema na guerra era o remuniciamento — eada guerreiro transportava a tiracollo um cesto com muitas flechas. Iniciada a luta, cada contendor se remuniciava com as proprias flechas desferidas pelo adversario. O padre Gonzales, certa vez, no Paraná, ganhou um combate de modo original: atacado por indios ainda não reduzidos, prohibia que seus conversos revidassem o ataque que estavam soffrendo; no fim de certo tempo os atacautes, uão possuindo mais settas para arremessar, foram obrigados a fugir perseguidos dos seus inimigos, que lhes infligiram formidavel derrota.

O grito de guerra era dado pelo trocano: um bombo descommunal feito com um tronco ôco, no qual collocavam uma pelle curtida. Batendo-se nessa pelle, o som resoava pela floresta fóra, dando signal de perigo imminente a todos os guerreiros. Em pouco tempo, no terreiro do cacique, se amontoavam os indios com seus apetrechos bellicos ávidos de sensações sangrentas.

Na occasião mesma da luta o chocalhar do maracá, o estridulo da busina e os gritos barbaros davam aos litigantes um vigor inaudito.

Cada combatente levava, em volta do busto, uma comprida corda para amarrar os prisioneiros que por ventura fizessem.

A surpresa e o ardil eram explorados com successo, podendo-se mesmo affirmar que a luta desassombrada frente a frente, não entrava em cogitação nas machinações guerreiras do nosso gentio. O plano de assalto a uma aldeia era estudado com uma antecedencia enorme e assentado

com todas as minucias. Com muita cautela os assaltantes se approximavam da taba adversaria e, como não tinham instrumentos que produzissem barulho como os nossos civilisados canhões e as nossas não menos civilisadas metralhadoras, rugiam como tigres ou berravam como loucos na certeza absoluta de que o effeito moral muitas vezes vence mais do que a força material.

Cultura do indio brasileiro

Vagarosamente ia-se processando a civilisação do indio brasileiro, quando ás nossas plagas aportou a esquadra de Alvares Cabral.

Em alguns pontos do nosso territorio notavam-se tribus bastante adeantadas. Os marajoáras fabricavam vasos e tangas de barro, debuxando desenhos interessantissimos que attestavam uma edade mental desenvolvida. Os omaguazes conheciam o tear e teciam agasalhos para supportar o degelo andino e ensinavam ao civilisado o uso da borracha.

As tribus que viam na planicie amazonica eram oriundas ou dos nuaruakas que invadiram a America do Sul pelo isthmo do Panamá, ou dos caraibas que das cabeceiras do Xingú caminhavam para o norte recalcando os aruaks, ou finalmente dos tupys-guaranys que pelo tiroral e pelo centro progrediam das plagas paraguayas para o septentrião.

A adeantada civilisação incaica bafejava os habitantes da planicie e o gráo de mentalidade dos que talavam ás fraldas orientaes da imponente cordilheira andina era notavel.

A transmissão a distancia já era do conhecimento dessas tribus. Utilisavam um instrumento

chamado cambiassú, que consistia num coqueiro ôco, tendo uma extremidade fechada por meio de um couro. Para haver a correspondencia era mistér que na maloca vizinha existisse instrumento semelhante. A operação era simples: o transmissor produzia com um bastão de madeira fortes pancadas no tronco; o correspondente ao ouvil-as applicava o ouvido no couro do seu "phone" e recebia os signaes enviados, do mesmo modo que fazem os radiotelegraphistas com os signaes Morse.

Pensou-se em dar a cada tribu um gráo de mentalidade que resultasse da avaliação feita através dos estudos linguisticos e culturaes.

E' sabido que o homem primitivo sómente emittia sons guturaes e que, á proporção que o seu cerebro se foi tingindo de cinzento, as palavras foram tomando vulto.

Na época cabralina ainda havia neste pindorama mysterioso selvicolas em estado de barbarie quasi absoluto. Os gês, em grande maioria, viviam completamente nús, vagando como féras pela floresta sem fim e dormindo nas galhadas das arvores como macacos. Esses aboricolas pronunciavam sons agudos e rudes que nada tinham de humanos.

Em tempos hodiernos ainda ha tribus que desconhecem o uso da caça, do fogo, da embarcação e do agasalho. Os macús são pelos seus vizinhos, tambem indigenas, capturados para servirem de escravos.

A cada passo que o cerebro começava a trabalhar, o gráo de mentalidade da tribu se elevava e surgiam mil realisações. Juntamente com o desenvolvimento do cercbro ia-se fazendo o aperfeiçoamento do coração — as atrocidades diminuiam de vulto.

Podemos citar como prova de adeantamento do gentio uma lista intermina de coisas que fabricavam.

A malóca em que residiam variava desde o rancho erigido com folhas de palmeira até a cabana bem acabada e defendida interiormente por forte palissada.

As armas cambiavam desde o arco e a flecha rudimentar e sem valor offensivo até ao canhão de taquara empregado por Sepé — o cacique general — contra as tropas de Gomes Freire de Andrade. Era também interessante a sarabatana, em que as settas eram impulsionadas a ar comprimido.

Os ralos em que preparavam a mandioca, confeccionados com madeira onde se introduziam espinhos e o tipity que é um comprido cylindro de fibra destinado a espremer a polpa da mandioca tambem nasceram de um trabalho cerebral.

Da necessidade de pescar e de atravessar os cursos d'agua surgiram as jangadas, as embarcações, o anzol, a tinguijada que consistia em jogar nas lagôas o tingui para envenenar os peixes.

Para amenizar a rudeza dos trabalhos appareceu a musica e a dansa. Foram inventados os maracás — pequenos chocalhos — a flauta de pan e os enfeites de pennas dos mais variegados formatos e da polychromia mais linda.

Do cajú e da mandioca fabricavam o cauim com que se embebedavam nos dias dos grandes festejos.

Espreguiçados na rêde de ticum ou deitados nas praias ou nos taboleiros fluviaes, fumavam o petum á guisa de charuto, sonhando as aventuras mais complicadas.

Revelavam adeantamento as tribus que sabiam preparar o curare, fazer a tonsura, tatuar o corpo e utilisar as pelles dos animaes para diffe-

rentes mistéres.

As petrographias tambem são citadas como um indice da mentalidade dos povos que habita-

ram as regiões onde ellas existem.

Varias são as theorias sobre as inscripções lapidares. Andrew acha que ellas representam méro passatempo dos povos primitivos, garatujas como as que, preguiçosamente, desenhamos na areia das praias. Thurin tem opinião diametralmente antagonica e sentencia que ellas são vestigios de uma civilisação ainda não estudada. O nosso Theodoro Sampaio julga que ellas servissem apenas de balisas assignalando roteiros através da matta.

Muito teriamos que dizer acerca da cultura do nosso amerindio e com todo prazer o fariamos se nos sobrassem espaço e tempo, pois quanto mais conhecemos o aboricola mais o amamos.

O indio e a musica

A musica do incola é pobre, pois, dado ao estado rudimentar dos seus instrumentos, os sons variam mais em intensidade do que em tonalidade.

Eram quasi todas as tribas amigas da musica. Entoando canticos guerreiros ou religiosos, tocavam a flauta de Pan e a busina, emquanto com o maracá faziam o acompanhamento.

Os instrumentos de sopro offereciam uma gama muito estreita de notas, obrigando ao executante supprir suas deficiencias com os labios e os dedos.

Como as raizes e radiculas de grosso e nodoso caule, do nervo auditivo sae um numero infinito de ramos ou filamentos que se expandem pela orelha interna.

O conjunto de todos esses filamentos, segundo assevera E. Deleau constitue um verdadeiro apparelho de resonancia. Cada corda desta maravilhosa harpa representa um corpo elastico assymetrico synthonisado, para reproduzir um som determinado e dest'arte só vibra, quando receber uma nota para a qual esteja, pela mão de Deus, regulado. Assim esse extraordinario apparelho decompõe os movimentos sonoros compostos em

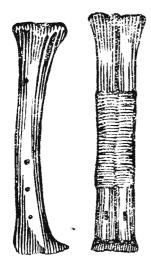


Fig. 21
Instrumentos musicaes feitos com ossos.



Fig. 22
Maraca chocalho guerrenos.



Fig. 23
Oufuá — clarim
de guerra.

sons simples, fazendo uma vera selecção dos sons musicaes. As mais fracas vibrações são captadas pelo pavilhão da orelha, que funcciona á guisa de antena, e transmittidas ao cerebro.

Deste modo vimos que as qualidades musicistas de um individuo estão perfeitamente ligadas ao seu coefficiente intellectual.

De uma maneira geral, os amerindios que já conheciam a musica, eram menos barbaros, porque a melodia enleva a alma e enternece o coração.

Assim como o civilisado se deixa extasiar pela suavidade musical, permittindo que suas idéas se alarguem influenciadas pelas sensações sonóras, o aborigene também se torna menos selvagem, como se sua mentalidade se transfigurasse no momento em que a musica lhe invade o ouvido, o coração, o cerebro e a alma inteira.

E' ainda Deleau quem affirma: "Um maestro póde perceber no meio de um conjunto de sessenta instrumentos um desvio de um quarto de tom: suas cordas acusticas estão maravilhosamente adaptadas para operar esta especie de analyse. O ouvido de um selvagem recusar-se-ia, completamente, a um trabalho tão complicado. Se o desenvolvimento da percepção attinge um gráo de acuidade extraordinario em certos estados pathologicos ou sob a influencia do fluido magnetico, a civilisação, que é, em summa, uma fórma de nevrose, communica ao ouvido não sómente a faculdade de perceber os mais variados sons, mas ainda a de analysar as mais differentes modalidades.

O apparelho de audição é fruto do meio. O civilisado que vive na cidade, supportando uma infernal "symphonia", analysa com facilidade os sons: o camponez já não os aprecia tão bem e, finalmente, o indigena, absolutamente, não os distingue. O aboricola, mercê da vida errante que leva, sempre alerta contra os outros habitantes da selva immensa, afina o seu ouvido, percebe ruidos longinquos que escapam, inteiramente, aos nervos auditivos do civilisado.

Nas tribus de edade mental mais avançada, os incolas se desenvolveram muito mais na pintura e na escultura, permanecendo estacionarios na arte de Beethoven.

Juntamente á musica, a dansa tambem não progrediu. O numero de passos é tão escasso como o de sons, o que é natural, pois uma arte é funcção da outra.

Alguns selvicolas possuem os ouvidos tão apurados que imitam com perfeição absoluta o urro do tigre e o canto de todas as aves que vivem na região em que elles campeam. Tão perfeito é o arremedo que até os passaros se enganam e vêm apresentar-se, ingenuamente, ao alcance da flecha certeira do habitante das selvas.

Lingua brasileira

Quando as náos portuguezas com as velas enfunadas aportaram ao gracioso litoral brasilico, os aborigenes, na ansia de melhores terras ou por mero espirito nomade effectuavam emigrações no sentido norte-sul.

Os tupys, acompanhando a fimbria litoranea, iam recalcando os tapuias para o amago do continente, onde deve estar sepultada a Atlantida maravilhosa de Herodoto.

Deste modo foram com os tupys e os tapuias que os lusitanos firmaram os primeiros contactos. Emquanto a lingua dos primeiros era mais suave, a dos segundos era cavernosa, como se saisse das profundezas do peito.

Outr'ora eram os padres, os homens de maiores estudos e por este motivo foram os religiosos que, na época da colonisação, esmerilharam e codificaram as linguas amerindias. Assim, as pesquisas hodiernas são calcadas em velhos alfarrabios escriptos pelos jesuitas.

A' medida que o paiz ia sendo desbravado pelos que, empós a fortuna, se desenvincilhavam de todos os obstaculos existentes na selva intermina, iam sendo encontradas novas tribus que falavam os idiomas mais extravagantes e desconhecidos dos proprios incolas que, como guias, eram levados do litoral.

O insigne ethnographo Rodolpho Garcia, calcando seus estudos nos dos sabios allemães Von den Steinen e Ehrenreich, concluiu que os selvicolas brasileiros estavam abrangidos pelos nove grupos abaixo:

- 1 Tupy-Guarany.
- 2 Nu-Aruak.
- 3 Caraiba.
- 4 Tapnya ou Gé.
- 5 Cariri.
- 6 Pano.
- 7 Goytacá e Guaycurú.
- 8 Borôros, Carajas, Trunvais e Nhambiquaras.
- 9 Betoias ou Tucanos, Pebas, Cahuapanas, Catuquinas e Nacús.

O estudo de Carl von den Steinen foi bascado, principalmente, na lingua. Como era difficil obter um vocabulario completo de todas as tribus, o sabio germanico contentou-se com as palavras que designassem as partes do corpo humano.

A lingua tupy foi considerada pelos conquistadores como a lingua do Brasil — a lingua brasileira. Era com ella que os religiosos, tendo Nobrega e Anchieta á frente, aldeavam e catechisavam os aboricolas, era com ella que os portuguezes effectuavam seu commercio com os habitantes desta terra.

Ao mesmo passo que o cruzamento entre os lusos e os indios se la accentuando, o vocabulario portuguez e o tupy iam, tambem, civando-se, como succedia com o sangue das duas raças que se caldeavam.

O portuguez dominava, porque só esporadicamente se uniam o indio e a civilisada.

Depois que para estas plagas arribaram os navios negreiros, um novo elemento toldou a lingua portugueza — o africano. Todavia, o negro era escravo e muito suavemente seus vocabulos influiram: representam gottas de vinagre em barris de purissimo vinho.

Ficou, dest'arte, o portuguez falado no Brasil enriquecido com vocabulos e expressões de origens brasilica e africana.

O tupy moderno é chamado nheengatú ou lin-

gua geral; o tupy antigo, abanheenga.

A primeira obra escripta em lingua brasilicafoi a "Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil"; teve como autor o sublime Anchieta e foi editada em 1595.

O verbo jucá, matar, em portuguez, segundo o santo jesuita, era assim conjugado no presente

do modo indicativo:

chê a-jucá ndê re-jucá i o-jucá crê orô-jucá penhê é-jucá i o-jucá.

Demos o exemplo no verbo acima, extraido do excellente livro de P. Ayrosa, para que os leitores aquilatassem da difficuldade da lingua. No futuro diriamos:

orê orô-jucásse!!

Segundo Couto de Magalhães, do precioso livro do thaumaturgo brasileiro só existem dois exemplares no mundo. O imperador D. Pedro II conseguiu uma cópia calligraphica do exemplar existente no Vaticano.

Sendo a nossa raça e a nossa lingua formadas pelos tres elementos heterogeneos: o portuguez, o incola e o africano, e, tendo o lusitano sempre dominado, é justo que o todo seja designado pela parte principal.

Qual um filho que se envergonha do nome que herdou do pae, desejamos (?) mudar a denominação da lingua que se fala em plagas brasileiras desde o anno de 1500.

Por que apagar de todo a legenda que recorda a nossa origem?

Devemos lembrar o esforço herculeo que os nossos avoengos portuguezes, desassombrosamente, envidaram para legar-nos esta Patria immensa

que representa 5,7% do mundo inteiro.

Acompanhando com a imaginação a marcha ousada de Pedro Teixeira até ao Negro, a construcção dos fortes do S. Joaquim e Principe da Beira nas brenhas do Negro e do Guaporé, a acção denodada de Gomes Freire de Andrade no sul, não pudemos deixar de orgulhar-nos em sentir circular nas veias o vigoroso sangue portuguez e ufanar-nos de falar a mesma lingua daquelles que, na conquista da terra ainda chucra, aqui tombaram para sempre.

Deuses dos selvagens

O sol que vivifica e aquece, a lua que illumina e destróe a escuridão da noite e o amor que reproduz e enriquece os viventes da terra eram os deuses superiores dos tupis.

Na interessante lingua dos habitantes da maior parte da pindorama, esses deuses tinham os nomes seguintes: Guaracy — deus do sol —, Jacy — déa Lua —, Ruda — deus do Amor.

Os Incas — os mais avançados amerindios — adoravam o sol e tinham-no por symbolo gravado na rocha. Os seus chefes consideravam-se filhos do sol e portanto dirigidos pela vontade divina.

Jacy era protectora dos amantes. Sua missão consistia em despertar saudades nos guerreiros, fazendo-os voltar de suas longas peregrinações através da matta, rapidamente, em busca de suas ócas, onde chorosas se achavam suas esposas.

A' lua cheia chama-se Cairé e à nova Catiti.

A noiva ou esposa que estivesse morrendo de saudades, esperava o encontro de Guaracy, com sua linda amante Jacy para fazer-lhes o seu pedido. Nesse momento tudo ficava moreno. Os dois deuses trocavam mil carinhos, após os quaes Guaracy se deitava para dormir, emquanto Jacy ficava com os olhos attentos, velando até a manhã seguinte.

Rudá, guerreiro que vivia nas nuvens, abençoava o amor dos dois grandes namorados.

Era a Rudá que as meigas indiazinhas dirigiam seus queixumes. Com os olhos fixos no firmamento, ellas levantavam o braço direito e, com um sentimento profundo, cantavam:

Rudá, Rudá,
Ináka pinaie
Amãna reçaiçú...
Iuáka pinaié
Aiuté Cunha
Puxiuéra oikó.
Ne mumanuára ce rece
Quajá caarúca pupé.

O inclito sertanista Couto de Magalhães, que estudou esmiuçadamente a ethnographia tupica, traduziu os versos acima da seguinte maneira:

"O' Rudá, tu que estás nos céos, e que amas as chuvas... Tu que estás nos céos... faze que elle (o amante) por mais mulheres que tenha, as ache todas feias; faze que elle se lembre de mim esta tarde, quando o sol se ausentar no occidente".

As mulheres são sempre mulheres... Quantas em outras palavras não fazem os pedidozinhos á dindinha lua com as faces totalmente rorejadas de lagrimas? E quantas não vão decorar os versinhos da india, para ver se conseguem as boas graças do deus gentilico?



Fig. 24 - Um Idolo amazonico.

Além dessas tres grandes divindades ainda ha outras: Jurupary, Anhangá, Cahapora, Uauyará, M'boitatá, Uratu, Sacy Pererê, Curupira, Guirapurú e muitas outras.

O interessante é o modo pelo qual os selvicolas fantasiavam os seus deuses. O Curupira, por exemplo, tem os pés voltados para trás e não apresenta nenhum orificio — é o Deus protector da floresta. A M'boitatá — cobra de fogo — em fórma de serpente, protege os campos. O Cahapora é representado por um macaco peludo cavalgando um porco mastodontico. Anhangá veste a pelle de um veado branco com olhos de fogo. O Uauyará se transforma em boto para conquistar as donzellas na occasião do banho. O Sacy Pererê ainda mette medo ás creanças: o incola pinton-o num eurumim magrinho e capenga, com um barrete vermelho á cabeça.

São innumeros os deuses dos aboricolas. E todos elles foram creados, prodigiosamente por suas imaginações.

O prazer das indias velhas

Os tupis comiam a carne humana mais para satisfazer as exigencias de um rito millenar que haviam herdado dos seus avoengos, do que por goso intimo. Precisavam estar com raiva e embriagados para cumprir á risca o que estipulava o rito horrendo. Para isso, nas vesperas da morte do prisioneiro, enchiam-se de "cauim" que lhes fazia nascer nas visceras a vontade extravagante de chupar um osso do adversario. Na occasião de riscar o preso do ról dos vivos, eram rememorados todos os males causados pela tribu ou pela gente do condemnado.

Chuçados pela raiva, os incolas se tornavam mais estupidos do que um animal bravio. Ás vezes succedia dar uma topada nas innumeras caminhadas que evecutavam, com a dor, gemiam de odio e mordiam, valentemente, a pedra ou o páo causador do incidente. O mesmo acontecia ao serem flechados e, si, por ventura, eram obrigados a perseguir uma féra, ficavam enfurecidos com a resistencia apresentada pela mesma e ao alcançal-a, matavam-na aos poucos, para que, soffresse

o martyrio maximo.

Julgamos que o selvicola normal, isto é, sem estar zangado ou bebado, seria incapaz de mastigar a carne de um seu semelhante. Consoante rezava o rito macabro, era ás velhas que cabia o dever de estripar os prisioneiros mortos — o que ellas cumpriam com o prazer mais profundo.

Depois de completamente esquartejados, eram assados no bucan. As velhas que ficavam em derredor, desprezando a dôr das queimaduras, aparavam a gordura que caia e, gostosamente, lambiam mãos e dedos.

Entrementes eram cozidas num enorme vaso as outras partes do infeliz: pés, mãos, cabeça, intestinos, coração... Se succedia ser a carne pouca para toda a tribu, contentavam-se alguns sómente com o caldo do inimigo.

Dos ossos do prisioneiro confeccionavam flautas; do craneo, canecos e dos dentes, valiosos collares — do infeliz prisioneiro não desperdiçavam coisa alguma. Coisa alguma digo mal, porquanto o dedo pollegar era respeitado: não comiam o dedo que manejava o cordel do arco.

As velhas se excediam em dedicação na ardua funcção de assar prisioneiros e, quando a festança horrenda demorava muito, lamentavam-se com saudades dos petiscos e pediam aos seus deuses que proporcionassem aos guerreiros da tribu uma victoria retumbante com muitos prisioneiros — estavam já viciada em comer carne humana.

Robert Southey transcreve um trecho das "Chronicas da Companhia", de Vasconcellos, que reflecte perfeitamente o prazer infindo que gozavam as velhas ao comer a carne macia de um garoto: "um jesuita encontrou um dia uma mulher na extrema balisa da edade e já em artigo de morte. Depois de catechisada e instruida na

doutrina christã segundo cria o bom padre, que já lhe reputava curada a alma, poz-se elle a perguntar se haveria alguma qualidade de alimento que ella pudesse tomar. Minha avó, disse, empregando o tratamento que por cortezia se dava ás velhas, se eu vos désse agora um poucochinho de assucar, ou alguma das bellas coisas que trazemos dalém mar, parece-vos que comerieis?... Ah! meu neto, tornou-lhe a velha neophyta, o estomago tudo me rejeita. Não ha senão uma coisa que creio poderia debicar. Se eu tivesse a mãozinha dum rapaz tapuia bem pequeno e tenro, parece-me que lhe chuparia os ossinhos; mas, ai de mim, não ha quem saia a caçar-me um!

Foram as velhas as que mais resistencia oppuzeram ás ordens contra a anthropophagia e, na surdina, atiçavam o animo dos seus guerreiros para desrespeitarem as instruções dos governado-

res e as prédicas dos missionarios.

Damiana – A india missionaria

O que tinham os borôros de pacificos e doceis, tinham os cayapós de bellicosos e irreverentes.

Facil foi aos bandeirantes que se dirigiram a Cuyabá conseguir a amizade dos boròros para com elles fazer guerra aos seus proprios irmãos da selva.

O bondoso governador de Goyaz, Luiz da Cunha Menezes tudo fez para conseguir a paz com os cayapós, porém, quando elle julgava haver attingido o seu intento, um grupo de selvicolas atacava as pessoas nas estradas, quando não investia contra os povoados para saquear, incendiar e matar.

Dos meios brandos, passon o governador aos coercitivos: a batida, a bala, a caçada...

Apesar disto a luta continuava accesa e encarniçada — os amerindios não cediam.

Um soldado de nome Luiz, depois de haver perambulado pelas mattas, conseguiu trazer comsigo cerca de quarenta indigenas, inclusive um cacique. Com festividades foi recebida essa gente afim de captar-lhes, mais facilmente, os corações.

Foram as creanças baptisadas e uma dellas, neta do cacique, teve como padrinho o governador que lhe deu o nome de Damiana da Cunha. Esta creança cresceu, recebendo boa educação, tornando-se mulher bonita, insinuante e elegante. Entrementes seus patricios aboricolas continuavam a perseguir o branco e a hostilisal-o onde o topasse, sem que Cunha Menezes encontrasse uma solução para o caso. Resolveu, então, appellar para Damiana. Tinha certeza que ella conseguiria a amizade dos seus irmãos e com facilidade os cayapós seriam incorporados á civilisação.

Damiana, norteada pela fé mais ardente, embrenhou-se pela mattaria intermina em busca das tribus bellicosas. Eram de tal modo convincentes as palavras da nova missionaria que, por quatro vezes, trouxe grande numero de selvicolas, por ella convertidos.

Em 1828, após uma ausencia de mais de 7 mezes, Damiana entra triumphante na aldeia de S. José de Mossamedes com cento e dois selvicolas, que foram recebidos e brindados pelo infatigavel governador.

Todavia nas duras caminhadas e nas privações por que passara, a joven adquirira doença pertinaz que, com febre forte, a queimava toda. E por esse motivo não pôde voltar á selva para proseguir na sua santa missão de paz.

Os indigenas, logo que deixaram de ouvir as predicas de Damiana, esqueceram-se dos compromissos assumidos e, relembrando os tempos faustosos de outr'ora, resolveram atacar a cidade do ouro — Cuyabá. Em virtude da desigualdade de armamento os brancos levam a melhor e na ponta das suas carabinas empurram os ousados indigenas para bem longe. Nem por isso desanimaram os guerreiros e, logo depois, acordaram

em investir contra Goyaz, onde esperavam encontrar menor resistencia.

Renovado o rudimentar armamento, toda a tribu se poz em movimento para nova refrega.

O governador Cunha Menezes, ao saber da nova, antes mesmo de reunir os seus soldados, procurou, incontinenti, Damiana. E, depois de falar-lhe o que pensava, despachou-a para parlamentar com o gentío, assanhado e aggressivo.

Estafante foi o trabalho da missionaria indigena: falou-lhes com toda a doçura do seu coração, appellou para as lagrimas, para a memoria dos antepassados, emfim, para tudo. Afinal, o seu coração magnanimo conseguiu evitar a sangueira e dar outro rumo á marcha dos guerreiros— orientou-os para os campos, onde, com o trabalho continuado, obteriam muito mais do que contavam alcançar nos azares da guerra.

Voltou mais una vez victoriosa na santa missão que lhe fôra confiada, porém o seu corpo não tinha a fortaleza da sua alma grandiosa. E apesar do esforço que fazia, para caminhar necessitara do auxilio de dois indios amigos.

Ao chegar, deu conta do satisfactorio resultado que conseguira e dias depois morria contente pelo grande serviço que prestara aos seus irmãos indigenas e á civilisação.

O nume de Damiana da Cunha tão pouco conhecido póde ser citado como um exemplo marcante de gloria da mulher brasileira.

Hans Staden

Hans Staden foi o primeiro escriptor dos costumes do gentio brasileiro. Chuçado pela ambição de enriquecer, incorporou-se a uma expedição que se aprestava em Sevilha, para o Paraguay.

Máos fados desde o inicio perseguiram o aventureiro — seu navio desgarrou-se da frota e, depois de seis mezes de lutas porfiadas com o Oceano, conseguiu aportar a salvo em São Vicente, de onde, costeando, chegou á ilha de Santa Catharina, que tinha o nome indigena de Schirmirein.

Foi nessa ilha encontrado Juan Hernandez de Bilbáo, que, a mando de Yrala-adelantado do Paraguay, tencionava fundar, ahi, uma aldeia com os indios carijós, de sorte que os navios em transito para a Assumpção encontrassem provisões de

mandioca, caça e pesca.

Após pequena estada entre os carijós, Staden rumou para o Norte em busca de S. Vicente. Um temporal fortissimo desorientou o piloto que, tomando uns rochedos por edificações, despedaçou a nave de encontro aos mesmos. Felizmente estavam proximos de Itanhaem e, agarrados aos destroços, conseguiram todos os naufragos attingir a praia.

Facil foi a Staden chegar a S: Vicente, onde os portuguezes viviam em franca alliança eom os

tupiniquins — inimigos figadaes dos tupinambás, amigos dos francezes.

Não era Hans homem para ficar com as mãos abanando e por isso acceitou a incumbencia de fortificar e defender Santo Amaro.

Elevado á categoria de artilheiro de S. M. o rei de Portagal, o allemão julgava-se feliz. Porém, um dia, passeando pelos arredores, caiu prisioneiro dos tupinambás. Tão depressa agiram os incolas que, sem saber como, rapidamente, se viu ferido e amarrado.

Puzeram-no nú e, com cordas amarradas no pescoço, estaquearam-no numa canôa. O pobre prisioneiro concentrou o pensantento em Deus e baixinho repetia suas orações com o maximo fervor e a fé mais profunda.

O Omnipotente attendeu-o, os bugres resolveram não matal-o incontinenti e sim guardal-o para uma festança proxima.

A viagem, rumo da malóca continuava apressada, quando, numa madrugada, um furação ameaçava depennar a terra toda, arrancando a floresta e transformando a superfície tranquilla do mar em altissimas montanhas liquidas.

Os amerindios, vendo que seus deuses não amainavam a tempestade, resolveram, então, appellar para Hans, rogando que elle pedisse, ao seu Deus, a bonança.

Mais uma vez o céo ouviu o pedido afflicto do infeliz — o temporal abrandou e o mar ficou manso como um cordeirinho. O prestigio de Hans cresceu no seio dos seus algores.

Ao descambar do terceiro dia de viagem, chegaram á aldeia indigena. O prisioneiro foi entregue ás mulheres e ás creanças, que o amaldiçoavam ao mesmo tempo que, com socos e puxões, o malhavam como um Judas. O supplicio não parou alti, uma india resolveu arrancar-lhe a barba.

Hans jurava, chorava e berrava com toda a força que não era portuguez e sim alliado dos tupinambás.

Cunhambebe, o cacique, dava gargalhada de gozo e interrogava: — "Se não és inimigo, por que gritas covardemente? Todos os brancos na hora da morte são francezes".

Succedeu, porém, que uma epidemia assolou a aldeia aboricola e Hans foi mais uma vez solicitado a implorar ao seu Deus a salvação dos empesteados. Apesar da mortandade, salvou-se Yeppito Wasu, um dos maiores da tribu, que garantiu ao allemão não ser elle comido. Muito auxiliou ao pobre Hans o nascimento de nova barba, vermelha como a dos francezes, pois a que tinha anteriormente era de coloração vizinha da negra, semelhante á dos lusitanos.

Mil peripecias se desenrolaram e em todas ellas Staden, intelligentemente, explorou a crendice do incola e a grande affeição que elles tomam aos seus bemfeitores.

Teve Staden que tomar parte em uma caçada, semelhante á em que se vira tolhido e com o coração contrafeito assistir ao aprisionamento de alguns amigos seus.

Viu logo depois a fortuna que o favorecera. Os presos foram mortos e suas carnes defumadas no buean, que era constituido por quatro forquilhas de madeira, á guisa de esteios, onde se collocavam varas para sustentarem a carne dos infelizes.

O soffrimento do pobre Staden attingiu ao apice, quando o regulo desejou que elle comesse um dedo assado, mettendo-o pela sua boca a dentro.

Os dias se passaram sem que o allemão visse uma frincha por onde pudesse conseguir a liberdade. Seu cerebro trabalhava, diuturnamente, sem alcançar uma solução para sua afflictiva situação.

Um dia abica ás terras tupinambaranas um navio e Hans, como uma dadiva de Deus, obteve licença para ir a bordo.

Arranjou mil bugigangas - pentes, espelhos, canivetes, anzóes — e volton para terra afim de offerecel-as ao chefe aborigene. A attitude de Hans captivou o morubixaba, que, desejoso de outros objectos dos civilisados, abarrotou o navio de carregamento precioso.

Não podia Hans Staden deixar fugir aquella opportunidade e, prevendo o futuro, conseguiu safar-se com a embarcação, deixando os tupinambás com as mãos cheias de quinquilharias e os olhos inundados de lagrimas.

Indios itinerantes

Frequentemente os jornaes annunciam a chegada de magotes de indios que, após duras caminhadas de quinze, trinta e ás vezes mais dias, vêm de seus pagos procurar um morubixaba dos brancos que possa attender ás suas necessidades.

Mas o que desejam esses aboricolas tão avidamente, a ponto de abandonarem suas malócas para, com mulheres e filhos, afrontar a aventura de uma viagem tão longa e penosa?

Pobre indio! Elle que era dono deste pindorama immenso, elle que dispunha a seu talante das aguas dos rios, da caça das mattas, das praias alvissimas onde alegremente colhia a pitanga, o cajú e o cardo, elle que, emfim, na busca da alimentação ou na guerra continuada com seus vizinhos, sentia-se alegre e feliz, agora, cabisbaixo e triste, supportando aguaceiros e a inclemencia do astro rei, caminha kilometros e kilometros, léguas e léguas, para reclamar, por intermedio da imprensa, das autoridades competentes, terras e ferramentas com as quaes possa obter, com o suor do rosto, o pão de cada dia.

Triste fatalidade! O campeador livre das mattas não tem um palmo de chão para lavrar. O incola que se approximou do civilisado, attraido, principalmente, por seus utensilios e instrumentos, que lhe facilitavam o trabalho na luta pela vida, vê-se agora nas garras da fome, numa agonia intermina, sem ter um tuchaua, um tupan ou um pagé que o proteja.

Do contacto com o branco, os selvicolas levaram uma formidavel quéda moral. Geralmente, os seus sentimentos mais sublimes descambaram para o lado peor - o instincto de fera, que o homen guarda escondido dentro de si, empolgou-os. E lutavam como tigres enfurccidos contra os invasores dos seus rincões, porfiadamente, continuadamente.

A pouco e pouco iam comprehendendo que era inutil lutar... Então, os mais fracos, aquelles que julgavam a commodidade maior do que a liberdade, vinham entregar-se aos lusitanos, como o boi que procura, voluntariamente, a canga de pesada viatura. Os altivos, os campeões da liberdade, enfrentavam a matta intrincada e internúna com todos os seus deuses e duendes e, quando não morriam na aspera viagem, iam organizar novos acampamentos no amago do sertão.

Da minba peregrinação pelo "hinterland" brasilico, pude averiguar que os indigenas que vivem longe do contacto da civilisação, ainda mantêm todas as qualidades de bravura, agilidade e independencia de que falam os chronistas quinhentistas — são fortes, são bravos, são sublimes. A molleza, o desanimo e a immoralidade só existem no seio das tribus que se acham enkistadas no seio da civilisação.

Assisti a um facto que me compungiu serianuente. Viajava pelo sertão do Paraná, quando num dia de descanso resolvi comparecer a uma cancha, onde realisar-se-ia uma corrida de cavallos. Lá chegado notei a presença de grande numero de aborigenes — sujos, maltrapilhos, macilentos. Capitaneavam-nos dois indios, sendo o conhecido pelo nome de João Pereira o de maior prestigio. Indaguei da presença daquella pobre gente. E soube que pertencia á esphacelada tribu dos coroados, que habitava em logares afastados e que vinha até ali com o fito de obter alguns mil reis.

Esses incolas degenerados alugavam para actos inconfessaveis, suas proprias mulheres e filhas, obtendo dessa ignominia algum dinheiro com que iam, num povoado proximo, adquirir a desgraçada cachaça para, gostosamente, se embriagarem até cair... Era o cumulo da derrocada... O indio que por natureza é ciumento e amoroso, o indio que castigava as mulheres adulteras, chegando a queimal-as vivas, é elle agora que por suas proprias mãos, desgraçadamente, entrega o que tinha de mais sagrado. Não chorei porque as lagrimas não attenderam á commoção que experimentei...

Procurei aquelles farrapos humanos e vi que a desgraça era ainda maior do que imaginara. A

syphilis contaminara-os.

Os meninos ostentavam ventres endurecidos pela verninose. As mulheres, apesar do sorriso gracioso proprio da india, eram esqualidas, de côr macilenta, de semblante tristonho e de aspecto desagradavel. Quasi todos apresentavam os pés deformados pelo bicho de pé... Disse-me o chefe que outrora tinha grande roçado e alguns animaes — trabalhavam e eram felizes. Depois o governo

do Estado vendera as terras aos polacos e elles depois de muito insistirem, foram obrigados a vender o que tinham e procurar no scio da floresta ainda não pisada pelo homem, um recanto onde pudessem passar os dias que lhes restavam para viver. Comecei a querer bem áquella gente desgraçada; os culpados não eram elles e sim os que, impiedosamente, os haviam jogado no fundo do mar immenso da desdita.

Pede misericordia a Deus, pobre incola, porque dos homens nada deves esperar!

Ceramica indigena

Da America Central irradiou-se para o norte e para o sul o uso da ceramica. Na esplendida planicie amazonica foi elle introduzido pelos aruaks que, depois de vencidos, o transmittiram aos caribas e aos tupys.

Apesar da existencia de optima argila ao longo de todo o curso do majestoso Amazonas, como averiguou Martius, os incolas, inicialmente, serviram-se dos trançados impermeaveis feitos com cipós e lianas para conduzir ou guardar a agua.

Mesmo no uso dos "trançados", os habitantes de oéste, isto é, da alcantilada cordilheira andina se adeantaram aos da planicie immensa. E' que, sendo grande parte do colossal espinhaço desprovido de florestas, sentiram os homens que ahi viviam, immediata necessidade de vasilhas para o uso do liquido elemento. Na planicie essa difficuldade era em parte sanada em virtude das largas folhas que desempenhavam o papel de vasilhas.

As ceramicas de Santarém e Marajó são as mais famosas. A professora Heloisa Alberto Torres, em bellissima conferencia, disse o seguinte acerca desses dois centros: "Sobrepuja a Marajó, quanto á fabricação, a olaria da civilisação Tapojós-Trombetas, conhecida com o nome de Santarém. Acredito fosse esta posterior ao apogeu da civilisação de Marajó. De nivel artistico muito inferior ao da ilha, possue, em respeito á teclinica de fabricação e na quantidade de producção, já industrialisada, um desenvolvimento consideravel. Em Santarem se encontram as fórmas que se empregavam na America Central e na corditheira para a fabricação da ceramica. Marajó, centro essencialmente artistico, trabalhava a mão livre, tendo só por movel a mentalidade firme que a educação technica rigida lhe assegurara".

A ilha de Marajó é uma enorme victoria regia que se fixou na fóz do rio mar. Diuturnamente, a interessante insula soffre modificação no seu formato. De um lado o Oceano activo corroe-lhe os flancos, de outro o ignavo Amazonas augmenta-lhe a area depositando as alluviões que carreia no seu bojo formidavel. Foi, justamente, na borda voltada para o nascente que Agassiz averiguou a existencia de "ligeiras fiadas de pedra verme-lho-escuro, grés ferruginoso estratificado em calháos de quartzo".

Os aruans construiam os seus lindos vasos do seguinte modo: depois de preparada a massa, davam-lhe a forma de uma comprida linguiça. Em seguida enrolavam-na em espirai afim de constituir o fundo; concluido este, iam superpondo as camadas de massa até que o pote tomasse a fórma almejada. Depois do trabalho prompto com uma concha, alisavam-no por dentro e por

fóra. Para tomar consistencia, a vasilha era cozida e logo após pintada.

Está apurado com alguma firmeza, terem sido os bellos trabalhos de ceramica confeccionados por mãos femininas. Alguns estudiosos, comtudo, affirmam ser a pintura feita pelos homens. A esse respeito Raymundo de Moraes, o sublime escriptor da "Planicie Amazonica" escreveu: "A linda fórma de uma amphora, suave, agradavel á vista, cheia de delicadezás femininas, choca-se, num duro contraste, com o cubo tenebroso, sarjado de caretas diabolicas, denunciando o punho grosseiro do macho".

Até hoje ainda não se sabe cabalmente o que significam os arabescos e gregas marajoaras. Alguns vêem ali a caracterisação de um ritual, outros lobrigam figuras de animaes e de plantas.

Além dos potes e vasilhas utilisados nos trabalhos de cozinha, eram ainda fabricadas urnas funerarias e tangas que enfeitavam as virgens morenas nos dias festivos.

O casal Levy Straus, após curta viagem pelo interior mattogrossense, regressou a S. Paulo com a novidade de haver descoberto material necessario para elucidar questões relativas a ligação entre as pinturas corporaes dos kaduveos e a ceramica do valle do Amazonas (Marajó e Santarém). Os kaduveos pertencem ao grande grupo guaycurú e se tornaram famosos pela habilidade com que trabalham a madeira. Afim de os desenhos não ficarem deformados, o casal Straus conseguiu que os proprios aboricolas os debuxassem em grandes folhas de papel.

Merece menção especial a declaração da senhora Strauss de que fôra muito bem recebida e hospedada pelos indios — a hospitalidade brasileira reside mesmo no proprio seio da terra; seja civilisado ou selvagem, no litoral ou no sertão, a gentileza do nosso povo é uma unica.

O casamento entre os indios

Rudá é o Cupido dos incolas. E' a elle que as virgens trigueiras e os caboclos guerreiros se dirigem, pedindo-lhe protecção nas suas pretenções amorosas.

Como entre os civilisados, o amor surge de um nada: um encontro fortuito, um olhar fugidio, uma contradansa, etc.

Ha, de um modo geral, entre os incolas, a monogamia — cada guerreiro escolhe sua esposa. Entretanto, os chefes podem viver com tantas mulheres quantas puderem sustentar. E' commum serem irmãs as esposas do mesmo marido, isto porque já se conhecendo desde a infancia, melhor se comprehendem evitando as rusgas e brigas no interior da taba.

Existia e ainda existe um certo respeito aos parentes proximos na escolha dos casamentos. Assim, não se casavam a mãe com o filho, este com a irmã ou a tia. Em algumas tribus era prohibida, terminantemente, a união entre individuos que estivessem sob o mesmo tecto. Os tucanos vão mais longe — só permittem o casamento entre tribus diversas, pois consideram a tribu toda, como uma grande familia. Para realisar este preceito elles entram de accôrdo com os vizinhos e

executam permutas, dando suas filhas em troca de esposas para os rapazes. Succede muitas vezes que os vizinhos não entram em entendimento, então são organizadas expedições militares para obter a força o que não conseguiram com palavras. Caem de surpresas sobre os aldeiamentos proximos e effectuam o "rapto das Sabinas".

O indio sente prazer em dizer que sua companheira foi conseguida a força no acampamento de outra tribu. Certa vez, no alto Purús, um tucurina expressou-me o seu contentamento por viver com a ex-esposa de um tuchaua curanja, a qual elle raptara depois de mil peripecias arriscadissimas que me relatou mais por gestos do que por palavras.

Em algumas tribus o candidato ao casorio escolhe a sua futura companheira com enorme antecedencia — uma creança recem-nascida ou uma menina de quatro ou cinco annos. E. desde o mo-

mento da escolha, passa a sustental-a.

O rapaz que desejar casar-se, dirige-se ao pae da "donzella dos seus sonhos" e faz o pedido do casamento. Em algumas occasiões o futuro sogro exige que o noivo trabalhe durante um certo tempo, que regula, geralmente, pela floração de certas arvores, antes de entregar a filha.

As vezes succede que a rapariga é bella e infundiu paixão a varios pretendentes; então, era organizado um verdadeiro concurso, afim de que fosse possuida pelo que mais dotes de força e agilidade possuisse. Essa prova variava de tribu a tribu. Entre os carajás, o vencedor seria o que mais rapidamente carregasse um tóro de madeira pesadissimo; os curinas faziam os noivos suppor-

tar uma formidavel sova de chicote e os maués introduziam ambas as mãos do pretendente numa luva cheia de formigas bravissimas. Se a Eva já amava a algum candidato, entre os cultores do guaraná, podia alliviar seus soffrimentos retirando-lhe incontinenti, a manopla.

A edade para o casamento era variavel. O homem devia já haver praticado actos de valentia nas caçadas ou nas guerras, os quaes resaltassem as qualidades exigidas para um chefe de familia. As mulheres só se casavam depois que se tornassem moças.

Em algumas tribus tanto os rapazes como as raparigas usavam nos braços ou nas pernas um distinctivo da virgindade.

Por morte do marido, cabia ao irmão deste casar-se com a cunhada e considerar todos os seus sobrinhos, como se fossem seus filhos legitimos.

Acerca do regime conjugal, escreve Rocha Pombo com um polymathismo inconfundivel: "O marido tem direito absoluto sobre a mulher e os filhos. Essa obediencia passiva da mulher selvagem á autoridade do marido é admiravel, nem se poderia ver ahi apenas, na sua fórma talvez mais repellente, uma simples manifestação do dircito da forca; mas antes alguma coisa que na psychologia do sexo ficou porventura da phase sagrada da familia. A mulher obedece por veneração. Ella vê no esposo, não o senhor que é forte. mas o patriarcha que representa a tradição da familia, e pelo qual ella se incorpora na vida da raça. É, portanto, num sentimento religioso que se funda essa obediencia. E' tão profundo esse sentimento e tão indiscutivel o seu caracter sagrado, que a mínima restricção que se pretendesse oppôr-lhe teria, em qualquer circumstancia, um protesto, uma repulsa indignada e altiva da propria creatura a quem cumpre obedecer; pois que essa creatura, quando se submette e obedece, está exercendo uma como funcção de culto".

Os indios têm por suas esposas um ciume exaggerado e, em algumas tribus, por qualquer desconfiança dão-lhes durissimas surras.

O adulterio e qualquer união sexual, que não

seja entre casados, são punidos com a morte.

Entre alguns selvicolas existe o divórcio — o homem abandona sua companhicira e vae constituir familia em outro logar. A mulher ou consegue amparo unindo-se a outro homem ou fica sendo sustentada por um irmão.

Ha tanta belleza no estudo dos costumes dos indigenas que nos vexamos em attribuir-lhes os qualificativos de barbaros, incultos e atrazados.

O cerco de Iguarassú

O animo bellicoso dos nossos incolas muito se assemelhava ao dos germanos. Ajuricaba, Sepê, Ararigboia, Tabyra, Itagybe, Piragybe e muitos outros foram chefes militares dotados das mais excelsas virtudes guerreiras.

Da ilha de Itamaracá era avistada uma matta espessa emmoldurando o fundo de uma angra. Adivinhando a fertilidade das terras, resolveram os portuguezes fundar alli uma feitoria, que lhes servisse de base á futuras explorações através da riquissima região.

Uma vez em terra firme, os colonizadores se adeantaram por mais de duas leguas e em local propicio levantaram aldeiamento, ao qual deram o nome de Igarassú — canôa grande. Esta denominação transformou-se para Iguarassú, nome que ainda mantem a interessante cidade pernambucana.

Com os selvicolas muita coisa os lusitanos vieram aprender — para a defesa do novel povoado foi adoptada a palissada gentilica.

Os indios não viram com bons olhos a usurpação que acabavam de soffrer: aquella gente que vinha do mar, dia a dia, os empurrava para o amago da selva, deixando-os saudosos das praias alvissimas, onde, na época do cajú, effectuavam suas festas extraordinarias.

Em torno da idéa de expulsar os intrujões, gruparam-se cerca de oito mil guerreiros dispostos a vencer.

Sabiam os indios que suas flechas de nada valiam contra as armas dos portuguezes, que despejavam ferro e fogo, como o céo zangado em dia de tempestade e por esse motivo resolveram vencer os europeus pela fome.

Acercaram-se da povoação e em torno della cavaram poços, onde ficavam abrigados dos tiros e prestes a cair de surpresa contra a praça sitiada. Derrubaram grossas arvores para funccionarem á guisa de parapeito e por detrás das quaes desferiam seus dardos e suas settas mensageiras dos incendios nas palhoças.

Os generos dos sitiados esgotavam-se com celeridade. A mandioca com que fabricavam o pão não podia ser colhida. Em face de tão afflictiva situação, resolveram expedir dois botes em busca de mantimentos na ilha de Itamaracá. Todavia os aboricolas já haviam previsto esta hypothese e, para debellal-a, derrubaram duas compridissimas arvores sobre a apertada entrada da angra.

Emquanto os expedicionarios, com o auxilio dos machados, procuravam abrir uma brácha, a maré vasou, deixando-os sobre o terreno lamacento do fundo.

Mais uma vez os incolas lançaram mão de um estratagema bem marcante da sua genialidade: levantaram uma alta fogueira de madeira verde e sobre ella derramaram grande quantidade de pimenta brava, que depois de queimada produzia irritadiça fumaça. Os nossos amerindios foram os precursores do emprego dos gazes asphyxiantes. O vento foi padrinho dos lusitanos e a fumaça apimentada seguiu no scu leito em direção contraria da dos fugitivos. Não desanimam, comtudo, os aborigenes. Assim que viram os barcos navegando novamente derrubaram, no momento opportuno, duas outras arvores que deveriam esmagar as embarcações. A sorte mais uma vez bafejou os lusos — um barço foi attingido em cheio e arremessado ao fundo; o outro, porém, safou-se com difficuldade e conseguiu chegar á ilha onde soliciton reforços.

Depois de um mez de lutas persistentes, a paz foi feita para gaudio do feliz Duarte Coelho, do-

natario da capitania.

Apesar do grande enthusiasmo guerreiro e dos ardis que, com facilidade, imaginavam, os nossos indigenas foram sempre vencidos, porque o seu armamento rudimentar não estava na altura da força e da imaginação de que eram dotados. Pobre incola! Por que não descobriste a polvora antes do chinez?

Um cacique general

Com as rédeas soltas, o cacique Sepê Tyarayu deixava que seu fogoso corcel vencesse, uma a uma, as cochilhas que iam limitando o horizonte, como um iman que o atraisse para o infinito.

No olhar severo e penetrante transpareciam a inteltigencia e a astucia de que era dotado, no peito largo e musculoso se retratava a força taurina de que era possuidor. Forte e intelligente, manejava com destreza as armas do leão e da raposa, saindo sempre victorioso em todos os emprehendimentos que se mettesse com sua gente.

Acceitando a doutrina de Christo, que lhe fôra ensinada pelos jesuitas fundadores dos Scte Povos das Missões, foi Sepê o mais ardoroso defensor da obra dos missionarios nas virentes regiões sulinas. Na defesa dos seus mestres não poupava sacrificios, pois sabia que, defendendo-os, resguardava o interesse da propria tribu.

O Tratado de Madrid, negociado entre as augustissimas casas reaes de Hespanha e Portugal, entregava ao dominio desta ultima todo o territorio conquistado e christianisado pelos jesuitas á margem esquerda do blandifluo Uruguay — era a ultima picaretada no edificio theocratico erigido

em plagas brasileiras. Coube ainda a um paulista, Alexandre de Gusmão, precipitar a derrocada da obra agigantada que, com um carinho extremo, os discipulos de Ignacio de Loyola levantavam, sonhando com a incorporação de todo o gentio á civilisação sem que a raça fosse modificada. O que os impavidos bandeirantes iniciaram com trabucos e flechas, Alexandre de Gusmão continuava com argumentos diplomáticos.

Assim que Sepê soube que a região em que campeava trocara de bandeira, resolveu, suggestionado pelos religiosos, defender com o maximo ardor aquellas terras, barrando com heroismo a entrada dos intrusos nos pagos dos seus antepassados.

Hespanhóes e lusos, apparentemente irmanados, marchavam, hombro a hombro, em cumprimento de ordens recebidas das côrtes.

Confiado na fortaleza das quatro peças de artilharia que confeccionára com canna brava, Sepê julgava-se invencivel. E, blasonando valentia, elle irradiava a confiança na victoria, que augmentava o espirito offensivo da gente que lhe obedecia.

Nas barrancas do rio Pardo teve inicio a luta desegual, sempre favoravel aos alliados, que melhor armamento possuiam.

Indo certa vez negociar um resgate de cavallos que aprisionára, ficou Sepê com sua escolta detido pelos portuguezes, porém os bucephalos estavam fazendo falta e por isso foi resolvido que Sepê iria completamente nú montado num animal em pêlo afim de acompanhar uma duzia de soldados lusitanos com o fito de conseguir a entrega

dos quadrupedes. Num certo ponto, o piquete foi detido pelas flechas dos guaranys. Sepê, então, pediu que o deixassem ir conferenciar com os seus. Os soldados não concordaram. E o cacique, exasperando-se, disse-lhes: "Seu eu quizer, irei".

- --- Como? -- indagaram os ginetes dando gostosas gargalhadas.
- Assim respondeu Sepè, ao mesmo tempo que incitava seu corcel para uma carreira desabalada. Passado o momento de espanto causado pelo imprevisto, os cavallarianos tentaram agir, atirando, comtudo não foram felizes o capitão gentilico estava no seio dos seus são e salvo.

A perfidia dos adversarios puzera o coração do indio em reboliço — ali só existia odio, que extravazava por todas as arterias e veias. Um dia soon a hora da vingança: conseguindo, por um ardil, attrair um magote de inimigos para um bosque, matou-os, um a um, com requinte de perversidade.

Este gesto assanhou o espirito de vindicta dos portuguezes que juravam levar a effeito a obra de exterminação de toda a indiada. Os hespanhóes, vendo no gesto de Sepé o fim que os esperava, resolveram agir com energia. Don Joseph Joaquim Vianna sae com 300 homens e na sua alheta segue outro contingente de 500.

O general-cacique não tinha no pensamento a idéa de entregar o seu torrão sem luta. Viessem cem ou mil, viesse uma avalanche de gente, elle a enfrentaria, disposto a não entregar-lhe um palmo de terreno sem sangue. E assim foi. Na dura refrega que se travou, o "general" lutou co-

mo um bravo — um cavalheiro portuguez com um impetuoso lançaço conseguiu derrubal-o com sua montada. Todavia, o indio, mesmo ferido, ao cair, poz seu adversario fóra de combate. Nesse interim, D. Joseph Vianna intervem na luta e prostra, para sempre, o audacioso guerrilheiro com um tiro de pistola.

Os gaúchos tem em Sepê o symbolo da bravura, o exemplo dignificante dos primeiros povoadores do seu magnifico rincão.

Nas cabeceiras do Xingú

A cartographia dá aos formadores do Xingú o aspecto de uma vasta cabelleira, constituida pelos rios Ronuro, Batovi e Culuene — que se unem numa grande bacia — e seus innumeros tributarios.

O ethnographo allemão Kaos von den Steinen, em companhia do seu patricio Paul Ehrenreich, visitou toda a região da galhada formadora do Xingú e, após apurados estudos, concluiu que ali havia sido a patria priméva dos Caribas que immigraram para o norte, levando o seu grito guerreiro até ás pequenas Antilhas. Assim foi que os conquistadores dessas ilhas notaram profunda divergencia entre as linguas faladas pelos homens e pelas mulheres. Os caribas derrotaram os aruaks, antigos donos da terra, poupando sómente as representantes do sexo fragil para com ellas se unirem.

Em 1924, os capitães Vicente Paula Vasconcellos e Thomaz Reis esquadriuharam, totalmente, o nascedouro do Xingú acompanhando uma commissão suissa chefiada pelo dr. Hintermann. Depois de descerem o Ronuro e o Jatobá sem encontrar vivalma, lobrigaram, nas proximidades do primeiro acampamento que fizeram no Culuene, tres rapazinhos que, despreoccupadamente, pescavam.

capitão Vasconcellos, destemerosamente, entabolou negociações com os selvicolas e em seguida partiu, sozinho, para conversar com os caciques na malóca. No dia seguinte voltou o distincto official tão animado com a acolhida dos "Camaiurás" que resolveu levar ao aldeiamento indigena toda a comitiva. Dessa visita o capitão Reis nos fornece a seguinte impressão: "A tribu camaiurá não se veste, nem com palhas, nem com qualquer tecido; em seus membros usam cintas de fibras e pulseiras e collares de conchas, além de alguns enfeites de pennas de arara como brincos ou presos nas ataduras dos bracos (sobre o biceps) e das pernas (junto aos tornozelos). O chefe era moco e de boa figura, de olhos muito perspicazes e esbelto demais em comparação com a compleição robusta dos outros indios, donde conclui que entre elles predominavam a vivacidade e a intelligencia como qualidades exigidas para a direcção da tribu".

Gentilmente escoltados pelos chefes camaiurás, os expedicionarios remontaram o Coluene e o seu affluente Curisevu: ao attingir um determinado ponto os chefes gentilicos despediram-se allegando que alli começava o dominio dos "aulapitys". Tres rapazes e um velho desta ultima tribu guiaram os itinerantes até o porto dos "auctis" que previamente avisados os aguardavam. Para captar a amizade desses selvicolas, o capi-

tão Vasconcellos entregou sua Winchester ao chefe e acompanhou-o com seus companheiros, completamente desarmados, até a aldeia que ficava a sete kilometros do rio.

Logo que das palhoças avistaram os civilisados, as mulheres se recolheram incontinenti a um rancho que ficava no centro da praça. Numa larga cabana foram recebidos os hospedes e aos dois officiaes offerecidos deis assentos que, com alguma boa vontade, representavam jabotys. Rapidamente surgiram beijús ainda quentes e enormes cabaças contendo agua com farinha. A pouco e pouco as mulheres e creanças foram apparecendo e cercando os brancos afim de examinar as roupas e objectos que traziam.

Os "meinakus" avizinhavam-se com os "auetis" e, por estes scientificados, esperavam os visitantes nas ribas do Curisevu. Após uma longa caminhada de duas leguas chegaram ao terreiro da aldeia, da qual assim se refere o capitão Reis: "Como na primeira aldeia, as casas tinham a fórma de ogiva, vistas de frente, mas lateralmente eram tres vezes mais alongadas, e eram dotadas de uma só porta de flanco, muita pequena em proporção á grandeza dos tugurios, cada qual com dimensões sufficientes para abrigar cinco familias completas, parentes e adherentes".

Foi notada disparatada proporção entre homens e mulheres e entre creanças e velhos. Para cada velho havia dez meninos. A causa desta desproporcionalidade são as guerras porfiadas que sustentam contra seus semelhantes.

Nas coisas de somenos, o gentio encontra pretexto para uma peleja. Havendo von den Steinen pago os serviços dos trumais com ferramentas e armas, os camaiaurás alliaram-se aos suvás com fito de se apossarem dos uteis instrumentos. Até no amago da selva, a ambição arma os braços dos homens!...

Rio acima habitavam os "uaurás", que foram em seguida visitados. Aos hospedes foi offerecido um peixe assado ao natural, isto é, com escamas e visceras. Apesar da extravagancia, o petisco foi saboreado com gulodice.

Os escravos do vicio de fumar aguardavam, com impaciencia a chegada ás terras dos "anahuquás", que cultivavam com exito o fumo. Todavia, uma pessima surpresa estava a elles reservada -- ao contrario de todos os outros indigenas. o chefe Aloy recebeu os expedicionarios com máo humor e disposto á luta. Conta-nos o capitão Reis: "O chefe Aloy, com evidente resentimento, nervoso, de olhar inquicto e cheio de odio, comecon narrando o facto de ter um indio bakahiri (gente que se afigurava nossa alliada) assassinado um analmona, nas cabeceiras do Culuene, e terminou declarando que não deviamos, pois, esperar delle a paz". Comtudo o capitão Vasconcellos com alguns presentes conseguiu acalmar a colera do chefe amerindio.

Durante toda a excursão as canôas dos exploradores foram impulsionadas pelos indios "bakahiris". A respeito desses aboricolas escreveu o saudoso historiador João Ribeiro: "Os bakahiris parecem ser os mais antigos pelo estado puro e

rude da lingua e da cultura; mas ainda ha tribus de caribas no Madeira (os palmelas) e no sul do Piauhy (os pimenteiras). Os bakahiris mansos, no dizer de von den Steinen, levam uma vida idyllica e bucolica, lavram e criam, vestem-se á européa, e na sua lingua transparecem ás vezes vocabulos portuguezes. Ao contrario, os bakahiris bravios andam nús e miseravelmente, de arco e flecha e em condições inferiores de vida e de trabalho".

Embarcações indigenas

Com mares tão bellos e com rios tão grandes, o incola brasileiro sentiu necessidade da embarcação e do seu cerebro nasceu uma solução para o caso.

Já conheciam os tupis o uso do fogo e deste modo tornou-se util á realisação do meio de transporte que idealisaram. Escolhida a arvore, em redor della era armada uma fogueira. Com a paciencia que o caracterisava, o incola aguardava que o estrondo produzido pela quéda do vegetal annunciasse o fim do trabalho. Desembaraçado da galhada retorcida pelo tombo, o tronco era preparado para ser transformado em canôa; ainda mais uma vez o fogo era utilisado, porém agora com assistencia permanente, afim de que o trabalho de combustão fosse feito de accôrdo com a vontade do operario indigena. Durante um tempo interminavel a chamma ia triturando o cerne do gigante florestal, destinado a conduzir em seu bojo, assim carcomido, mais de oito guerreiros, Tal habilidade tinham os tupis em agir com a pyra ardente, que, com ella, vergavam e espichavam a madeira, de molde que ficassem as ygaras muito mais largas do que os caules, primitivamente, o eram.

Muitas vezes o trabalho era diminuido, utilisando sómente a casca de algumas arvores. Para isso construiam um andaime em volta do vegetal escolhido e, pacientemente, retiravam-lhe a casca, appellando para o fogo afim de encurvar as extremidades depois de concluido o trabalho de extração.

O escriptor mais meticuloso do periodo infantil do Brasil, Gabriel Soares, diz-nos que os incolas bahianos faziam em tres dias uma ubá



Fig. 25 - Como se faz uma ubá.

com cerca de 70 palmos capaz de conter de 20 a 30 pessõas.

Além das ubás e das ygaras, os gentilicos ainda construiam jangadas com tóros juxtapostos e amarrados com cipós. O melodioso Vaz de Caminha, com a mania de tudo medir e comparar, mandou dizer ao afortunado Rei de Portugal, que essas balsas, feitas com 4 ou 5 troncos de arvores, tinham uma braça de comprimento e cerca de 2 pés de largura.

Os comedores da carne illustre do primeiro bispo do Brasil navegavam o S. Francisco, com fluctuadores feitos com um material parecido com o junco, aos quaes amarravam, lateralmente, páos de fraca densidade. Para augmentar a capacidade de transporte desses fluctuadores, ligavam varios com cacheiras transversaes formando uma larga balsa.

Além dessas embarcações citadas, os adeantados omaguas, não negando a sua origem no ramo que emigrou das planicies sulinas, costumavam navegar cavalgando troncos de arvores.

Segundo Métraux, o padre Schmidt incluiu os remos das differentes tribus tupis-guaranis em

tres chaves:

- os em fórma de lanceta;
- os de bordos parallelos;
- os de pá redonda ou ovalada.

Além desses elementos de propulsão citados pelo religioso, devemos lembrar que os nossos tamoyos, em tudo originaes, sulcavam as aguas da Guanabara esplendida, manejando remos com uma pá em cada extremidade.

Em algumas tribus interiores já era conhecido o uso do varejão para a navegação em rios pouco profundos. Actualmente quasi todas as tribus já conhecem a navegação a sirga, aproveitando-se das bellissimas praias marginaes dos cursos dagua. Este engenhoso processo nautico exige do navegante algum senso da conjugação das forças, pois elle deve amarrar a sirga de accôrdo com o esforço que vae exercer puxando a embarcação e com a velocidade da corrente, de sorte que a nbá fluctue sempre parallela ás ribas, sem esbarral-as

Dizem as chronicas que os nossos indios remavam de pé; comtudo, em algumas tribus, foi averiguado o uso de ficarem assentados os remadores.

Nas occasiões de lutas navaes, caía sobre os hombros possantes dos jovens a pesada incumbencia de impellirem as embarcações, conduzindo os guerreiros que, geralmente, eram os homens de 35 a 50 annos, já experimentados naquelle genero de combate.

A crendice do gentio era tão apurada como a dos latinos em geral — acreditavam em tudo, desde que o resultado final fosse satisfatorio. Os tupinambás, por exemplo, criam que seriam felizes nos emprehendimentos aquaticos, se na prôa das suas pirogas collocassem um maracá que fosse chocalhando á medida que avançavam sobre a superficie revolta do Oceano. E, para que o fetiche cumprisse a contento a sua missão, enfeitavam-no com as pennas mais mimosas e dos matizes mais encantadores.

Alimentação dos nossos indios

A alimentação do nosso aborigene era frugal e variava de grupo a grupo e de tribu a tribu, conforme o estado intellectual e a situação geographica de cada uma.

Os habitantes da faixa litoranea se alimentavam da caça, da pesca, dos frutos silvestres, das raizes e do que plantavam em seus rudimentares roçados. Faziam o uso do sal, o que conseguiam retirando-o do fundo de covas que abriam nas proximidades do mar, depois que houvesse a evaporação total da agua. Os tupinambás tinham o paladar mais apurado e não se contentavam somente com o sal, misturavam-no com pimentão pilado para condimentar seus alimentos. Os filhos do sertão ignoravam a existencia do salgado alimento e só ingeriam comidas insipidas.

Os tapuias, ao contrario dos tupis, ingurgitavam-se com carne crua, fazendo uso das unhas e dos dentes como as féras, por não conhecerem o fogo e os instrumentos cortantes fabricados pelas tribus mais adeantadas com laminas de bambú com conchas e com ossos de animaes.

Entre os habitantes da opulenta Rondonia, Roquette Pinto notou que os nhambiquaras não respeitavam nenhuma especie de animal, deglu-



Pig. 26 -- Em procura do alimento.

tiam tudo: "Um mosquito que apanham sobre o corpo, um piolho, um gafanhoto, uma lagartixa que passa correndo, nada escapa. Alguns costumam andar com uma vara, para matar as cobras que vão encontrando; assam os ophidios no borralho e comem com prazer a iguaria. Só o estomago das victimas, depois de assadas, rejeitam".

Algumas tribus, maximé as litoraneas, possuiam seus viveres de reserva, conservando-os moqueados dependurados no interior da taba, onde a perenne fumaça do fogacho existente não deixava que as carnes e os legumes se deteriorassem.

O modo de preparar os alimentos era o mais variegado e o mais anti-hygienico que se possa imaginar. As viandas eram geralmente assadas no espeto e, entre algumas tribus, em fornos subterrancos, ficando o peixe, ou a carne completamente envolvidos em areia. Aproveitando o calor do borralho, cozinhavam os ovos das aves e das tartarugas, quando não utilisavam o proprio calor solar.

A mandioca era o trigo do indio. Com ella faziam varios pratos. Usavam-na depois de transformada em fina polpa. Para isso deixavam-na de molho, ás vezes até cair a casca e em seguida ralayam-na e espremiam-na no tapiti. O ralador era commumente constituido por encrustações de pedras — espetos ou espinhas num pedaço de înadeira tenra, quando não usavam lascas de palmeiras espinhentas para poupar trabalho na construccão do util instrumento. Obtida a polpa, com ella se fabricavam os beijús, os bolos, o pão indigena que se conserva por muitos annos e o enebriante cauim tão procurado nas festanças. Afóra o beijú, que era assado em largos lagedos, todos os outros alimentos solidos oriundos da mandioca ficavam entranhados da cinza do fogão, que alterava totalmente o sabor do petisco.

O cauim era preparado em enormes gamelus, algumas das quaes com as dimensões duma canôa, as quaes ficavam semi-enterradas. Para auxiliar a fermentação, as indias mastigavam a polpa da mandioca e cuspiam-na no recipiente onde se

achava a agua. Antes de deixarem fermentar a bebida, ferviam-na.

Além do tuberculo citado, os autoctones utilizavam para o fabrico de bebidas: o cajú, o ananás e o milho. No litoral, o cajú medrava com facilidade espantosa, formando bosques e sombreando, em grandes extensões, as areias alvas das praias. A colheita do cajú era motivo para folguedos excepcionaes, que muito se assemelhavam aos que se realizam em alguns paizes na época da vindima.

Um alimento tambem muito apreciado pelos aboricolas era o mel que usavam e abusavam a valer, ora misturado com mel formando o hydromel, ora puro, soboreado no proprio casulo.

Um facto notado entre os indios da Rondonia: as mulheres se alimentavam com os sobejos das refeições dos homens, quando sobravam.

Festas e dansas dos tupys

Uma festa selvagem significa uma dansa continua e uma bebedeira intermina.

Tudo servia de motivo para a festança: uma pescaria excepcional, uma caçada abundante, uma colheita farta, uma victoria sobre a tribu vizinha...

Havia, porém, uma cerimonia religiosa que se realisava periodicamente de tres em tres annos, á qual compareciam todas as tribus vizinhas e alliadas.

Para essa festa reuniam-se os feiticeiros — os caraibas — para percorrer as tribus amigas afim de benzerem os maracás — chocalhos guerreiros.

Para receberem os emissarios de Tupan, os indigenas preparavam a taba, limpando-a e ornamentando-a com ramos e folhagens.

Antes da chegada dos caraibas, as mulheres e as creanças eram encerradas em malócas separadas. Em uma outra os guerreiros aguardavam os sacerdotes gentilicos.

A cerimonia tinha inicio assim que elles chegassem e as mulheres podiam assistir á solennidade com a annuencia dos visitantes.

Os guerreiros se ataviavam com os mais garridos e espalhafatosos enfeites e conduziam o

que possuiam de mais precioso para offerecer aos

ministros de Tupan.

Um grande circulo humano era formado. Os guerreiros curvados ligeiramente para frente com a mão direita sobre os rins pulavam e cantavam, sacudindo o braço esquerdo, ao mesmo tempo que com o pé direito faziam as mais extravagantes piruetas sem sair do logar.

Nas tribus populosas eram obrigados a fazer dois ou mais circulos. E, como ninguem dispensava a presença do santo, no centro de cada circulo, dois ou tres caraibas dirigiam a cerimonia, cada um com lindissimos maracás nas mãos.

A cantoria começava baixinho, em surdina, como um canto funebre. Cantavam versos de saudade, rememorando os feitos dos antepassados, dizendo-lhes que continuassem satisfeitos no paiz das montanhas, porque elles se mantinham altivos, valentes, donos das florestas com todas as súas féras e seus passaros canoros e de plumagens riquissimas e senhores dos mares e dos rios com todos os seus peixes.

No fim de um certo tempo, os canticos augmentavam de sem e começavam a entoar canções de alegria e de esperança. De chofre cantavam em côro — he! he! he!

E as mulberes de dentro da malóca respondiam como um éco — he! he! he! he! No momento em que pronunciavam essas interjeições se agarravam umas ás outras com um temor indisfarçavel e davam saltos tão violentos que caiam, ás vezes, sem sentidos.

Desde que as mulheres começavam a cantar, os guerreiros e os caraibas iniciavam uma qua-

drilha, avançando ou recuando compassadamente. Os santos puxavam gordas pitadas de um caximbo de cinco pés de comprimento, onde ardia o petum, e baforavam os dansarinos rezando— "recebe o espirito da força, para que possas subjugar os teus inimigos".

No final da festa os caraibas tomavam a palavra e discursavam sobre o diluvio, relatando os horrores que os seus avoengos soffreram e como se salvou o velho *Tamendaré*, com sua familia,

na copa verdejante de uma palmeira.

Este facto parece que inspirou a José de Alencar o final do seu grandioso romance "O Guarany", no qual Cecy e Pery assistem de cima de uma graciosa palmeira a inundação do valle do Paquequer.

Cessado o canto, os indigenas cuspiam no chão e batiam com os pés furiosamente, dizendo

em voz rouca, duas vezes: Hua! Hua!

Geralmente depois dessas festas, as guerras entre as tribus inimigas recrudesciam. Os guerreiros insultados pelos caraibas renovavam o odio e o ardor combativo para vencerem os adversarios dos seus avoengos.

Uma outra cerimonia com ritual todo espe-

cial, era a morte do prisioneiro.

Finda a refrega, os prisioneiros eram collocados no centro da turba dos vencedores. A marcha se iniciava em direcção á aldeia. Ao se approximarem da mesma, todos iam ao encontro dos guerreiros afim de, aos saltos, aos pulos e aos berros, felicitarem os triumphadores.

Antes da chegada dos portuguezes, os prisioneiros andavam completamente soltos, pois a fuga era considerada uma deshonra e se o fugitivo conseguisse chegar com vida á sua aldeia, lá seria morto por haver commettido um acto indigno.

Depois que alguns prisioneiros brancos fugiram, aproveitando alguma opportunidade de descuido dos seus detentores, os incolas resolveram prender em uma cabana todo aquelle que caisse em suas garras.

Para amenisar o desditoso viver do captivo,

davam-lhe uma companheira.

Nas vesperas do dia do sacrificio preparavam o cauim e as tintas com as quaes deviam colorir o sentenciado. Urdiam, com embira e algodão, uma corda a que chamavam de massarana.

A festa durava, geralmente, dois ou tres dias.

No primeiro dia pintavam com toda solennidade a tangapema ou iverapenne — pesada maça e atavam na extremidade da mesma uma borla de pennas denominada alarabebê.

A tangapema, depois de pintada e ornamentada, era suspensa ao tecto de uma choupana deshabitada.

Emquanto isto algumas mulheres eram encarregadas de pintar o prisioneiro, o que faziam entoando cantigas, cujo assumpto offendia e zombava do condemnado.

Ainda no primeiro dia construiam com ramagens uma tenda, na qual o prisioneiro deveria dormir seu ultimo somno com a massarana amarrada ao pescoço.

Durante toda a jornada bebiam cauim em de-

masia, offerecendo-o, tambem, ao preso.

No dia do sacrificio fazia-se uma enorme parada. O prisioneiro era coberto de improperios que

partiam de todos os lados, respondendo a todos com arrogancia: — "Já comi a carne de teu pae", "Assei teu irmão na fogueira", etc.

A tenda que abrigara o prisioneiro durante uma noite era destruida com enorme algazarra e a corda, com cantorias, descida do pescoço para a cintura. Passavam a massarana por dois orificios feitos a fogo nas extremidades de dois moirões fincados no chão. Em cada chicote ficava um guerreiro.

Aos gritos da assistencia surgia o carrasco, fazendo molinetes com sua rija maça.

Enfrentava o prisioneiro, que tambem empunha um modesto tacape, e offendia-o:

— "Vou matar-te para vingar os nossos antepassados". O preso retrucava: — "Mata covarde, já comi muitos dos teus. Vaes saborear a substancia dos teus parentes que eu comi".

A troca de desaforos era tremenda. E, num dado momento, o executor acertava um golpe na cabeça do captivo. Assim que este caía agonisante, as mulheres cercavam-no e limpavam-no. Em seguida um indio decepava-lhe os braços e as pernas.

As mães, aos empurrões, disputavam um pouco de sangue para esfregar nos seus filhinhos, afim de que adquirissem odio ao inimigo.

Numa vasta fogueira era assado em postas o corpo do infeliz, que depois de prompto era provado primeiramente por sua companheira. Se esta ficasse gravida, deixavam que o filho nascesse para ser sacrificado na festa do cunhã-menbira (filho do inimigo).

Este costume era oriundo do facto dos tupys considerarem o pae como o produtor dos filhos e a mãe como méra incubadeira. Tanto assim que o pae chamava os filhos de tagni, que segundo Marcgraff, significa sangue e a mãe os denominava membira — o filho que dei á luz, que lancei fóra de mim.

Todavia, o amor materno sempre existiu e muitas vezes algumas mães se suicidaram com seus filhos afim de se eximir da pratica de comer a carne da sua propria carne.

Ajuricaba

E' commum encontrarem-se na planicie amazonica batelões, "gaiolas", barracas de seringueiros, barracões de seringalistas, cachoeiras, corredeiras e passagens difficilimas que ostentam o nome do guerreiro indigena.

Ajuricaba foi um dos chefes da grande tribu dos manáos que conseguiu impor-se aos civilisados pelas suas qualidades de bravura, de tenacidade e, sobretudo, de intelligencia.

Após a chegada do branco, o incola procurou novas paragens para viver liberto, ou se amoldou ao captiveiro, imposto pelas circunstancias.

As povoações que surgiram logo depois da chegada dos lusos, foram, inicialmente, habitadas pelos selvicolas, que, presos ao torrão onde viviam, se transformaram em individuos sem vontade, sem razão e sem ideaes — verdadeiras féras domesticadas, que, ao estalar do chicote, fazem a contragosto o que lhes ordena o domador.

A's vezes, no terreno de alluvião, sujo e lodoso, se encontram o ouro e gemmas preciosas e, tambem, numa mole humana, inerte pelo soffrimento e pelo pavor, surgem genios capazes de movimental-a, como uma machina potente. Geralmente, esses seres que pullulam na onda humana

e inculta arvoram-se em conductores de homens. Assim succedeu aos primeiros habitantes da terra, assim aconteceu com o gentio rude e de intelligencia obliqua.

Aqui nestas brasilicas plagas, innumeros morubixabas, illuminados por um espirito nimiamente guerreiro, levaram a luta ás hostes civilisadas com ardor, com odio e com impetuosidade e, não raro, trouxeram trophéos de victorias sangrentas e incontaveis prisioneiros que pagavam com a vida as humilhações porque fizeram passar os seus semelhantes bronzeados.

Entre os precursores da liberdade da indiada brasileira destacam-se: Poty, Sepè, Ararigboia, Tibiriçá, Viniambébe, Cucuy, Ajuricaba, Itagibe e Jaguarary.

O valente chefe manáo possuia o seu quartel general a jusante da povoação de Santa Isabel, no rio Negro, onde o Hi-i-aá despeja suas aguas.

Ajuricaba não nasceu para o captiveiro. Nasceu com a matta intermina a sua disposição para nella expandir a sua ansia de viver livremente.

Povoadores alienigenas procuravam o recesso da terra á cata de riquezas.

O rio Negro foi visitado pelo norte e pelo sul por elles, que, através do Orenoco e do Amazonas caçavam a cidade dourada de Manôa — scenario da lenda creada pela imaginação opulenta dos conquistadores do ricos imperio inca.

A' medida que as explorações avançavam e o exito era obtido, povoações iam surgindo como balisas dum terreno que já havia sido pisado pelo civilisado.

O indio que sentia frio por falta de agasalho, o indio que attritava dois calháos num tempo enorme para obter o fogo, o indio que com o machado de pedra lenhava com difficuldade, sentiase attraido pelo facho fagueiro da civilisação e, qual mariposa em torno da luz, vinha sondando, espreitando e approximando-se dos logares onde a gente branca se estabelecia. Tornavam-se captivos voluntariamente e, ás vezes, serviam de guias ás sortidas levadas contra seus proprios irmãos.

Ajuricaba alliou-se aos hollandezes de Rupununi, com quem barganhava objectos da industria indigena e productos extraidos da matta infinita onde vivia, por mercadorias e utensilios fabricados pelo civilisado. De todos os objectos do branco, o que possuia maior poder de fascinação sobre o aborigene era o facão. Com elle o indio valia por dez nas lutas continuas contra a flo-

resta.

Innumeras aldeias, inclusive de missionarios brotavam, dia a dia, ao longo do caudaloso Negro e dos seus affluentes.

Ajuricaba organizou poderosa frota de canôas e com ella foi levando de vencida tudo o que

topava pela sua frente.

Em represalia ao facto de alguns dos seus irmãos de sangue haverem servido de guias aos brancos, o heroico chefe manáo resolveu adoptar o mesmo processo utilisado pelo adventicio — todo indio que caisse prisioneiro, elle o levaria aos hollandezes afim de vendel-o como escravo.

Mostrava assim Ajuricaba não possuir o instincto cannibal e sim o especulativo, applicando uma solução humana e rendosa.

Cada dia que se passava, o chefe indigena augmentava os seus dominios, tomando uma aldeia ou tripudiando dos seus habitantes com ataques de surpresa dirigidos com energia.

Para debellar a acção dos incolas, mil pedidos foram feitos ao governador do Estado do Pará. Em vista desses appellos, o general João da Maia da Gama resolveu nomear Belchior Mendes de Moraes para guarnecer as posições invadidas com um corpo de infantaria. Da expedição fazia parte o ouvidor José Borges Valerio, que levava a missão de dirigir uma devassa na vida do chefe e da tribu guerreira.

Assim que a expedição abordava a villa de Carvoeiro, os habitantes cercaram-na, revelando que Ajuricaba acabara de aprisionar naquella cidadezinha muitos indios cathechisados, Belchior, incontinenti, saiu ao encalço do agressor e, no fim de algum tempo, alcançon a flotilha indigena, composta de vinte e cinco canôas.

Belchior chamou o chefe manáo, exigiu a entrega dos presos e o reprehendeu acremente.

O ouvidor de Belém regressou a esta cidade com fortissima documentação contra Ajuricaba e seus irmãos Bebari e Bejari.

Levado o facto ao conhecimento do rei, este ordenou que fosse feita guerra aos chefes denunciados até ao exterminio.

Nova tropa é organizada e, sob o commando do capitão João Paes do Amaral, parte para reforçar a enviada em primeiro logar.

A luta se trava por todos os quadrantes e, embora a differença de armamento, Ajuricaba resiste algum tempo, dando exemplos seguidos de

audacia e valor.

Finalmente, como apertado numa cinta de ferro, elle se vê cercado com seus irmãos e mais de dois mil guerreiros. Cae prisioneiro, lutando. Levam-no para bordo de um navio e lá elle consegue amotinar os presos que a custo foram subjugados. Como se pudessem algemar a idéa que o dominava, amarram-lhe aos pés grossas e pesadas bolas de ferro com correntes. Todavia Ajuricaba não nasceu para ser captivo e numa manhã consegue arrastar-se até a borda do "gaiola" e, explodindo de alegria, atira-se ás aguas espelhantes do rio com os seus pesados grilhões, libertando-se para sempre.

Hoje o povo amazonense aguarda outro libertador que o livre da agonia financeira que o suffoca e um halo de gloria serve de resplendor á personalidade de Ajuricaba — o symbolo da liberdade naquellas plagas.

Os mais bellos e os mais feios indios do Brasil

O bello e o feio são rectas que divergem de um ponto unico — o olho do observador. Variando este ponto, muitas vezes, o que era bello passa a ser feio e vice-versa. A belleza e a feiura são uma questão de opinião, cambia de individuo a individuo e, ás vezes, na mesma pessõa que observa, o seu estado d'alma e as condições em que se passa o facto influem poderosamente no julgamento.

Um individuo com médo e não habituado ao convivio gentilico acha todos os selvicolas com caras detestaveis, horriveis, demoniacas. Ao invés desse contacto pessoal realisado em plena selva, fosse o conhecimento travado através duma pellicula cinematographica esses mesmos indios seriam considerados bellos, athleticos e agilissi-

mos.

Vaz de Caminha achou as nossas indias "tam graciosas" que eram capazes de causar inveja ás patricias que haviam ficado alem-mar. Os proprios indios, apesar dos batoques que lhes adornavam os labios, das pennas que grudavam ao corpo e do urucum escarlate que lhes dava o aspecto diabolico, mereceram as mais encomiasticas referencias. Já, pelo contrario, o feliz navegador

Americo Vespucio viu essa gente com olhos pessimistas e transmittiu a toda a Europa uma im-

pressão pouco verdadeira.

Até na caracterisação das nuances dermochromicas houve divergencias profundas — variou do negro ao moreno, passando pelo vermelho e pelo castanho. O phenomeno do daltonismo foi patente...

Era natural que os aspectos somatologicos dos nossos ameríndios variassem extraordinariamente, porquanto existiam na ourela immensa do nosso continente grupos de differentes origens. A confusão reinou até o nomento em que anthropologistas illustres elegeram o nosso territorio para campo de suas pesquisas scientificas.

Martius dividiu os nossos indigenas, quanto á feição do corpo, em duas categorias: os de aspecto mongol — pequeninos e de olhos obliquos, e os de facies caucasico — altos, de olhos horizontaes e nariz aquilino. Tivemos a ventura de conhecer indios dos dois typos. Achámos as mulheres pequeninas e de olhos amendoados bem mais lindas e encantadoras que as demais, ao passo que, no grupo contrario, estão os homens mais bellos: altos, esbeltos, fortes e sympathicos.

Entre as parecis ha indias intercssantissimas, de compleição franzina, olhos scismadores e mãos elegantissimas. Hoje, depois que a acção bemfazeja de Rondon se fez sentir, ellas andam vestidas como civilisadas e fazem frequentes uso do banho.

Com as mesmas feições mimosas vi algumas selvicolas da fronteira do Perú, pertencentes á tribu dos curinas. Talhe gracioso, boca pequena com optimos dentes, cabellos compridos compondo os seios... Andavam completamente nuas. com pequenas tangas... Se bem que houvesse tanta graça reunida em uma só pessôa, não nos sentiamos bem perto della — o odor exquisito, mixto de peixe e oleos vegetaes, que se irradiava do seu corpo, causava malestar. Julgámos, de inicio, que, apesar da quantidade infindavel de rios e igarapés, aquellas Evas desconhecessem o uso benefico do banho. Estavamos errados, o incola na Amazonia quasi nasce dentro d'agua e em luta com as candaes elle peleja a vida inteira. As nossas indiazinhas não podiam fugir á regra. De facto, o banho era para ellas até uni divertimento e por isso banhavam-se a todo instante; conitudo, logo que saiam d'agua, sentindo ainda o aljofar rorejar pela pelle morena, applicavam -- não com receio do sol inclemente do equador mas dos mosquitos máos e ennervantes — um crême, não como o que usam as civilisadas praianas, mas preparado com urucum, copahiba e oleo de peixe...

São estas as mais lindas selvicolas que conhecemos. As mais feias não digo. Não fica bem a um homem dizer que uma mulher não é bonita, mesmo que ella seja selvagem.

No homem selvagem a belleza é caracterisada pelo porte e pela massa de musculos do individuo. E dentro deste limite de idéas podemos eleger os guapos borôros (não diga bororós que elles ficam zangados) como os mais bellos amerindios. De passagem, é nosso dever informar que esses indigenas muito auxiliaram os bandeirantes quando da famosa descoberta do ouro cuyabano. Os cayapós eram uma nação bra-

vissima e guerreira que dominava todo o valle do rio das Mortes e a cabeceira do Xingú. Tal era o espirito marcial que a orientava, muitas vezes excursionara até o sertão de Curityba. Numa certa época, esses aboricolas resolveram impedir o trafego entre S. Paulo e Curityba, trucidando os viageiros que transitassem por aquella intermina picada.

Para pôr um ponto final nessa matança partiu de Cuyabá, com 500 borôros, o coronel Antonio Pires de Campos, para, com ferro e fogo, escorraçar os cayapós daquellas paragens. Tal foi a carnificina que até hoje as duas clans se odeiam,

São a esses valentes e doceis indigenas, os borôros, que damos o pomposo qualificativo de bellos. Os seus semblantes são comtudo feios, mais em virtude do costume de ataviarem o rosto do que pelos traços physionomicos.

A fealdade dos homens não é levada em linha de conta. Não é peccado dizer-se que um homem é feio.

Entre os selvicolas horriveis devemos citar os botucudos, que alargavam de tal modo os beiços, dando-lhes o aspecto de enormes castanholas; os cauanas, com estatura média de um metro, á guisa dos pigmeus africanos; os uginas, homensmacacos, dotados de caudas e localisados no Alto Juruá por Fr. José de Santa Thereza Ribeiro.

Na pesada caminhada que fizemos através do Brasil vimos muitos aborigenes feios, horrorosos mesmo, e sempre os encontrámos unidos a companheiras, ás vezes, até bonitas. O velho adagio sempre se confirma — "nunca falta um chinello velho para um pé doente".

A victoria régia e sua lenda

A Victoria Regia ama as enchentes, a inundação, e parece que goza mesmo da desgraça alheia. A' medida que as aguas vão subindo, com ellas vão crescendo os longuissimos peciolos, que, ás vezes, attingem cinco metros de comprimento. Emquanto pequenos, esses peciolos trazem nas suas extremidades superiores folhas em forma de settas, as quaes se vão tornando cada vez mais oblongas até tomarem o facies de uma enorme bandeja, quando as aguas estiverem na plenitude da cheia.

Ao mesmo tempo que o homem luta contra o demonio potamico que procura reduzil-o á miseria, levando-lhe o gado, os "cherimbabos", a barraca e a propria vida, a Victoria Régia, como uma rainha malvada, como um anjo máu, vestese opulentamente com a riqueza de suas flôres e mantem-se bella e viçosa, emquanto durar a infelicidade do proximo.

Algumas folhas chegam a cobrir mais de tres metros quadrados da superficie azul ou esverdeada das aguas onde vicejam. Os maguaris, as garças e mil outras aves passeiam sobre as lagôas, em todas suas areas, pisando nas largas lages vegetaes que coalham a superficie potamica e

gozando a fragrancia que se desprende das bellissimas flôres que embalsamam o ambiente dum aroma divino.

As flores são matizadas de carmezim e branco, sendo algumas totalmente brancas denominadas pelos europeus de rosas lacustres. A época da floração é em janeiro, e em fevereiro algumas flores chegam a ter trinta centimetros de diametro.

A raiz da Victoria Régia é um tuberculo parceido com o do inhame e do cará, ao qual os indigenas dão o nome de forno d'agua, mercê da sua forma em tudo semelhante a um tacho de torrar farinha. Esses feculentos tuberculos são grandemente apreciados não só pelos indios, como tambem pelos habitantes ribeirinhos.

Se o nivel das aguas permanece elevado, as lindas ninfáceas vivem cerca de dois annos. Se, porém, as aguas descerem, a Victoria Régia vai definhando, como se a ella faltasse o alimento principal para viver — para ella o hydrico elemento é o nosso ar...

Em agosto, já se vĉem gordas capsulas repletas de sementes que se vão depositando no lodo do fundo, quando as aguas estão "in-extremis". Enterram-se naquella lama diluida que se endurece totalmente, assim que recebe directamente a acção vivificante dos raios solares.

Encontram nas sementes, os homens e as aves, um gostoso alimento, esgravatando a terra onde se acham sepultadas. Na procura desse extraordinario "irupé" — o milho d'agua dos indigenas, agrupam-se garridos bandos de passaros, exihibindo-nos espectaculo maravilhoso. Com suas ricas

roupageos de plumas substituem, naquelle scenario encantador, os largos mantos verdes enfeitados de riquissimas flores das victorias régias. Esses passaros levam consigo as sementes e deixam-nas algures. As aguas arrastam tambem uma quantidade incontavel de grãos. E desse modo se propaga a existencia da Victoria Régia que é encontrada, desde os mananciaes dos affluentes da esquerda do volumoso Amazonas até os baixos tributarios do Paraná e do Paraguay. Designam os botanicos essa dispersão provocada pelos passaros de florula ornitocorea, e de hydrocorea, a produzida pela torrente.

A deusa vegetal dos lagos era conhecida dos guaranis, que a chamavam de "irupé"; os nossos adigenas tratavam-na de "iapucacaa"; os scientistas alienigenas, segundo uns Lindley e consoante outros Boapland e D'Orbigny, fazendo uma barretada á terra de Lord Byron, deram-lhe o nome da intelligente rainha Victoria— a mulher que sabia dirigir homens—da—tempera—de Gladstone e Disraeli.

Os guaranis ecrearam a magnifica planta bydrophila com o matiz deificante duma lenda. Dois jovens indigenas se amayam, como sabem amar os que vivem longe dos tentaculos da civilização.

Segundo nos informa o maravilhoso Eruesto Morales, chamavam-se Moroti — uma morena formosa como Iracenia, a virgem que enfeitava a cabana de Araken — e Pitá, um guapo rapaz — o mais forte e o mais bravo dos guerreiros.

Viviam pelas matas correndo e caçando, colhendo flores com que organizavam encantadoras grinaldas e pescando, na mansuetude das lagôas, os peixes mais saborosos.

Um dia, Moroti quiz experimentar até que ponto ia o amor que lhe devotava o moreno Pitá e, tirando do braço uma pulseira de contas silvestres, arremessou-a ao caudaloso Paraná, ao mesmo tempo que dizia: "Querem ver o que este guerreiro é capaz de fazer por mim?".

Estava a margem litteralmente cheia de incolas que ali se haviam reunido, para uma pyramidal pescaria — inicio de grandes folguedos. E Moroti não quiz deixar a opportunidade de mostrar ás suas amigas, como era amada pelo mais valente varão daquellas terras.

Em todos os tempos a mulher fez da vaidade a sua principal virtude... ia dizendo defeito. Mesmo entre os aboricolas topamos jovens e velhas mesmo que gostavam de ataviar-se com flores e plumas. Vi, certa vez, uma paumari pedir a uma senhora que, viajava pelo Purús, um cachorrinho "lutú" que ella levava. A dama estranhou o pedido, e indagou para que ella desejava o animal. E a india respondeu incisivamente: — "Para matar e fazer boniteza"... A pobre bugra vira á mesma senhora com uma rica "renard" e com o pêlo do cão, pensava fazer adorno igual.

Voltemos á nossa lenda.

Assim que o braçalete da sua doce amada feriu a superficie das aguas, Pitá, num mergulho nervoso, atirou-se no Paraná, procurando apanhál-o.

Moroti ficou sorrindo, como só as filhas trigueiras das selvas sabem sorrir. A's risadas dos que assistiram a scena, adveio um silencio contristador — o indio não voltara á tona. As mulheres choravam, os homens lamuriavam-se — apenas Moroti continuava a sorrir...

Foi chamado á pressa o pagé, afim de que

explicasse o succedido.

A passos apressados veio o feiticeiro da tribu, e, depois de meditar profundamente, com voz compassada, explicou — "Pitá a esta hora está num palacio encantado, recebendo os carinhos de "I cunhã payé" — a fada das aguas". Moroti deixou de sorrir. E o bruxo continuou: — "Assim que Pitá merguthou, a loira cunhá das aguas levouo para o seu palacio de diamante e, envolvendo-o nos seus cabellos, cobriu-o loncamente de beijos... E' preciso libertar Pitá e sómente uma joven que o ame apaixonadamente poderá fazel-o".

Moroti não quiz escutar mais nada: amarrou pesada pedra aos pés e deixou-se envolver pelas

aguas numa renuncia adoravel.

Durante todo o dia e quasi toda a noite ficaram os parentes aguardando a volta do casal amoroso.

Aos primeiros albores do dia seguinte, viram todos emergir das profundezas das aguas uma planta desconhecida era "irupé": a Victoria

Régia.

Do seio potamico surgiu uma flor, um verdadeiro amor: grande, de côres vivissimas, perfumada... As petalas do centro eram alvas como o nome da donzela selvicola — Moroti e as da peripheria, vermelhas como o do guerreiro — Pitá. A flôr irrompeu das aguas, esteve um momento acima do nivel das mesmas, deixando espalhar seu perfume e rorejar goticulas, como se fosse

uma joven que saisse do banho... De repente, deu um gemido e desappareceu novamente, no

scio das aguas, donde despontara.

O pagé explicou — "Essa flôr representa o amor vencedor. Moroti libertou Pitá dos meneios da feiticeira das aguas que tantos guerreiros nos tem roubado. Façámos festa, cantamos — "I cunhã payé" foi vencida pelo amor puro de Moroti". E na margem do gigantesco rio, foi improvisada uma festança. Uma cantoria enfadonha exprimia o contentamento daquella gente que acreditava no pagé, como se elle fosse a encarnação da verdade.

A flôr da Victoria Régia só se abre de dia. Assim que a terra se cobre do luto da noite, a magnifica flôr fecha-se de todo e submerge. Neste momento Pitá e Moroti se abraçam e dormem profundamente até o dia seguinte embalados pelo movimento das aguas.

Daquelle somno amoroso nascem as sementes que perpetuarão a especie, caindo ali mesmo no lado do fundo, ou levadas para outras plagas nos intestinos dos peixes e das aves, no pêlo dos animaes, pela torrente que embalança os compridos peciolos cobertos de aculeos, e pela mão do homem que estuda a Natureza e que ama o bello.

O matte e suas lendas

Pelo terreno ondulante do sul mattogrossense, pelos rincões fertilissimos do Paraguay e pelo maravilhoso oéste parano-catharinense, viceja uma arvore abundante em folhas esplendorosamente verdes, parecida com a laranjeira, a qual chamamos herva-matte. Os castelhanos tratam-na por yerba e os guaranys simplesmente por caa.

Ao fazer o panegyrico do matte, não irei ao ponto de dizer que elle é o nectar dos deuses; to-davia, com o men testemunho ocular, posso garantir possuir o precioso vegetal qualidades ex-

traordinarias.

Fui creado á curopéia, bebendo café e chá. Recordo-me de que na minha infancia poucas vezes fiz uso do matte. Achava até desagradavel o aroma característico das suas folhas trituradas...

Por varias contingencias da vida que a ninguem é dado prever, vi-me, duma feita, no Estado do Paraná. De nova convivencia nascem habitos novos e, sem sentil-o, tornei-me inveterado bebedor de matte-chimarrão.

Viajava, certa vez, em companhia de alguns paraguayos, pelo sertão paranaense. A alimentação era parca e o trabalho de abrir uma picada, recem-fechada pela propria matta, estafante. De quando em quando eu ouvia um lamento — "Se

houvesse yerba, não me faltariam forças", ou então a arenga arrastada dum authentico incola que comnosco seguia — "Que bom seria se encontrassemos um pé de caa".

Sem que esperassemos, certo dia, vimo-nos no amago dum herval, onde, sob a sombra das araucarias soberbas, as arvores se adensavam de mo-

do nunca visto por mim.

Foi uma festa. Incontinenti varios ramos foram arrancados, uma fogueira accessa e sobre ella armada, com bôas varas, uma tripéça, onde os gallios colhidos foram postos a seccar.

Em pouco já estavam os meus companheiros outros homens: alegres, chistosos e com melhor

disposição para o trabalho.

Dahi em deante nunca dispensei um bom carregamento de herva-matte — era o combustivel que dava áquellas machinas o melhor rendimento.

Ha nas propriedades intrinsecas do matte qualquer cousa de divino que produz verdadeiras metáboles no organismo humano: solevanta as forças, gera alegria e animo para a luta, sem deprimir o coração nem fatigar o estomago.

. . .

Com o matiz com que os incolas pintam suas lendas, fizeram o matte nascer dum bravo e velbo indigena que morrera após pelejar rudemente com uma onça.

Pela selva espessa, corriam Yaci e Arai — duas jovens formosas — despreoccupadamente, nas trilhas abertas pelo pulso vigoroso dos sel-

vicolas.

Em Yaci viam os guaranys a lua metamorphoscada em loira e encantadora mulber que se fazia acompanhar, sempre e sempre, de sua companheira Arai — a nuvem transmudada em uma donzella mais branca que o marmore de Carrara.

Doidejavam pela matta, alegres como dois colibris amorosos e contentes da farta colheita de mel feita no coração das flôres...

Subito surge, a passos lerdos e firmes, um enorme e solerte *yaguaretê*. Rondava as duas virgens, como a Morte em torno do leito dum moribundo.

Preparava, com toda a technica felina, o golpe fatal. Encolhera-se, retezára os musculos, firmára-se nas pernas trazeiras que funccionam á guisa de catapulta, e estava prestes a lançar-se no espaco...

Annuncia sua presença com fortissimo arro. Esse rumor inesperado quebra a alegria daquelle folguedo e, transidas de horror, as donzellas ficam presas ao chão, tontas, pasmas, sem uma attitude.

No momento mesmo em que, no ar, a féra se esticava como límite maximo do impulso que trouxera, de trás dum tronco surge um velho incola que a enfrenta com o arco retezado e flecha armada.

O bravio animal volta sua ira para o intromettido, que, sem perda de tempo desfere o golpe que premeditára.

Do mesmo modo que um monte de carne movido por forte corrente electrica, o corpo da féra róla pela relya, eniquanto seus berros de dor e odio echoavam pela mattaria sem fim. Pôde o odio mais que a dor e, dum salto, levanta-se a furibunda onça e, de frecha, atira-se sobre o velho bugre.

Não contava este com tão rapida reacção e nem tempo teve de armar novamente o seu arco.

Se bem que velho, o aboricola tinha a flexibilidade dum athleta grego; esquivou-se do animal malferido, agachando-se e alapardaudo-se por entre os troncos agigantados das arvores, até que conseguiu acertar firme golpe de dardo em pleno coração do adversario, na occasião em que elle passava, de salto, por sobre sua cabeça.

Rugin mais uma vez a féra — grito de agonia, berro de quem se despede deste mundo protestando. Torceu-se a si mesma, como torcemos um pedaço de cipó. E morreu deixando as deusas e o seu salvador em plena paz do Senhor.

Não teve tempo de falar ás suas bellissimas deidades por quem se batera, por terem desapparecido quasi ao terminar a dura refrega.

O esforço fôra anormal para as forças de suas fibras já avelhantadas. Sentiu necessidade dum repouso reparador.

Procurou uma clareira e, em macio colchão de folhas cahidas, deitou seu corpo cansado.

Mal cerrou os olhos, começou a sonhar com as branquissimas raparigas que vira momentos antes. Foram desta feita mais communicativas, chegaram-se a elle com carinho e, deixando ver, na abertura rubra das boccas, lindissimas perolas, disseram-lhe quem eram e prometteram-lhe uma surpresa ao acordar. Fizeram espoucar do chão uma arvore já grande. Ensinaram-lhe o modo de

usar suas folhas que devem ser tostadas ao fogo, porquanto ao natural, isto é, verdes, são venenosas.

E assim surgiu a herva-matte, que representa a força do yaquaveté vencido, e a bravura do velho selvicola victorioso. Em suas folhas leva ao humano que a procura a energia que em si encerra.

Além desta, ha outras lendas, muitas ou quasi todas deixando transluzir a influencia dos jesuitas.

Deus vagava pelo sertão acompanhado de S. João e S. Pedro — seus dois apostolos predilectos.

Chegados ao terreiro duma velha choupana bateram, e foram recebidos por um ancião que tinha a illuminar seus dias os olhos mimosos de sua filha.

Foram os recem-chegados acolhidos com ternura e do pouco que tinham os donos da casa repartiram por todos. A gallinha que sozinha cacarejava no gallinheiro foi immolada em honra dos hospedes...

Deus, vendo tanta bondade no coração da menina, transformou uma arvore qualquer que frondejava junto á cabana mun pé de yerba. Ensinou á mocinha como deveria usal-a e elegeu-a sua protectora. Desta lenda nasceu a personagem Caa-Yara — uma deusa loira que vaga nos hervaes, aniparando os que trabalham na elaboração do matle.

Dizem que Caa Vara castiga com morte tragica a todos os que abandonem a faina dos hervaes em busca de nova profissão. Apparece no lendario brasilico um "pae Sume" — branco, conhecedor de muitas lavras, que aos indios ensinou varias applicações do milho, da mandioca, etc. E que, como surgiu, desappareceu, mysteriosamente.

Deram os jesuitas a esse homem o nome de S. Thomé ou S. Thomaz que, não consta terem nunca abordado a estas plagas americanas.

Ha quem acredite ser S. Thomé o descobridor da herva maravilhosa. Certa vez, procurando catechizar uma tribu arredia e refractaria ao seu convivio, pegou um punhado de folhas de caa que os aborigenes sabiam venenosas, collocou-as ao alcance do calor duma fogueira e, em seguida, com ellas, preparou uma infusão perfumada que deu, após behel-a, aos presentes para que a bebessem tambem. Este milagre converteu a tribu e emprestou á planta algo de sobrenatural.

Em tudo quanto até agora paleámos, ainda não appareceu a figura do Tinhoso com seus pés de pato, rabo de tigre e cara de veado catingueiro... Surge agora.

Como ainda hoje succede a gente super-civilizadissima, os autochtones criam nos pagés, nos seus feiticeiros que, das propriedades vitalizantes da herva, se aproveitavam nas suas scenas de bruxedo e magia.

Os pagés foram informados das qualidades da herva-matte por Anhangá, com quem tinham grandes laços de amizade. A' guisa de senha ficou assentado entre elles que todo aquelle que quizesse um "rendez-vous" com Anhangá no portão do inferno, devia beber um pouco do infuso da aromatica herva.

E assim com origens em pontos diametralmente oppostos, surgiu a herva-matte, a *yerba* dos castelhanos, a *caa* dos selvicolas. Para quem a aprecia nasceu a planta nos jardins de Jeovah; para os que lhe não gabam o gosto, junto ás caldeiras do Pedro Botelho...

BIBLIOGRAPHIA

- Mello Moraes Filho Revista da Exposição Anthropologica Brasileira.
- 2 Missão Rondon.
- 3 ROQUETTE PINTO Rondonia.
- 4 ROQUETTE PINTO Seixos rolados.
- 5 ALIPIO BANDEIBA A cruz selvagem.
- 6 AMILCAR BOTELHO DE MAGALHÃES Pelos sertões do Brasil.
- 7 Horta Barbosa O problema indigena.
- 8 Estevão Pinto Indigenas do Nordeste.
- 9 -- ROBERT SOUTHEY -- Historia do Brasil.
- 10 RICARDO LEVENE Historia Argentina.
- 11 GARCIA MEROU Historia Argentina.
- 12 JOAQUIM CATUNDA Historia do Ceará.
- 13 Lucas Boiteux Armas Santa Catharina.
- 14 Major Boanerges Lopes de Souza Relatorio Inspecção de Fronteiras.
- 15 1.º Ten. José de Lima Figueirêdo Relatorio.
- 16 -- 1.º Ten. Joaquim Rondon -- Relatorio.
- 17 GEN. CANDIDO RONDON Conferências.
- 18 Emilio Morales Leyendas guaranies.
- 19 CAETANO CABRAL Revista da Associação Commercial de Manáos (guaraná).
- 20 Almirante Ferreira da Silva Relatorio Limites Brasil-Perú.
- 21 GEN. COUTO DE MAGALHAES Viagem ao Araguaya.
- 22 -- Monsenhor Massa -- Pelo Rio Mar.
- 23 Angyone Costa Introducção á Archeologia Brasileira.
- 24 J. F. DE ALMEIDA PRADO Primeiros povoadores do Brasil.

- 25 RAYMUNDO MORAES No paiz das pedras verdes.
- 26 -- JORGE HURLEY -- A Amazonia Giclópica. 27 -- Gastão Cruls -- A Amazonia que cu vi.
- 28 -- Agnelo Bittencourt Corographia do Estado do Amazonas.
- 29 João Severiano da Fonseca Viagem ao redor do
- 30 Theodoro Sampaio Archeologia Brasileira. 31 -- Alcide d'Orbigny L'homme Americain.
- 32 GEN. COUTO DE MAGALHAES O Selvagem.
- 33 João Ribetro Historia do Brasil.
- 34 HENRI COUDREAU Voyage au Tocantins el Araguaya.
- 35 -- T. Koch Grünberg -- Die Maku Indianer.
- 36 GONÇALVES DIAS Brasil e Oceania. 37 A. Metraux La civilisation matérielle des tribus tupy-guarany.
- 38 Plinio Ayrosa Primeiras noções de Tupy.
- 39 Rodolfo Garcia Ethnographia. 40 Araujo Lima Amazonia A terra e o homem.
- 41 RAYMUNDO MORAES -- Na planicie Amazonica.
- 42 -- PADRE A. COLBACCHINI -- A Tribu dos Borôros. 43 -- Gabriel Soares Tratado descriptivo do Brasil
- em 1587.